

I Encontro Internacional Artes, Comunidades e Educação

CADERNO DE RESUMOS

Apoio:



11ª Coordenadoria Regional
de Educação de Osório

Realização:



I Encontro Internacional Artes, Comunidades e Educação

Daniel Bruno Momoli
Juzelia de Moraes Silveira
Leonardo Marques Kussler
(Orgs.)

Osório, 7 e 8 de julho

Compilação, editoração e formatação: Leonardo Marques Kussler

Revisão gramatical e ortográfica: responsabilidade dos(as) autores(as)

Capa e projeto gráfico: Loriania da Silva Iung

Imagem de capa: Manipulação digital a partir de mapa hidrográfico de Osório e suas 23 lagoas

Todos os direitos reservados.

© 1. ed. 2023 – Organizadores da Publicação e Uergs.



Creative Commons License

E-book – PDF

Catálogo de publicação na fonte (CIP)

E56 Encontro Internacional Artes, Comunidades e Educação (1: 2023: Osório) / Organizadores: Daniel Bruno Momoli; Juzelia de Moraes Silveira; Leonardo Marques Kussler. – Osório - RS: UERGS, 2023.

119 f.; E-book - pdf
ISBN 978-65-86105-72-8

1. Artes. 2. Contextos educacionais. 3. Resumos. I. Momoli, Daniel Bruno. II. Silveira, Juzelia de Moraes. III. Kussler, Leonardo Marques. IV. Título.

CDU 7:37

Bibliotecário Marcelo Bresolin – CRB 10/2136

APRESENTAÇÃO

Carmen Lúcia Capra

O I Encontro Internacional Artes, Comunidades e Educação é uma produção do Programa de Pós-graduação em Educação da UERGS (PPGED-Mestrado Profissional), linha de pesquisa Artes e Contextos Educacionais, a ocorrer de forma híbrida na Unidade Litoral Norte (Osório) nos dias 7 e 8 de julho de 2023. O intuito do evento é comunicar, refletir e praticar o ‘ser-com’ a partir do que desenvolvem artistas, professoras/es, pesquisadoras/es e agentes comunitárias/os nos territórios em interfaces com artes, comunidades e educação.

O evento conta com palestras, mesa-redonda, espaço para apresentações de pesquisas e relatos de experiência, além oferecer práticas experimentais de grupos que praticam e pesquisam o bordado coletivo no centro de Osório. Dessa forma, busca modos de formar e formar-se entre moradoras/es e participantes das artes, da educação e de organizações comunitárias, a partir de uma programação variada apresentada abaixo.

Uma ótima leitura!

I Encontro Internacional Artes, Comunidades e Educação

7 e 8 de julho de 2023

PROGRAMAÇÃO

7 de julho, sexta-feira

TARDE

14h às 17h – Grupos de bordado presencial: Bordado Livre (Uergs)

Local: Largo dos Estudantes Sônia Chemale, no centro de Osório.

NOITE

19h – Abertura (online e presencial)

19h30min às 21h – Conferência de abertura e discussão, com a Prof^ª. Thereza Portes (UEMG).
Presencial e online.

8 de julho, sábado

MANHÃ

9h às 12h – Sessão de Comunicações – Tema: Artes, Comunidades e Educação. Presencial e online.

TARDE

14h às 15h30min – Mesa-redonda com convidados. Presencial.

Henrique Medeiros – Empreendedor Social do Centro de Educação Ambiental (CEA), no bairro Bom Jesus em Porto Alegre/RS

Marcelo Chardosin – Idealizador do Parque da Solidariedade e do Museu Baldio, em Alvorada/RS

Ana María Noguera Durán – Pesquisadora sobre poéticas de luta e resistência das Antígonas colombianas sobre mulheres e teatro em zona de violência na Colômbia

16h às 17h30min – Conferência e discussão, com a Prof^ª. Ana Laura López de la Torre (Udelar).
Presencial e online.

17h30min – Encerramento

A coordenação teve amparo na linha de pesquisa Educação e/em Artes Visuais do Grupo Flume, sendo minha a coordenação geral, acompanhada por Leonardo Marques Kussler, pós-doutorando no PPGED-Uergs, Juzelia Moraes Silveira, professora da rede pública de São José/SC e professora colaboradora do Ceart - Udesc/SC, Daniel Bruno Momoli, professor na Universidade Federal de Pelotas (UFPEL), Gabriela Morél de Oliveira, mestranda no PPGED-UERGS, Luana Terra, artista visual e educadora social, Lorian da Silva Iung, graduanda em artes visuais: licenciatura – Uergs e estagiária no Núcleo Educativo e de Programa Público do MARGs.

O histórico do Encontro pode ser acessado pelo site do Grupo Flume:

<https://grupoflume.com.br/index.php/encontro-internacional/> e suas redes sociais.

I Encontro Internacional Artes, Comunidades e Educação

7 e 8 de julho de 2023

SUMÁRIO

Adriana Henry Camara

Atelier Aberto, livre: práticas e desafios da Arte no ensino informal _____13

Adrielle da Silva Carvalho e Gabriela Medeiros Nogueira

Alfabetização: conhecendo as estratégias pedagógicas de uma professora alfabetizadora _____14

Alice Andreoli dos Santos e Vitória Allmer Rehbein

Trocas em Artes: compartilhamento dinâmico de saberes artísticos no IFRS - campus Osório _____16

Aline Duarte e Gisele Massola

Representações de artistas latino-americanas femininas da coleção *AntiPrincesas* na plataforma *Árvore*: ensinando a desconstruir estereótipos? _____18

Aline Nunes

Arte e docência em meios autobiográficos _____20

Alucas Idalgo de Matos da Silva, Ana Carolina Cecchin Chini, Bruno de Andrade Campos e Carmen Lúcia Capra

Bordado livre: cruzando pontos de encontro _____22

Ana Cláudia Magnani Delle Piagge [Ana Magnani]

(Inter)loquções com crianças: a socialização na escrita artística-orgânica _____24

Andréa Cristiane Silveira da Rosa e Martha Giudice Narvaz

“Toinhinhos”, princesa? Só que não. A potência da literatura infantil na formação da subjetividade das meninas negras _____26

Andrea Simoni Rech

Projeto Mala Direta “leituras te visitam”: relato de experiência _____28

Andrew Midões Magno e Fábio Wosniak Pertencimentos dissidentes _____	30
Beatriz Santos Pontes Aquilombar, rastros de resistência: as comunidades remanescentes quilombolas no geoparque Quarta Colônia (RS) _____	31
Bianca Salazar dos Santos e Martha Giudice Narvaz Arte ancestral, gênero e educação indígena: as vasilhas cerâmicas das mulheres guarani _____	32
Bruno de Andrade Campos, Lai (Larissa) Borges Ferreira e Mariana Silva da Silva Arte, educação e natureza: uma pesquisa poética no infraordinário _____	34
Camila Scheffer Hein e Lúcio Kerber Canabarro Visualidade e Mata Atlântica: um relato de experiência _____	35
Carla Rosangela Jacinto Escrivências na prisão: (re)pensar as violências contra as mulheres com Conceição Evaristo _____	36
caroline silva da luz e Martha Giudice Narvaz educação apócrifa: de cacos a mosaicos _____	38
Cleandro Stevão Tombini Interdisciplinaridade e interesse por Geometria _____	39
Cristiane Machado Corrêa Ferreira e Silvia Carla Marques Costa Experimentações em estágio supervisionado: tecnologias de encantamentos e saberes amazônicos _____	41
Cristina Rolim Wolffenbüttel, Jeicy Kelly Carvalho, Tiago Rubert, Leonardo Giongo, Luisa Silva de Azevedo e Sabrina da Silva Santos As competências dos conselhos de educação para a operacionalização do ensino de música na Educação Básica: uma pesquisa documental _____	42
Daiane Marques A presença indígena brasileira nas bienais de São Paulo _____	44

Daniel Bruno Momoli A aula como cultivo de formas de estar juntos _____	46
Diane Sbardelotto e Luciana Gruppelli Loponte <i>Arte como Educación</i> no projeto <i>Una Escuela Sustentable</i> : artistas residindo em uma comunidade para construir uma escola _____	47
Diego C. Lunelli Possíveis horizontes afrocentrados para educação escolar _____	49
Eduardo Silveira d’Avila e Tatiana Cardoso da Silva Coexistência, uma performance instalação _____	50
Fabiane Tejada da Silveira Um “TOCO” no caminho da opressão: projeto de pesquisa e extensão universitária – Centro de Artes/UFPeL _____	52
Fábio Wosniak Inflexões no ensino de Artes Visuais _____	53
Felipe Araújo de Melo e Larissa Cunha Menezes Corpos históricos: teatro dos sentidos como prática pedagógica no ensino de história para alunos cegos _____	55
Fernanda Eiras Rubio As “Paisagens Sonoras do nosso cotidiano” como proposta de Eletiva no Ensino Médio durante a pandemia _____	56
Fernanda da Silva Spíndola e Itamar Luís Hammes Ensino profissional no cárcere: uma perspectiva feminina _____	58
Gabriela Silva Morél de Oliveira e Carmen Lúcia Capra A arte como um comum na relação escola e comunidade _____	59
Giedre Oliveira Nascimento e Cristina Rolim Wolffenbüttel Relatos de uma experiência encantante _____	61
Graziela da Rosa Silva Felicio e Cristina Rolim Wolffenbüttel Grupem Cast Uergs “música na infância”: relato de experiência _____	63

Gustavo Eger Sawada, Lara Nunes Rodrigues e Tharciana Goulart da Silva Trabalhando o contexto da escola na aula de Artes Visuais _____	64
Isabel Cristina Reinhardt Zimmermann, Graziela da Rosa Silva Felício e Cristina Rolim Wolffenbüttel Curso “Colóquios do Grupem”: relato de experiência _____	66
Jéssica da Silva de Oliveira e Martha Giudice Narvaz Dos castelos das princesas à cabana do desprincesamento: perspectivas pedagógicas feministas desde as infâncias _____	67
João Vitor Rangel Miranda Os caminhos do nosso mundo: uma proposta didática para docentes e discentes do Ensino Médio _____	69
José Lorencio Ramos Filho e Ana Valéria de Figueiredo O que está no meio é atravessamento: corpo, cidade e processos pedagógicos afetivos no contexto de pessoas em situação periférica _____	71
Juliane Barbosa de Sousa Leal Pensando o ensino de Artes de forma inclusiva: relatos de experiência sobre a prática de um aluno autista _____	72
Leandro Rodrigues Nascimento da Silva e Ana Valéria Figueiredo da Costa Arte, educação e política nos desfiles do Carnaval carioca _____	73
Leonardo Giongo, Cristina Rolim Wolffenbüttel, Luisa Silva de Azevedo, Sabrina da Silva Santos, Tiago Rubert e Jeicy Kelly Carvalho Documentos orientadores municipais de secretarias de educação do COREDE Vale do Caí/RS: uma pesquisa documental _____	74
Lúcia Grave Magueta A experiência artística na formação de profissionais de intervenção social – relato de uma experiência de autorretrato realizada na oficina de artes plásticas _____	76
Maria Lucia Matos Scheffer e Cristina Rolim Wolffenbüttel Sons da Infância – “propostas de atividades musicais para educação infantil”: relatos de experiência _____	77

Mariana “Annie” Ruaro de Vasconcelos <i>Sketchbooks</i> : um relato de como utilizá-los em aulas de Corte e Costura	78
Mariana Cunha Bhering Cidade educadora e juventude: formação para cidadania e educação ambiental mediante projetos sociais	80
Mariana Souza de Jesus e Mariane Rotter Laboratório de imagens: experimentações e processos em fotografia	81
Mariana Nunes dos Santos e Ana Valéria de Figueiredo Fotografias imperfeitas	82
Mayara de Lima e Mariana Silva da Silva Gestos de contato {gestos infraleves}: pequenas percepções para tempos pós-pandêmicos	83
Merilin Baldan, Vania Maria dos Santos, Ana Lais Lúcia Campos e Carlos Eduardo Conceição Brito Epistemicídio entre textos e imagens: uma discussão a partir das representações em apostilas do Ensino Médio	84
Mônica da Silva Pedrini e Tharciana Goulart da Silva Os <i>façeres especiais</i> no ensino de Arte	86
Pâmela Linéia Correia da Silva Mapelli e Martha Giudice Narvaz As mulheres professoras: a cartografia de histórias na docência	88
Paola Dozoretz Holzapfel e Flávia Roberta Busarello O Teatro Social dos Afetos como ensaio para a transformação social: relato de estágio final pelo olhar de uma mulher cis branca com estudantes de Teatro em universidade de Blumenau, Santa Catarina	90
Patricia da Silva Wiersbitzki e Carmen Lúcia Capra Possíveis cenas de emancipação: o que acontece (ou pode acontecer) no encontro entre teatro do oprimido, educação e adolescentes?	92
Rita Martins Vilela, Josenildo Santos de Souza, Adriene Coelho Ferreira Jerzolinski e Maristani Polidori Zamperetti Formação de educadores em Artes Visuais, pandemia da Covid-19 e ensino remoto	94

Rittieli Quaiatto Factors 8.0: explorando fronteiras da mediação cultural em meio à pandemia _____	96
Roberta Gerling Moro Uso da caneta 3D nas aulas de Artes e suas potencialidades pedagógicas _____	98
Roberta Soares Cornely e Sandra Monteiro Lemos Praça CEU: momento cultural potencializando as vivências comunitárias _____	99
Rosana Gonçalves da Silva e Leda Maria de Barros Guimarães Arte, educação e ecologias: um percurso coletivo de aprendizagens _____	100
Rosane Gayeski Rosa Susano Correia: olhar a arte para olhar para dentro de si – poéticas pessoais, pensamento crítico, criação _____	102
Rubens dos Santos Celestino Memória, tradição oral e teatro: cruzos de uma formação contracolonial e antirracista _____	104
Samuel Costa Barbosa e Telma Temoteo dos Santos <i>ArtScience</i> e tecnologias no IFNMG Salinas: contemplação e registro da natureza _____	106
Silvana Boone Ausência de mulheres artistas em bibliografias para o ensino da arte _____	107
Silvia Carla Marques Costa Vir/a/ver: expressões visuais de professores nas escolas da beira dos rios da Amazônia _____	109
Simone Maria Spanhol A desenhografia de um movimento _____	111
Sinval de Oliveira Pereira Júnior e Cristina Rolim Wolffenbüttel A aprendizagem em educação musical: uma pesquisa sob a abordagem da teoria da aprendizagem musical de Edwin Gordon _____	112

Tiago Ruan Pereira e Silva, Alexandre Adalberto Pereira e Waldir Ferreira de Abreu Homos(surdofobia): o estresse de surdos LGBTQIA+ em seus processos formativos _____	113
Valéria Moraes e Fábio Wosniak Inflexões no ensino de Artes Visuais: para pensar uma arte/educação dissidente _____	115
Vinícius Silveira Borba A cidade de Osório-RS sob as lentes da Cidade Educadora e da Cidade Aberta _____	117
Vivian Coelho de Abreu e Fábio Wosniak Gravitações poéticas: <i>percursos de criação na formação inicial em Artes Visuais</i> _____	118

Atelier Aberto, Livre: práticas e desafios da Arte no ensino informal

Adriana Henry Camara

O presente relato é uma breve apresentação da criação e práticas do Atelier Aberto Adriartes, Espaço de arte, no período pós-pandemia, abril de 2022, até o momento. Provocada pela necessidade de criar um espaço alternativo às escolas formais, que valorize a Arte como conhecimento, prática, reflexão crítica, experimentação, convivência, é que o Atelier foi aberto na cidade de Porto Alegre. O Espaço/Atelier recebe crianças a partir dos 5 anos, adolescentes e adultos sem limites de idade. Sempre acreditei que o ensino e convivência com a arte não podem ficar restritos às galerias de arte, museus, ou limitado às práticas escolares. Muito além destes espaços oficiais, O Atelier Aberto e Livre, disponibiliza para crianças e adultos, um ambiente de múltiplas linguagens, das mais tradicionais às contemporâneas, em grupos pequenos, atendimentos individuais que permitem uma escuta e um olhar atento para as escolhas, narrativas e potencialidades de cada pessoa. Em pouco tempo, são muitas vivências valiosas e únicas, que só confirmam a importância da Arte como vital, essencial para ser, estar, sobreviver, no mundo hoje. O mundo hiperconectado, relações fluidas, anestesia de sentidos. São cada vez mais raros os espaços/tempos, para brincar, falar, olhar, tocar, sentir, errar, começar de novo, cuidar, ser humano. A Arte não é o único caminho que recupera nossa humanidade, mas é uma ferramenta poderosa para que não nos esqueçamos dela. Aqui citamos Barbieri (2021). Podemos participar deste mundo multimídia, apenas consumindo e apreciando, ou agindo, transformando e criando nossa própria expressão artística. Não é necessário ser um artista profissional, para nos permitirmos conhecer e vivenciar um Atelier de Artes, suas riquezas, suas descobertas, sua materialidade própria. Como indivíduos, crianças e adultos, a necessidade de expressarmos nossas ideias, nossos sonhos, nossos medos, nossa voz, independente da aprovação dos outros, mas simplesmente para sentirmos prazer, liberdade e verdade é o que nos move, no caminho vivo, transformador e infinito da ARTE.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Ana Mae. **John Dewey e o ensino da arte no Brasil**. São Paulo: Cortez, 2002.

BARBIERI, Stela. **Territórios da invenção. Ateliê em movimento**. São Paulo: JUJUBA, 2021.

CANCLINI, Nestor. **Culturas Híbridas**. São Paulo: EDUSP, 2011.

NÓVOA, Antônio. **Professores libertar o futuro**. São Paulo: Diálogos, 2023.

OSTROWER, Fayga. **Criatividade e processos de criação**. Petrópolis: Vozes, 1987.

Alfabetização: conhecendo as estratégias pedagógicas de uma professora alfabetizadora

Adrielle da Silva Carvalho
Gabriela Medeiros Nogueira

Este trabalho apresenta os resultados obtidos, durante a pesquisa realizada para a construção do Trabalho de Conclusão do curso de Licenciatura em Pedagogia. Com o objetivo de conhecer as estratégias lúdicas e pedagógicas utilizadas por uma professora alfabetizadora com nove anos de docência, em turmas de 1º ano dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental. Abordando uma metodologia qualitativa, realizada por meio de pesquisa documental e entrevista com a alfabetizadora que atua na rede pública de ensino, na cidade de Osório/RS. No decorrer da análise de dados, voltada à trajetória da alfabetizadora, foi possível destacar os aspectos que compõem sua prática, sendo uso de materiais concretos, jogos e atividades lúdicas. Sendo assim, diante dos resultados expostos no decorrer da pesquisa notou-se que a prática desenvolvida pela alfabetizadora ao longo dos seus nove anos possui traços significativos com base em uma aprendizagem lúdica, sua prática docente se constitui a partir de formações continuadas realizadas no decorrer de sua docência, como o Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa (PNAIC) criado pelo Ministério da Educação no ano de 2012, trazendo novos parâmetros diante do ensino de turmas de alfabetização, a partir da valorização de práticas didáticas, junto da aprendizagem das crianças. Concluindo-se que busca da alfabetizadora por atualizações em seu campo de trabalho, fez se construir sua identidade profissional, buscando nos estudos os complementos necessários para inovar suas práticas em sala de aula.

REFERÊNCIAS

BURNIER, Suzana et al. Histórias de vida de professores: o caso da educação profissional. **Revista Brasileira de Educação**, v. 12, n. 35, Rio de Janeiro, p. 343-358, May/Aug. 2007. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-24782007000200013. Acesso em: 10 jun. 2023.

BRASIL. Ministério da Educação. Documento Orientador Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa (PNAIC). **Caderno de Apresentação**. Brasília: MEC, SEB, 2015.

GATTI, Angelina Bernadete. Formação de professores: condições e problemas atuais. **Revista Internacional de Formação de Professores (RIFP)**, Itapetininga, v. 1, n. 2, p. 161-171, 2016. Disponível em: <https://periodicos.itp.ifsp.edu.br/index.php/RIFP/article/view/347/360>. Acesso em: 10 jun. 2023.

GAUTHIER, Clermont et al. **Por uma teoria da pedagogia:** pesquisas contemporâneas sobre o saber docente. Ijuí: Unijuí, 2013.

KRAMER, Sonia; SOUZA, Solange Jobim e (org.). **Histórias de professores:** leituras, escrita e pesquisa em educação. São Paulo: Editora Ática 2008.

Trocas em Artes: compartilhamento dinâmico de saberes artísticos no IFRS - campus Osório

Alice Andreoli dos Santos

Vitória Allmer Rehbein

O projeto de extensão “Trocas em Artes” é o desdobramento de uma ação de ensino iniciada em 2022, provocada pela carência de espaços voltados às artes plásticas nos municípios do Litoral Norte gaúcho – mesmo o acesso à cultura sendo garantido pela Constituição Federal. Entendendo que uma efetiva formação acadêmica deve abarcar o desenvolvimento holístico dos indivíduos, o processo educacional precisa proporcionar e fomentar o contato dos estudantes com as artes. Adotar a perspectiva artística permite desenvolver uma nova visão de mundo, atrelada ao senso de coletividade, senso crítico e criatividade. O projeto objetiva abordar a temática das Artes Plásticas e promover um espaço para experimentação e “trocas” artísticas e de vivências estudantis. A metodologia adotada consiste na realização de oficinas ministradas por estudantes, divididas em três módulos: o primeiro aborda a arte historicamente, instigando os participantes a refletirem sobre o meio onde estão inseridos e sua influência sobre arte nele produzida; o segundo abrange oficinas de introdução a técnicas artísticas; o terceiro consiste em oficinas de produção artística para o Núcleo de Arte e Cultura e demais núcleos do campus Osório. O projeto não visa confeccionar uma obra final, mas desenvolver o processo criativo. Uma escolha didática comum aos módulos é a utilização de dinâmicas, buscando integrar os participantes e facilitar a aprendizagem dos assuntos abordados. Pretendendo estabelecer uma atmosfera de criação que difere da estrutura da sala de aula tradicional, as oficinas são realizadas na sala de música do campus. Espera-se que os resultados obtidos em 2022 se repitam, entre eles: o reconhecimento da importância de exercitar a criatividade e a delimitação de etapas durante o processo criativo; participantes mais encorajados a criar artisticamente dentro e fora do espaço escolar; e a reflexão sobre a relação ensino-aprendizagem a partir da relação estabelecida entre participantes e ministrantes das oficinas.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Lei 13.278, de 02 de maio de 2016**. Fixa as diretrizes e bases da educação nacional, referente ao ensino da arte. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2016/lei/113278.htm. Acesso em: 18 abr. 2022.

COSTA, Marisa Vorraber; MOMO, Mariangela. Sobre a “conveniência” da escola. **Revista Brasileira de Educação**, v. 14 n. 42, p. 521-604, set./dez. 2009. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/PY77hfMYckjZr8mgNLR6xfw/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 10 mar. 2022.

HERNÁNDEZ, Fernando et al. **Catadores da cultura visual**: proposta para uma nova narrativa educacional. Porto Alegre: Mediação, 2007.

Representações de artistas latino-americanas femininas da coleção *AntiPrincesas* na plataforma *Árvore*: ensinando a desconstruir estereótipos?

Aline Duarte

Gisele Massola

Neste texto, consideramos o processo de plataformização da leitura, a partir do contexto pós-moderno, e nos dedicamos a analisar representações de artistas latino-americanas femininas, em obras de literatura infanto-juvenil, destinadas ao 3º ano do Ensino Fundamental. Para tanto, o material empírico considerou um acervo de sete obras da coleção *AntiPrincesas* – de autoria da jornalista e escritora argentina Nadia Fink, disponíveis em formato digital, na plataforma de leitura *Árvore*. O recorte considerou três obras traduzidas para a Língua Portuguesa: *Frida Kablo*, *Violeta Parra* e *Clarice Lispector*, as quais tratam da biografia de artistas femininas latino-americanas. Justificamos tal recorte em razão de que as plataformas trazem com elas não só a tecnologia, mas um jeito diferente de fazer as coisas, que não é, exatamente, igual à quando a sociedade não era plataformizada, caracterizando uma cultura celebratória, que desconsidera os efeitos negativos desse processo. A utilização do algoritmo de recomendação pela *Árvore*, que personaliza opções de leitura para cada estudante, aumenta a probabilidade de eles lerem, gerando engajamento na plataforma. Contudo, esse mecanismo pode acabar por desviá-los de leituras mais direcionadas, que tensionam temas emergentes, como as discussões de gênero na escola, reforçando estereótipos. Neste viés, as ancoragens teóricas voltam-se para abordagens pós-estruturalistas, inserindo-se no campo dos Estudos Culturais em Educação, tomando como ferramentas teórico-metodológicas os conceitos de cultura, representação e plataformização a partir de autores como Canclini (2003), Du Gay (1997), Hall (1997a; 1997b), Van Dijck, Poell e De Waal (2018) e Wortmann (2010). Os resultados indicam a necessidade de um olhar mais atento e abrangente para as representações de gênero construídas a partir de obras literárias veiculadas em plataformas de leitura digital, como a *Árvore*, pois embora seja evidenciada a necessidade de desconstruir estereótipos, essas obras raramente são recomendadas pelo algoritmo da plataforma, sendo fundamental a mediação do professor nesse movimento, pois o que está em jogo não são apenas práticas sociais e culturais, mas, também, e principalmente, transações políticas e econômicas.

REFERÊNCIAS

CANCLINI, Néstor G. Introdução. **Introdução à edição de 2001**. Culturas híbridas em tempos de globalização. In: _____. Culturas híbridas. São Paulo: EDUSP, 2003.

DU GAY, Paul (ed.). **Production of Culture/ Cultures of Production**. London: Sage/Open University, p. 1997.

FINK, Nadia. **Clarice Lispector para meninas e meninos**. Ilustrações: Pitu Saá. Tradução: Sieni Maria Campos. Florianópolis: SUR Livro, 2016. Disponível em: <https://leitor.arvore.com.br/e/livros/ler/clarice-lispector?p=tes4yJePPMY6COOrWxjWJ>. Acesso em: 01 jun. 2023.

_____. **Frida Kahlo para meninas e meninos**. Ilustrações: Pitu Saá. Tradução: Sieni Maria Campos. Florianópolis: SUR Livro, 2015. Disponível em: <https://leitor.arvore.com.br/e/livros/ler/frida-kahlo?p=tes4yJePPMY6COOrWxjWJ>. Acesso em: 01 jun. 2023.

_____. **Violeta Parra para meninas e meninos**. Ilustrações: Pitu Saá. Tradução: Sieni Maria Campos. Florianópolis: SUR Livro, 2016. Disponível em: <https://leitor.arvore.com.br/e/livros/ler/violeta-parra?p=tes4yJePPMY6COOrWxjWJ>. Acesso em: 01 jun. 2023.

HALL, Stuart (ed.). **Representation**. Cultural Representations and Signifying Practices. London; Thousand Oaks; New Delhi: Sage, 1997a.

_____. **The spectacle of “other”**. In: _____. (org.). Representation: cultural representations and signifying practices. London: Thousand Oaks/New Delhi: Sage/Open University; 1997b.

SARLO, Beatriz. **Cenas da Vida pós-moderna**. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 1997.

SILVA, Tomás Tadeu. **A produção social da identidade e da diferença**. In: SILVA, Tomaz T. (org.). Identidade e diferença. A perspectiva dos Estudos Culturais. Petrópolis; Vozes, 2000.

VAN DIJCK, Jose.; POELL, Thomas.; DE WAAL, Martinj. **The Platform Society: public values in a connective world**. New York: Oxford, 2018.

WOODWARD, Kathryn. **Identidade e diferença: uma questão conceitual**. In: SILVA, Tomaz T. (org.). Identidade e diferença. A perspectiva dos Estudos Culturais. Petrópolis; Vozes, 2000.

WORTMANN, Maria Lúcia C. Encontros interculturais, hibridações e pós-modernidade. **Revista de Estudos Universitários - REU**, v. 36, n. 1, 20 ago.2010. Disponível em: <https://periodicos.uniso.br/reu/article/view/460>. Acesso em: 01 de jun. de 2023.

Arte e docência em meios autobiográficos

Aline Nunes

Nesta proposta explico e compartilho algumas práticas autobiográficas realizadas na formação de professores de artes visuais, em uma universidade pública do sul do Brasil. A partir de um posicionamento biográfico-narrativo, tenho experimentado com meus estudantes a elaboração de escritas autobiográficas, que se expandem para propostas de criações poéticas em artes visuais. Tais realizações se efetuam em diferentes disciplinas que ministro junto ao curso, em especial quando abordam as temáticas da construção deste vir a ser professor, em suas complexidades e sutilezas. Para tanto, me dedico a construir junto aos grupos um espaço no qual os futuros professores possam olhar para si, atentando para aquilo que os move em suas trajetórias formativas. Esta atenção para o campo autobiográfico e para aquilo que atravessa suas subjetividades está para além de uma autorreferencialidade, ou seja, se destina ao ato de trazer à tona aspectos que conformam um tecido social, transbordando a dicotomia público-privado (hooks, 2019) e entendendo que narrar-se é um dos caminhos mais efetivos para que possamos erguer nossas vozes. Sob o recorte da docência em artes enquanto espaço de criação e compartilhamento, a experimentação autobiográfica atua como um caminho de experimentar sobre si mesmo, desde uma mirada que investiga e que se coloca aberta e disponível diante dos próprios caminhos, acolhendo as reverberações do coletivo. No decorrer das aulas, os exercícios autobiográficos desdobram-se sob diferentes formatos: relatos escritos, conversações, composições com fotografias, performances, cartografias... As percepções dos estudantes são articuladas aos conteúdos trabalhados dentro do currículo, bem como às matérias que os compõem (filmes, imagens, textos), oportunizando a produção de novos modos de estudar e aprender e de estarmos juntos entre colegas e professora. Por fim, a noção de docência nômade (NUNES, 2020) organiza essa perspectiva de pensar/fazer autobiográfica, uma vez que propõe e, ao mesmo tempo, atenta para os trânsitos e construções subjetivas que se dão no espaço formativo.

REFERÊNCIAS

- DINIZ, Débora; GEBARA, Ivone. **Esperança feminista**. Rio de Janeiro: Editora Rosa dos Tempos, 2022.
- hooks, bell. **Erguer a voz: pensar como feminista, pensar como negra**. São Paulo: Editora Elefante, 2019.

MOSÉ, V. **Nietzsche Hoje**: sobre os desafios da vida contemporânea. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2018.

NUNES, A. Docência nômade – narrativas e deslocamentos na formação de professores em Artes Visuais. **Revista Digital do LAV**, Santa Maria, v. 13, n. 1, p. 95-105, jan./abr. 2020. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.5902/1983734841031>. Acesso em: 10 jun. 2023.

Bordado livre: cruzando pontos de encontro

Alucas Idalgo de Matos da Silva

Ana Carolina Cecchin Chini

Bruno de Andrade Campos

Carmen Lúcia Capra

O Bordado Livre é uma ação de extensão da Graduação em Artes Visuais da Universidade Estadual do Rio Grande do Sul (UERGS) que utiliza a instituição para promover cultura, educação e arte em convites abertos e estendidos, assim como seu instrumento de conexão: o pano. Para estudantes da licenciatura, a ação propicia protagonismo e ação política, contextualizando estudos e vivências práticas na vida que acontece fora dos muros da academia. O Bordado Livre ocorre nos arredores da UERGS em Porto Alegre e Montenegro, visando a inclusão e a experimentação do estar junto (MORAES, 2019), utilizando arte e educação como tecnologias de aproximação que formam laboratórios políticos (LAFUENTE; CORSÍN JIMÉNEZ, 2011) em comunidades provisórias. Ao promover encontros de bordado coletivo na rua, busca formar grupos de convívio e narrar o presente. Ancorada nas artes e na educação, a ação não exige saber bordar para participar, pois o fio das relações é a convivência. As pessoas que passam são convidadas a contribuir, seja bordando, continuando um bordado inacabado e ou inscrevendo novas palavras no tecido. Ainda que na rua as relações sejam provisórias, baseiam-se em afetos e na invenção coletiva, onde quem aprende e quem ensina se misturam, sustentando diversas nuances de convivência. O Bordado Livre justifica-se porque, ao narrar e comunizar memórias, sustenta o estar junto, reconhece vulnerabilidades e promove momentos de aprendizado. No seu segundo ano, podemos dizer que o Bordado Livre reúne diversos afetos e encontros que geram histórias, enfim, uma situação que permite *fundar algo juntos* (CAPRA, 2022). Ações deste caráter podem ser “pontos de encontro” e espaços de partilha.

REFERÊNCIAS

CAPRA, Carmen Lúcia. A escola pública como lugar de fundar algo juntos. In: ZENETTE, Carla Roberta Sasset; GRILLO, Luana Mari Gomes; GOBBI, Marijara. **Professor em prosa: minha vida na escola**. Itapiranga (SC): Schreiben, 2022. Disponível em: <https://www.editoraschreiben.com/livros/professor-em-prosa%3A-minha-vida-na-escola>. Acesso em: 9 jun. 2023.

LAFUENTE, Antonio; CORSÍN JIMÉNEZ, Alberto. Comunidades de atingidos, o comum e o dom expandido. **Revista Galáxia**, São Paulo, n. 21, p. 10-25, jun. 2011. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/galaxia/article/view/6257/4600>. Acesso em: 5 jun. 2023.

MORAES, Alana. Antes e depois das paredes: o comum urbano entre mulheres sem-teto na periferia de São Paulo. **arq.Urb**, n. 23, p. 64-81, 2019. Disponível em: <https://revistaarqurb.com.br/arqurb/article/view/39>. Acesso em: 12 fev. 2023.

(Inter)locações com crianças: a socialização na escrita artística-orgânica

Ana Cláudia Magnani Delle Piagge [Ana Magnani]

Esse trabalho se desenvolve em 2019, no qual investigamos as possibilidades de uma escrita artística-orgânica com um grupo de 30 alunas e alunos integrantes de uma Escola Municipal de Ensino Fundamental no município de Araraquara, São Paulo. Nossa inquietação primeira foi com relação aos processos de socialização, mobilizados através das interações das crianças ao exercitarem suas escritas diversas em coletivo. A proposta da nossa pesquisa não esteve firmada em respostas únicas e definitivas, ao contrário, nas possibilidades que ocorrem em processos que se abrem para o inesperado. Portanto, o objetivo da pesquisa foi evidenciar pistas referentes aos processos de socialização em ambientes escolares violentos tendo por base exercícios de escrita artísticas-orgânicas, ativados pelas narrativas e discussões, manifestadas através do ato de se inscrever no grupo. Para subsidiar os aspectos teóricos e metodológicos da pesquisa dialogamos com os seguintes autores: Freire (1987, 1993); Veiga (2021); Larrosa (2002, 2003); Rolnik (1993, 2016, 2018, 2021); Foucault (1991, 2004, 2008); Mbembe (2014, 2018). A abordagem metodológica teve a escrita artístico-orgânica como condutora do pensar reflexivo e do encontro com o outro. A (inter)locação com as crianças ocorreu em 16 encontros com duração de três a quatro horas cada. Neste processo, ao acompanhar as interações por meio das narrativas e discussões, identificamos a elaboração de sentidos e suas múltiplas conexões, nos quais as alunas e alunos puderam se perceber na presença do outro, em movimentos de diálogos constituídos de sentidos, saberes e sensibilidades.

REFERÊNCIAS

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**: história das violências nas prisões. 9. ed. Petrópolis: Vozes, 1991.

_____. **A ordem do discurso**. Aula inaugural no College de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. Trad. Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Edições Loyola, 2004.

_____. **Nascimento da biopolítica**. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

_____. **Política e Educação**: ensaios. São Paulo: Cortez, 1993.

LARROSA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber de experiências. **Revista Brasileira de Educação**, n. 19, p. 20-28, 2002. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/Ycc5QDzZKcYVspCNspZVDxC/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 7 fev. 2023.

_____. O Ensaio e a Escrita Acadêmica. **Educação & Realidade**, [S. l.], v. 28, n. 2, p. 101-115, 2003. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/25643>. Acesso em: 7 fev. 2023.

MBEMBE, Achille. **Crítica da razão negra**. Lisboa: Antígona, 2014.

_____. **Necropolítica**: biopoder, soberania, estado de exceção, política de morte. Trad. Renata Santini. São Paulo: n-1 edições, 2018.

ROLNIK, Sueli. Pensamento, corpo e devir: uma perspectiva ético/estético/política no trabalho acadêmico. **Cadernos de Subjetividade**, São Paulo, v. 1, n. 2, p. 241-251, set./fev. 1993. Disponível em: <https://www.pucsp.br/nucleodesubjetividade/Textos/SUELY/pensamentocorpodevir.pdf>. Acesso em: 05 jan. 2022.

VEIGA, Ana Lygia Vieira Schil da. **Experimentações para artes-manuais**: corpos, matérias-oficinas: a produção de conhecimento entre os fios da casa e de si. São Paulo: Hífen Editora, 2021.

“Toinhinhos”, princesa? Só que não. A potência da literatura infantil na formação da subjetividade das meninas negras

Andréa Cristiane Silveira da Rosa

Martha Giudice Narvaz

Apresento elementos de projeto de pesquisa de Mestrado Profissional que tenho desenvolvido, tendo por objetivo geral sistematizar subsídios para a implementação de práticas antirracistas e antissexistas nos Anos Iniciais da Educação Básica, tal como previsto pelas normativas legais (BRASIL, 2003). Acreditando na potência da leitura para a formação da subjetividade, “como aquilo que nos faz ser o que somos” (LAROSSA, 2007, p. 130), busco incidir no empoderamento das meninas negras por meio da literatura infantil. A pesquisa, inspirada no método cartográfico (DELEUZE; GUATARRI, 2011), tem como referencial pensadoras negras (GOMES, 2008; hooks, 2017; KILOMBA, 2019). Os objetivos específicos são: 1. inventariar obras infantis nas quais meninas negras são as protagonistas, disponíveis no mercado editorial brasileiro a partir de 2003, quando foi implementada a Lei nº 10.639 (BRASIL, 2003); 2. verificar as regularidades dos temas centrais destas obras e os discursos nelas inscritos; 3. analisar as imagens das ilustrações das referidas obras. A ideia é criar uma *Afroteca para Meninas Negras* a partir do inventário constituído, que integrará um Projeto de Extensão de Formação Docente a ser formulado. Foram encontradas já 121 obras de literatura infantil com meninas negras protagonistas, tais como “Meu crespo é de Rainha”, de bell hooks (2020), “O Cabelo de Lelê” de Valéria Belém, 2012, “Toinhinhos” de Fernanda Suaiden 2018. Análise preliminar das temáticas destas 121 obras indicou ficção, histórias sobre África e sobre o cabelo como característica identitária como predominantes.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Lei 10.639/2003**. Altera a Lei 9394/1996, que estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira” e dá outras providências. Disponível em: <https://legislacao.presidencia.gov.br/atos/>. Acesso: 13 dez. 2020.

DELEUZE, G.; GUATARRI, F. **Mil platôs**. Capitalismo e Esquizofrenia 2. Vol. 1. São Paulo: Editora 34, 2011.

GOMES, N. L. **O movimento negro educador**: saberes construídos nas lutas por emancipação. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

hooks, bell. **Meu Crespo é de Rainha**. São Paulo: Boitatá, 2018.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação**: Episódios de Racismo Cotidiano. Rio de Janeiro: Cogobó, 2019.

LAROSSA, J. Literatura, experiência, formação. In: COSTA, M. (org). **Caminhos investigativos 1**. 3. ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2007.

PORTAL GELEDÉS. **100 livros infantis com meninas negras**, Parte I, 2016. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/100-livros-infantis-com-meninas-negras-50100-parte-i/>. Acesso em: 10 jun. 2023.

_____. **100 livros infantis com meninas negras**, Parte II, 2016. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/100-livros-infantis-com-meninas-negras-parte-ii-final/>. Acesso em: 10 jun. 2023.

SUAIDEN, Fernanda. **Tonhoihoins**. Natal: M3 Arte Eventos, 2018.

Projeto Mala Direta “leituras te visitam”: relato de experiência

Andrea Simoni Rech

Realizado durante o ano letivo de 2016, na EMEF Manoel Prestes, no município de Xangri-Lá/RS, mais particularmente, com os alunos dos anos finais do Ensino Fundamental, o Projeto Mala Direta: Leituras te Visitam teve como mote central o incentivo à formação leitora por meio da democratização do acesso a livros, revistas, periódicos e de ações de mediação de leitura. Os objetivos específicos foram o fomento à prática da leitura envolvendo estudantes e demais membros da comunidade escolar, fazendo despertar o processo do comportamento leitor por meio do contato com materiais de qualidade; o estímulo à prática da leitura e o reconhecimento de sua importância e sua utilidade no cotidiano; a formação de jovens mediadores de leitura; a promoção do voluntariado. Os estudos e os encontros relacionados à construção e avaliação do Projeto Mala Direta: Leituras te Visitam ocorreram na escola, semanalmente, durante horário em turno inverso e foram registrados em Livro Ata. O projeto foi construído diante das realidades que se apresentaram: a partir de questionário aplicado aos alunos dos anos finais do ensino fundamental foram selecionados materiais que se relacionassem à preferência daqueles que se propuseram a participar do projeto e, a eles enviados para o deleite em família. Durante a atividade de encerramento do ano letivo foi relatado à comunidade escolar os objetivos, as atividades, as controvérsias, as dificuldades e as descobertas obtidas com a atividade. O sucesso do Projeto dependeu de uma organização consciente, competente, disposta e comprometida, pois estimular alguém a ler exige conhecimento, requer parcerias qualificadas e potencializadoras. São estas parcerias que representam a força propulsora que faz nascer uma ligação autêntica entre a essência dos textos e a alma dos leitores.

REFERÊNCIAS

- GUILHERME, Denise. Desafios da formação de leitores na escola. **Nova Escola**, 2013. Disponível em: <https://novaescola.org.br/conteudo/573/desafios-da-formacao-de-leitores-na-escola>. Acesso em: 10 jun. 2023.
- DELFINA, Maria. Projeto Mala Viajante. **Ler com Prazer**, 2014. Disponível em: <http://ler-com-prazer.blogspot.com/2014/09/projeto-mala-viajante.html>. Acesso em: 10 jun. 2023.
- PEREIRA, Valquiria. A importância da leitura em sala de aula para a fluência leitora. **Nova Escola**, 2013. Disponível em: <https://novaescola.org.br/conteudo/136/a-importancia-da-leitura-em-sala-de-aula-para-a-fluencia-leitora>. Acesso em: 10 jun. 2023.

COLOMER, Teresa. Oito conselhos para realizar uma boa situação de leitura compartilhada. **Blog a Taba**, 2014. Disponível em: <https://blog.ataba.com.br/oito-conselhos-para-realizar-uma-boa-leitura-compartilhada>. Acesso em: 10 jun. 2023.

Pertencimentos dissidentes

Andrew Midões Magno

Fábio Wosniak

O presente resumo é resultado da pesquisa realizada junto ao Grupo de Pesquisa Experiências e Dissidências nas Artes Visuais – CNPq/UNIFAP, que foi defendido como Trabalho de Conclusão de Curso na Licenciatura em Artes Visuais. O objetivo da investigação buscou evidenciar as práticas artísticas dissidentes na capital do Estado do Amapá – Macapá. A escolha foi motivada pela constatação de uma escassa presença desses/as artistas nos estudos sobre Artes Visuais e Arte/Educação no Estado. Para a realização desta pesquisa, foram selecionados três artistas: Sereia Caranguejo, Jonas Modesto e Moka, cujas práticas evidenciam questões relacionadas à desconstrução dos padrões *cisbeteronormativos* e coloniais na Amazônia amapaense. A partir do diálogo e da colaboração estabelecida com esses artistas, foi produzido um vídeo-documentário¹. No documentário foi evidenciado a trajetória profissional, as referencialidades, temáticas pesquisadas, articulações com questões políticas, sociais, econômicas, educação e sobre o circuito de arte do Estado do Amapá. Após a produção do vídeo-documentário, pensando na formação inicial do professor/a de Artes Visuais, foi organizado um ciclo de formação. Participaram deste ciclo formativo acadêmicos/as do Curso de Licenciatura em Artes Visuais da UNIFAP. Durante a realização do ciclo formativo pudemos constatar a ausência de repertório dos/as participantes no tocante as temáticas abordadas pelos artistas. Assuntos como decolonialidade, questões de gênero e sexualidade e Arte Contemporânea indígena, ainda aparecem pouco nos debates sobre Artes Visuais e Arte/Educação no contexto da Licenciatura. Acreditamos que esta pesquisa trouxe tensionamentos para a Licenciatura. Os/as participantes perceberam a ausência das temáticas apresentadas nos dias de formação na sua formação. Vale ressaltar que Jonas e Sereia são egressos do Curso de Artes Visuais da UNIFAP. A pesquisa ainda se encontra em andamento, porém, podemos considerar para o momento que erguemos nossas vozes (hooks, 2019), que falamos das nossas existências enquanto artistas do norte do Brasil, enquanto sujeitos coletivos vivo da história (SEGATO, 2021), indicando que outras pedagogias para as Artes Visuais são possíveis.

REFERÊNCIAS

hooks, bell. **Erguer a voz: pensar como feminista, pensar como negra**. São Paulo: Elefante, 2019.

SEGATO, Rita. **Crítica da colonialidade em oito ensaios: e uma antropologia por demanda**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021.

¹ O vídeo pode ser acessado no site: <https://www.poeticasdissidentes.com/estudos>

Aquilombar, rastros de resistência: as comunidades remanescentes quilombolas no geoparque Quarta Colônia (RS)

Beatriz Santos Pontes

Os quilombos constituem-se símbolo de resistência e de preservação cultural. O objetivo desse trabalho é tecer estudos sobre as comunidades quilombolas na Quarta Colônia, constituída por 9 municípios, considerada berço da humanidade por possuir um patrimônio cultural e arqueológico rico em biodiversidade, o que lhe confere uma identidade local é trazer à tona questões identitárias, territorialidade e etnicidade, caracterizada sobretudo pela constante destruição dos territórios de resistência das comunidades negras e pela estrutura fundiária dominante. Falar dos/nos/com quilombos, está associado às lutas travadas por liberdade e emancipação, mesmo estando sob o jugo da opressão. A metodologia a ser utilizada é narrativas de vida, onde as maneiras de representar e de representar o outro sinalizam como as relações estão permeadas pelo ser- poder-saber, o que gera uma intolerância frente à diversidade. Num território suplantado pela cultura do branqueamento, observa-se que AQUILOMBAR representa ocupar espaços, onde práticas colonialistas sejam rachadas e em que os negros sejam vistos como sujeitos de direitos, significa reconexão com a ancestralidade com vistas a ações coletivas presentes, onde a escravização dos corpos negros com toda a sua doloridade sinaliza a resistência e a busca constante por pertencimento. É importante sinalizar que os Estados da região Sul são imaginados pela predominância de populações brancas; as migrações europeias e asiáticas ajudaram a cimentar esse imaginário. A reafirmação pública da existência de comunidades remanescentes quilombolas na região central rompe com esses preconceitos e torna visível à sociedade a importância da presença negra na configuração histórica regional. A afirmação e a defesa de seus territórios é uma das batalhas marcantes do povo negro, e que coaduna com sua forma de lidar com a terra, territórios, pertencimentos e ancestralidade.

Arte ancestral, gênero e educação indígena: as vasilhas cerâmicas das mulheres guarani

Bianca Salazar dos Santos

Martha Giudice Narvaz

Após a promulgação da Lei nº 11.645 (BRASIL, 2008), que torna obrigatório o estudo da história e cultura indígena e afro-brasileira nos estabelecimentos de ensino da educação básica, muitas foram as atividades propostas pelo Ministério da Educação e pelas Secretarias de Educação em todo país. Contudo, estudos têm apontado para a falta de implementação da referida lei, bem como a precariedade da formação docente para o trabalho com a história e culturas indígenas na educação básica. Quando é abordada, a cultura indígena é trabalhada de forma homogênea, como se todos os povos indígenas fossem iguais, reproduzindo-se estereótipos acerca da figura do “índio”. O objetivo deste trabalho é apresentar proposta de estudo de mestrado que está se delineando e que tem como objetivo geral contribuir com subsídios para o ensino da temática das culturas indígenas na educação básica, tal como preconizado pela mencionada lei. A ideia é investigar, por meio de análise documental, a cosmologia guarani, tendo por objeto específico a arte ancestral de produzir vasilhas de cerâmica pelas mulheres pré-coloniais, buscando compreender seu significado cultural e social. Articulando artes, gênero, história e educação, a intenção é construir propostas de intervenções pedagógicas que possam incidir na qualificação docente para o trabalho com a temática indígena na escola. Estão previstas também como parte do estudo: 1) saídas de campo para visita guiada às comunidades indígenas locais, para vivenciar os saberes e tradições desses povos; 2) organizar rodas de conversa temáticas com indígenas, docentes e discentes. Ao final, espera-se ter subsídios para propor um Curso de Qualificação Docente para o Trabalho com a Temática Indígena na Educação Básica, de forma transversal.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Flávia Leme de. **Mulheres recipientes**: recortes poéticos do universo feminino nas artes visuais. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010.

BRASIL. **Lei 11.645/2008**. Altera a Lei 9394/1996, modificada pela Lei 10639/2003, que estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro- Brasileira e Indígena”. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/. Acesso: 13 dez. 2020.

KAYAPÓI, Edson. A diversidade sociocultural dos povos indígenas no Brasil: o que a escola tem a ver com isso? **Educação em Rede**: culturas indígenas, diversidade e educação. Vol. 7. Rio de Janeiro, Sesc, Departamento Nacional, 2019.

HOLLANDA, Heloísa B de (org.). **Pensamento Feminista hoje**: Perspectivas decoloniais. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020.

_____. **Explosão feminista**: Arte, cultura, política e universidade. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

NARVAZ, Martha. Gênero, para além da diferença sexual: Revisão da literatura. **Aletheia**, v. 32, p. 174-182, 2010. Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=11502083014>. Acesso em: 3 jan. 2023.

PATOU-MATHIS, Marylène. **O homem pré-histórico também é mulher**: Uma história da invisibilidade das mulheres. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2022.

PROUS, André; LIMA, Tania Andrade de. **Os ceramistas Tupiguarani**: eixos temáticos. Belo Horizonte: Livraria e Editora Grapar, 2016.

Arte, educação e natureza: uma pesquisa poética no infraordinário

Bruno de Andrade Campos
Lai (Larissa) Borges Ferreira
Mariana Silva da Silva

Centramos nossa investigação na construção de uma relação estreita entre arte, educação, natureza e cotidiano. A arte e a educação contemporâneas têm se voltado à natureza com bastante ênfase, passando por sua observação, representação até a ação direta sobre e a partir de fenômenos naturais. Problemas ambientais e enfoque ecológico se entrelaçam a experiências tecnológicas que ampliam, eventualmente, o campo da arte também para o ativismo. Tomamos partido, contudo, mais daquela natureza inscrita no infraordinário, conceito elaborado por Perec (2011). Uma natureza dos interstícios, que infiltra-se na própria cidade: os terrenos baldios, a beira dos rios, a sacada do apartamento, a horta do pátio e o mato que não é jardim. Existem também formas de natureza que surgem nos meios urbanos independentes da vontade humana. São espécies que se desenvolvem em sítios abandonados, crescem em lugares ignorados; trilhos de trem em desuso, fábricas fechadas, construções negligenciadas, beiras de estradas. No infraordinário ressoa assim uma natureza que não é romântica, nem selvagem, que está ainda por definir. Neste caminho metodológico *perequiano*, concebemos como desdobramento da pesquisa de iniciação científica, um ateliê realizado remotamente durante a pandemia Covid-19, *Como desenhar pedras (e outras infranaturezas)*, que pretendia aproximar artes visuais, formação docente e natureza nas vivências dos participantes. Desenhamos *com* as infranaturezas do espaço doméstico, potencializado pela reclusão, no terreno das obrigações repetitivas e banais. Interessava-nos, assim, propor um convite à experiência artística no tempo da rotina e promover o desenho como possibilidade de observação, pesquisa e invenção de relações interespecies. Somando-se à deia de Coccia (2020) de que todos os seres compõem-se em metamorfose com o mundo que habitam, passamos a instalar lugares com outros, mudando a sua e a nossa natureza. Em resultado da experiência, realizou-se a publicação de artistas *Ocupação Jardim* (2022).

REFERÊNCIAS

- BORGES, Lai; CAMPOS, Bruno; SILVA, Mariana Silva da. **Ocupação Jardim**. Porto Alegre: Ed. independente, 2022.
- COCCIA, Emanuele. **Metamorfoses**. Rio de Janeiro: Dantes, 2020.
- PEREC, Georges. **L'infra-ordinaire**. Paris: Seuil, 2011.

Visualidade e Mata Atlântica: um relato de experiência

Camila Scheffer Hein

Lúcio Kerber Canabarro

O presente trabalho é um relato de uma prática de educação realizada em doze escolas municipais da cidade de Maquiné - RS, um município com uma população predominantemente rural e em uma área que é um dos últimos redutos de Mata Atlântica do sul do Brasil. Com objetivo de sensibilizar e aproximar a comunidade do bioma local, teve como base a utilização do livro “Arte e Natureza para Pequenos: guia estético de plantas e insetos da Mata Atlântica”, produzido pela autora residente no município. Com uma metodologia que envolvia leitura, diálogo, saída de campo e confecção de livretos foi possível constatar narrativas, invisibilidades botânicas, desconhecimento sobre o ambiente que se vive e também, paradoxalmente, o interesse demonstrado pelas crianças sobre o tema. As mudanças climáticas atuais têm um impacto significativo na biodiversidade planetária, há evidências de que o planeta esteja entrando na sexta extinção em massa de sua história, desta vez induzida pela espécie humana. Ao entender que a biodiversidade é fundamental para o suporte da existência de nossa própria espécie, já que aspectos vitais como qualidade da água, ar e solo dependem dela, e o iminente colapso biológico, é fundamental repensar as práticas educativas que viabilizem novas formas de se relacionar com o entorno. Assim o presente resumo parte de um relato de experiência buscando compreender a potência da arte na aproximação da comunidade ao ambiente ao qual convive, trazendo o papel da visualidade como central neste aprendizado.

REFERÊNCIAS

- BOTTON, Alain de; ARMSTRONG, John. **Arte como terapia**. Trad. de Denise Bottmann. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2014.
- CAPRA, F. et al. **Alfabetização ecológica: a educação das crianças para um mundo sustentável**. São Paulo: Cultrix; 2006.
- DONDIS, Donis. **Sintaxe da linguagem visual**. São Paulo: Martins Fontes, 1991.
- GEHL, Jan. **Cidades para pessoas**. 3. ed. São Paulo: Perspectiva; 2015.
- HEIN, Camila. **Arte e natureza para pequenos: guia visual de plantas e insetos da Mata Atlântica**. Pelotas: Terra Sana, 2022.
- LOUV, Richard. **A última criança na natureza: resgatando nossas crianças do transtorno do déficit de natureza**. São Paulo: Aquariana, 2016.
- MONTENEGRO, M.; SIMONI J. (org). **Atlas dos insetos: fatos e dados sobre as espécies mais numerosas da Terra**. Rio de Janeiro: Fundação Heinrich Böll, 2021.

Escrevivências na prisão: (re)pensar as violências contra as mulheres com Conceição Evaristo

Carla Rosangela Jacinto

O objetivo do presente trabalho é apresentar experiência que vem sendo desenvolvida com práticas pedagógicas literárias e artísticas na Penitenciária Modulada Estadual de Osório /RS. Têm sido realizadas oficinas literárias de escrita criativa com cerca de 60 homens, com idades entre 18 e 70 anos. Nas oficinas, realizadas quinzenalmente, com duração de 90 minutos, são lidos trechos de “Escrevivências”, “Olhos d’Água” entre outros, de Conceição Evaristo. O projeto alinha-se ao Plano Estadual de Educação para Pessoas Presas e Egressas do Sistema Prisional (2021-2024) e busca atender não só ao letramento literário dessas pessoas privadas de liberdade, oportunizando a fruição estético-literária, como também provocar a reflexão acerca das diversas formas de violência contra as mulheres, crimes pelos quais muitos deles cumprem pena. O Núcleo Estadual de Educação de Jovens e Adultos - NEEJA Novos Ventos, localizado na Penitenciária Modulada de Osório, iniciou suas atividades em agosto de 2017, e desenvolve aulas presenciais para que os estudantes privados de liberdade tenham seu direito garantido à educação, o que também oportuniza tempo de remissão da pena ao permanecerem no contexto escolar. Entendendo aqui literatura como arte, arte de esculpir o texto por meio das palavras e imagens a elas associadas, encontramos na obra de Conceição Evaristo disparadores potentes, capazes de afetar corpos e sensibilidades mesmo de homens vivendo na prisão. Os resultados apontaram para a potência destes encontros, capazes de mobilizar percepções e afetos a partir das identificações com o sofrimento provocadas pelos textos, o que, parece, incidiu em novas formas de (re)pensar e representar as mulheres e as violências por elas sofridas. Pretende-se também, por meio das oficinas, contribuir com práticas que possam incidir no enfrentamento das diversas formas de violência contra as mulheres.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Lei 11.340/2006**. Cria mecanismos para coibir a violência doméstica e familiar contra a mulher. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil/lei/111340.htm>. Acesso: 08 jul. 2020.

BRASIL. **Lei 14.164/2021**. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996 (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional), para incluir conteúdo sobre a prevenção da violência contra a mulher nos currículos da educação básica, e institui a Semana Escolar de Combate à Violência

contra a Mulher. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2019-2022/2021/Lei/L14164.htm. Acesso em: 10 jun. 2023.

EVARISTO, Conceição. **Olhos d'água**. 2. ed. Rio de Janeiro: Pallas Míni, 2018.

NARVAZ, Martha G. De Lilith à Pombagira: Literatura e arte para decolonizar corpos e mundos. **Literatura em Debate**, v. 15, n. 27, p. 35-46, jul/dez de 2021. Disponível em: <https://www.revistas.fw.uri.br/index.php/literaturaemdebate/article/view/4042/3173>. Acesso em: 10 jun. 2023.

RIO GRANDE DO SUL. **Plano Estadual de Educação para Pessoas Presas e Egressas do Sistema Prisional - 2021-2024**. Porto Alegre: Secretaria Estadual de Educação do Rio Grande do Sul (SEDUC), 2021. Disponível em: <https://www.gov.br/depen/pt-br/assuntos/politicas-penitenciarias/politica-nacional-de-educacao/rs.pdf>. Acesso em: 20 mar. 2023.

educação apócrifa: de cacos a mosaicos

caroline silva da luz

Martha Giudice Narvaz

o objetivo geral desta proposição é arteducar, sobretudo, as mulheres e meninas, pondo em questão os modelos normativos que as aprisionam em posições de docilidade e submissão, numa perspectiva decolonial-feminista-revolucionária-artística. para tanto, há que se resgatar as forças ancestrais do feminino, invocando as poéticas dos devires, em especial do devir-mulher. e os objetivos específicos são: 1) experienciar a vida bem como intervenções poético-performático-literárias *apartir**-apesar-atraves de seus e demais cacos para (trans)criar-(trans)formar-(trans)mutar mosaicos de devires-saberes-mulheres; 2) (de)compor a *caixa de carola: artefractos* educacionais* e o e-book/inventário *educação apócrifa: prá(r)ticas*2 feministas para arteducar para a potência*; 3) proporcionar uma (de)formação educacional que ressignifique a forma/figura das mulheres tais quais elas são: complexas, múltiplas e benditas. a fim de elaborar a proposta educacional — o produto —, o presente projeto prevê o aprofundamento teórico em alguns estudos, dentre eles, a escrita feminina (CIXOUS, 2022), a esquizoescrita (DELEUZE; GUATTARI, 2011), os feminismos decoloniais (HOLLANDA, 2018; hooks, 2019) e as filosofias da diferença (CORAZZA, 2007; DELEUZE; GUATTARI, 1995), com especial ênfase à infernal educação para a potência (CORAZZA, 2002; FUGANTI, 2021). e o que pode *vir-a-ser* a *caixa de carola*? esperança.

REFERÊNCIAS

CIXOUS, Hélène. **O riso da Medusa**. Trad. Natália Guerellus e Raísa França Bastos. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2022.

CORAZZA, Sandra Mara. **Para uma filosofia do inferno na educação: Nietzsche, Deleuze e outros malditos afins**. Belo horizonte: Autêntica, 2002.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**. Trad. Aurélio Guerra e Célia Pinto Costa. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995.

FUGANTI, Luiz. **Saúde, desejo e pensamento: as origens da filosofia nômade**. 3. ed. São Paulo: Mojo, 2021.

HOLLANDA, Heloísa B. **Explosão feminista: arte, cultura, política e universidade**. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

hooks, bell. **O feminismo é para todo mundo**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2019.

² * Neologismos proposto pela autora, 2022.

Interdisciplinaridade e interesse por Geometria

Cleandro Stevão Tombini

Este artigo apresenta um recorte da pesquisa de Doutorado em Educação da UFPel (2022), denominada “Práticas tridimensionais como foco de interesse: propiciando a aprendizagem de Geometria por meio de atividades artísticas”. Sob orientação da professora Dr^a Maristani Zamperetti, teve por objetivo investigar como o interesse pela Geometria foi despertado em alunos do 6º ano, da EMEF Recanto da Lagoa (Viamão, RS), por meio da utilização de atividades artísticas, ao fazer com que estes descobrissem maneiras de tridimensionalizar formas no espaço, a partir de fotografias (de objetos, plantas, figuras humanas, animais, entre outras) do seu cotidiano, feitas por eles. Como metodologia, utilizou o “estudo de caso” em uma abordagem descritiva (YIN, 2001), documentando os processos artísticos dos alunos. O desinteresse dos estudantes por atividades envolvendo Geometria, que constatei como professor de Arte, e, o fato deste trabalho colocar “a prática em foco”, com base no pensamento de John Dewey, fazendo com que os educandos resolvessem problemas empíricos, de forma interdisciplinar – afinados às recomendações da atual BNCC (BRASIL, 2018) – vêm a justificar esta pesquisa. Com base na “análise de conteúdo” de Bardin (2002), foram elaboradas quatro categorias, colocando em diálogo, encadeamentos de evidências (de interesse), pesquisas na área e, noções originárias de “interesse” em: Herbart (2003), Dewey (1978; 1979; 2022), Claperède (1958), Thorndike & Gates (1936) e, Decroly – este, por meio de Moura (1931) e Lourenço Filho (2002). A análise comparativa (entre suas entrevistas iniciais e finais) corroborou a categorial, evidenciando que, a sequência de atividades artísticas em nível crescente de dificuldade técnica (desenhando com o ponto, desenhando com a linha, identificando a perspectiva em fotografias, elaborando projetos no plano e, tridimensionalizando formas no espaço) despertou o interesse dos educandos pela Geometria, promovendo, entre outras coisas, a interdisciplinaridade (conexões entre as disciplinas do currículo).

REFERÊNCIAS

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2002.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=79601-anexo-texto-bncc-reexportado-pdf-2&category_slug=dezembro-2017-pdf&Itemid=30192. Acesso em: 21 jan. 2022.

CLAPARÈDE, Edouard. **A Educação Funcional**. São Paulo: Cia Editora Nacional, 1958.

DEWEY, John. **Arte como Experiência**. São Paulo: Martins Fontes, s. d.

_____. **Democracia e Educação**: Introdução à Filosofia da Educação. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1979.

_____. **Vida e Educação**. São Paulo: Melhoramentos; Rio de Janeiro: Fundação Nacional de Material escolar, 1978.

HERBART, Johann Friedrich. **Pedagogia Geral**. Tradução de: Ludwig Scheidl. Baseado na 4ª edição de 1971. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2003.

LOURENÇO FILHO, Manuel Bergström. **Introdução ao estudo da escola nova**: bases, sistemas e diretrizes da pedagogia contemporânea. Rio de Janeiro: Editora UERJ: Conselho Federal de Psicologia, 2002.

MOURA, Abner de. **Os Centros de Interesse na escola**: sugestões para lições globalizadas, segundo o sistema Decroly, como contribuição a uma escola brasileira renovada. São Paulo: Melhoramentos, 1931.

THORNDIKE, Edward; GATES, Albert. **Princípios Elementares de Educação**. São Paulo: Saraiva & CIA, 1936.

YIN, Robert K. **Estudo de caso**: planejamento e métodos. Porto Alegre: Bookman, 2001.

Experimentações em estágio supervisionado: tecnologias de encantamentos e saberes amazônicos

Cristiane Machado Corrêa Ferreira

Sílvia Carla Marques Costa

A discussão intenta apresentar uma experiência educativa no curso de licenciatura em Artes Visuais da Universidade Federal do Amapá. Desenvolvida no Estágio Supervisionado também se conecta com o projeto de extensão: Acessibilidade Cultural, percursos da diversidade. O desenvolvimento dessa ação educativa, propôs contar, problematizar a dinâmica de mediação em um espaço de exposição, confrontando questões e os padrões de ensino em arte que se fundam nas premissas do pensamento moderno. Assim, mobilizamos percursos pedagógicos de construção de saberes a partir de memórias, narrativas e produção de artefatos, produzidos pelos acadêmicos, bem como suas expressões, histórias individuais e coletivas com a Amazônia. Metodologicamente as produções seguiram a orientação de reflexão-ação-reflexão, inspirados na dimensão simbólica a partir das tecnologias de encantamentos, termo que entendemos que toda produção é potencialmente estética e comunicativa. Ou seja, as tecnologias de encantamentos revelam aprendizados que contornam subjetividades e interação cognitiva entre o sensorial, o sensível e os saberes Amazônicos. Portanto, a produção do material da exposição teve caráter inclusivo, levando em conta sensações, percepções e compreensões acerca da Amazônia³.

REFERÊNCIAS

- DUARTE JUNIOR, João Francisco. **O sentido dos sentidos: a educação (do) sensível**. 2000. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 2000. Disponível em: <http://repositorio.unicamp.br/Acervo/Detalhe/197855>. Acesso em: 10 jun. 2023.
- DUNCUM, Paul. Por que a arte-educação precisa mudar e o que podemos fazer. In: MARTINS, R.; TOURINHO, I. (org.). **Educação da cultura visual: conceitos e contextos**. Santa Maria: Ed. UFSM, 2011. p. 15-30.
- TOURINHO, Irene. Metodologia(s) de Pesquisa em Arte-Educação: o que está (como vejo) em jogo? In: DIAS, Belidson; IRWIN, Rita (org.). **Pesquisa Educacional Baseada em Artes A/r/tografia**. Santa Maria: Ed. da UFSM, 2013. p. 64-69.

³ Para isso, deixamos de lado o sentido de experiência ligado ao acúmulo de informações, de saberes, de situações vivenciadas, para adotar o sentido de experiência como Larrosa propõe, ou seja, como aquela que nos coloca diante de algo que marca, que atravessa, que transforma o sujeito em pensamento, em gesto, em atitude, a partir daquilo que lhe causa estranheza, que o faz duvidar de si mesmo, deslocando-o para outro lugar. Assim, tal como para Foucault, a experiência é sempre uma ficção, porque a fabricamos, a construímos à medida em que pesquisamos e escrevemos, de maneira que também emergimos, dessa escrita-experiência, transformados. Nesse sentido, trata-se de uma perspectiva de investigação aos moldes foucaultianos de dessubjetivação.

As competências dos conselhos de educação para a operacionalização do ensino de música na educação básica: uma pesquisa documental

Cristina Rolim Wolffenbüttel

Jeicy Kelly Carvalho

Tiago Rubert

Leonardo Giongo

Luisa Silva de Azevedo

Sabrina da Silva Santos

O ensino da música nas escolas brasileiras tem percorrido um longo caminho, há muitos anos, tendo sua continuidade sofrido com os processos de inserção e exclusão constantes na legislação nacional, sendo possível citar, neste processo, a LBD n.º 5.692/71, a LDB n.º 9.394/96, além da Lei n.º 11.769/2008 e da Resolução CNE/CEB n.º 2/2016. Esse processo também pode ser analisado com base na atuação dos conselhos de educação, que são órgãos consultivos, normativos, fiscalizadores e deliberativos dos sistemas de ensino. Partindo desses pressupostos, esta pesquisa, em andamento, objetiva investigar a atuação dos conselhos de educação do RS, tendo como base os documentos oficiais exarados por estes órgãos. Para sua realização, a metodologia está estruturada na abordagem qualitativa, na pesquisa documental como método, e no uso da coleta de documentos e da pesquisa via *Internet* como técnicas para a coleta dos dados. A análise dos dados ocorrerá por meio da análise de conteúdo, com os referenciais teóricos estruturados nas políticas educacionais, na legislação educacional e nos conceitos da educação musical. Entende-se a pertinência desta pesquisa, pois se considera adequado relacionar a legislação educacional existente quanto ao ensino de música escolar, a necessidade de sua solidificação nas instâncias estaduais e municipais, por meio dos conselhos de educação, e entrelaçando os órgãos institucionais nesse processo. Espera-se que, com os resultados desta investigação, seja possível fortalecer a legislação vigente, fomentar a elaboração de outras leis, bem como a importância dos conselhos de educação como órgãos consultivos, normativos, fiscalizadores e deliberativos dos sistemas de ensino.

REFERÊNCIAS

BALL, Stephen J. **Educational reform: a critical and post structural approach**. Buckingham: Open University Press, 1994.

BOWE, Richard; BALL, Stephen J.; GOLD, Anne. **Reforming education and changing schools: case studies in policy sociology**. London: Routledge, 1992.

BRANDÃO, Zaia. Os jogos de escalas na sociologia da educação. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 29, n. 103, p. 607-620, maio/ago. 2008. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/es/a/V9HDBHpxs5Ct7pjwt64TCjBv/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 10 jun. 2023.

BRASIL. Conselho Nacional de Educação/Câmara de Educação Básica. **Resolução CNE/CEB n.º 2, de 10 de maio de 2016**. Define Diretrizes Nacionais para a operacionalização do ensino de Música na Educação Básica. Brasília, 2016. Disponível em: https://normativasconselhos.mec.gov.br/normativa/pdf/CNE_RES_CNECEBN22016.pdf. Acesso em: 10 jun. 2023.

REVEL, Jacques. **Jogos de escalas: a experiência da microanálise**. Rio de Janeiro: FGV, 1998.

A presença indígena brasileira nas bienais de São Paulo

Daiane Marques

No campo das artes visuais há um protagonismo indígena importante, onde estão conquistando espaço e expondo suas obras em galerias e museus de âmbito regional, nacional e internacional. A Bienal de São Paulo é escolhida como *locus* de investigação por ser um evento emblemático de arte e, devido a isso, é importante entender como foi tratada a presença indígena brasileira em suas edições. Após consultar os catálogos das exposições e o arquivo da Bienal, pode-se dizer, de forma esquemática, que essa presença se divide em 6 modalidades gerais que podem ser sintetizadas assim: a) povos indígenas como tema da representação artística feita por não-indígenas, b) sujeitos indígenas como coadjuvantes na exposição; c) peças classificadas como integrantes de coleções etnográficas; d) performance de intervenção feita por indígenas; e) intelectuais e ativistas indígenas chamados a falar dentro do espaço expositivo ou na programação paralela; f) indígenas convidados como artistas, assinando obras. O objetivo dessa pesquisa é apresentar como se deu essas modalidades, bem como a última forma de participação, sobre a presença dos artistas indígenas brasileiros: Jaider Esbell, Gustavo Caboco, Uýra, Sueli Maxakali e Daiara Tukano, na 34ª Bienal, onde foi realizado um trabalho de campo, dividido em quatro etapas: 1. visita geral à exposição; 2. observação das obras dos artistas indígenas brasileiros; 3. conversa com os educadores; 4- conversa com o público. Através da pesquisa foi possível detectar que é um marco histórico, depois de 70 anos de Bienal de São Paulo, na sua 34ª edição, pela primeira vez tenha havido um número maior de artistas indígenas como protagonistas nas escolhas das suas obras e no que poderia ou não, ser dito. A participação destes na Bienal, bem como a expansão de várias exposições com a presença de artistas e curadores de diferentes povos originários cria uma expectativa de como serão os próximos anos. Podemos reiterar que chegou o momento da arte e da história da arte ocidental ouvir, ver e ler com atenção o que esses povos estão nos apresentando.

REFERÊNCIAS

34ª BIENAL DE SÃO PAULO. **Catálogo Faz escuro mas eu canto**. OSE, Elvira. (org.) Curadoria: Jacopo Crivelli Visconti, Paulo Miyada, Carla Zaccagnini, Francesco Stocchi, Ruth Estévez. São Paulo: Fundação Bienal de São Paulo, 2021.

FUNDAÇÃO BIENAL DE SÃO PAULO. **Exposição Arte Plumária do Brasil**. Catálogo da 17ª Bienal de São Paulo, 1983. Disponível em: <http://www.bienal.org.br/publicacoes/2127>. Acesso em: 10 jun. 2023.

GOLDSTEIN, Ilana. Da “representação das sobras” à “reantropofagia”: Povos indígenas e arte contemporânea no Brasil. **MODOS: Revista de história da arte**, v. 3, n. 3, p. 68-96, set./dez., 2019. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/mod/article/view/8663183/25044>. Acesso em: 10 jun. 2023.

NHEDO, Marcela Matos. **Etnias nas Bienais de São Paulo**: deslocamentos de um tema nas obras de Adriana Varejão e Maria Bonomi. 2018. Tese (Doutorado em Artes Visuais) – Instituto de Artes, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 2018. Disponível em: <https://repositorio.unicamp.br/Busca/Download?codigoArquivo=482977>. Acesso em: 10 jun. 2023.

ESBELL, Jaider. A Arte Indígena Contemporânea como armadilha para armadilhas. **Jaider Esbell**. 09 de julho de 2020. Disponível em: <http://www.jaideresbell.com.br/site/2020/07/09/a-arte-indigena-contemporanea-como-armadilha-para-armadilhas/>. Acesso em: 10 jun. 2023.

A aula como cultivo de formas de estar juntos

Daniel Bruno Momoli

A aula como cultivo de formas de formas de estar juntos é uma afirmação que emerge de um estudo que pretende mobilizar aproximações distintas entre o campo da arte e da educação na formação de docentes de artes visuais. Os saberes constituintes das licenciaturas em artes visuais se deslocam a partir de uma base política determinada pelos domínios pedagógicos e estéticos e condicionam os territórios que podem ser praticados por estudantes e docentes no âmbito dos cursos desta área – a licenciatura em artes visuais. Na contramão deste fluxo, propõe-se a experimentação de gestos e atitudes que sejam capazes de fazer germinar novas maneiras de relação entre os saberes da arte e da educação de tal modo que possamos gerar formas distintas de estar juntos em uma aula, seja na escola, na universidade ou no mundo. O estudo tem sido construído com base nas metodologias artísticas de investigação em educação, pois tal abordagem oferece um conjunto de pistas para investigar as brotações que começaram a surgir desde que tal tema ganhou espaço em meus fazeres docentes. Espera-se que a partilha das questões já construídas, mobilize conversas e escutas sobre a arte, a educação e a formação de docentes de modo a ampliar as relações que têm sido feitas até então.

REFERÊNCIAS

CAPRA, Carmen Lúcia. **Problematizações sobre políticas da arte na licenciatura em artes visuais**. É preciso gostar da arte de outro jeito, a licenciatura é uma praça. 2017. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-graduação em Educação da Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, 2017. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/174852>. Acesso em: 10 jun. 2023.

DIAS, Belidson; IRWIN, Rita L. (org.). **Pesquisa educacional baseada em arte: A/r/tografia**. Santa Maria: Ed. da UFSM, 2013.

FOUCAULT, Michel. **Arqueologia do saber**. 7. ed. Forense Universitária: Rio de Janeiro, 2010.

LARROSA, Jorge (org.). **Elogio da escola**. Autêntica: Belo Horizonte, 2017.

MOMOLI, Daniel Bruno. Germinar novos amanhã para a formação de docentes. In: PILOTTO, Silvia Sell; STRAPAZZON, Mirtes Antunes Locatelli. **Educação estética: a pesquisa / experiência nos territórios das sensibilidades**. V. 2. Joinville: Editora da Univille, 2023. p. 198-218.

***Arte como Educación* no projeto *Una Escuela Sustentable*: artistas residindo em uma comunidade para construir uma escola**

Diane Sbardelotto

Luciana Gruppelli Loponte

Durante a construção coletiva da *Escuela Rural Lo Zarate* em uma comunidade do interior do Chile, em 2020, aconteceu a residência artística *Arte como Educación*. Ela foi uma das ações do *Una Escuela Sustentable*, projeto que propõe construir uma escola de referência em cada país da América Latina, devendo alcançar o Brasil em 2023. Passados alguns anos da conclusão daquela escola, retoma-se aqui essa experiência para pensá-la junto à uma tese em educação. A tese trata, de modo geral, de práticas artísticas realizadas em comunidades, especialmente nos espaços rurais. Propondo pensar como essas iniciativas coletivas poderiam ajudar a deslocar centros e centralizações do conhecimento, pretende contribuir para uma formação docente na perspectiva da “decolonialidade do poder”, trabalhada por Walter D. Mignolo, e do “habitar fronteiras” proposto por Glória Anzaldúa. Neste resumo trazemos uma parte da pesquisa com intuito de relacionar tal residência artística a iniciativas semelhantes, como “Composto Escola” e “Coletivo Adentro”, entre outras, analisando duas questões principais: Qual foi o compromisso e o papel dos artistas na construção daquela escola? O que é possível aprender e problematizar quando artistas “de fora” adentram uma comunidade? Compartilhamos a reflexão sobre os métodos para retomar o contato com aquela escola enquanto artista residente e, agora, pesquisadora acadêmica, indagando como se deu ou não continuidade das ações propostas pelos artistas. Diante do atual interesse da arte contemporânea no que é feito nas comunidades periféricas parece-nos necessário tensionar questões éticas das intenções decoloniais que por vezes repetem estruturas colonizadoras. Compreender melhor que tipos de ações perduram e quais apenas chegam de fora e vão embora pode nos ensinar sobre criar coletivamente, desde o interior, práticas que se tornem realmente sustentáveis.

REFERÊNCIAS

ANZALDÚA, Gloria. **Borderlands/La Frontera**: La nueva mestiza. Madrid: Capitán Swing, 2016.

MIGNOLO, Walter. **Histórias locais / projetos globais**: colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2020.

FIRMEZA, Yuri et al. **Composto escola**: comunidades de sabenças vivas. São Paulo: N-1 edições, 2022.

SBARDELOTTO, Diane. Arte como Educação e uma Escuela Sustentable: Como uma residência artística pode trabalhar os problemas de uma escola? **ARTEVERSA**, Site. Porto Alegre, 2021. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/arteverasa/arte-como-educacaouma-na-escola-sustentable-como-uma-residencia-artistica-pode-trabalhar-os-problemas-de-uma-escola-parte-ii/>. Acesso em: 03 maio 2023.

_____. Coletivo ADENTRO: pontes e pinguelas da arte entre a cidade e as comunidades do interior. **ARTEVERSA**, Site. Porto Alegre, 2020. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/arteverasa/coletivo-adentro-pontes-e-pinguclas-da-arte-entre-a-cidade-e-as-comunidades-do-interior/> Acesso em: 03 maio 2023.

Possíveis horizontes afrocentrados para educação escolar

Diego C. Lunelli

Esta comunicação desenvolveu-se a partir do texto de dissertação construído junto ao programa de educação da Uergs, com o objetivo de investigar os processos de ensino/aprendizagem junto a um território tradicional afro-brasileiro em Caxias do Sul - RS, pensando em propor novos pensamentos e ideias educacionais para a educação escolar. Para a dissertação foi desenvolvida uma etnografia junto ao Ilê Asè Ogum Onirè, com foco de observação nas práticas performáticas e rituais na Umbanda e no Batuque tendo o tambor de Nação como vetor de convergência e discussão. Desejamos compartilhar vivências no território tradicional pesquisado, tendo observações relativas aos aspectos das práticas performáticas que tem maior potência para esta pesquisa. Ao mesmo tempo, por termos foco na educação, apresentaremos brevemente uma percepção de como acontecem os processos educativos no terreiro e de que maneira a base conceitual utilizada se relaciona com a empiria. Assim, nos propomos com este texto apresentar subsídios para fortalecer os processos educativos da educação escolar, com a aproximação de práticas não escolares de educação, como dos terreiros e casas das tradições afro-brasileiras. Para além de conteúdo ou habilidades, desejamos fomentar com esta comunicação a discussão e construção sobre um pensamento coletivo de fazeres educativos afrocentrados que acontecem no mundo e ampliar essa discussão para dentro dos muros da escola.

REFERÊNCIAS

ASANTE, Molefi Kete. The Afrocentric idea in education. **The Journal of Negro Education**, v. 60, n. 2, p. 170-180, 1991. Disponível em: <https://doi.org/10.2307/2295608>. Acesso em: 10 jun. 2023.

CASTILHOS, Lisa Louise Earl. **Entre a oralidade e a escrita: percepções e uso de discurso etnográfico no candomblé da Bahia**. Salvador: Instituto de Letras, 2005.

CORRÊA, Norton F. **O Batuque do Rio Grande do Sul: antropologia de uma religião afro-riograndense**. 2. ed. São Luiz: Cultura e Arte, 2006.

OYÈWÙMÍ, Oyèrónké. Visualizando o corpo: Teorias ocidentais e sujeitos africanos. **Novos Olhares Sociais**, v. 1, n. 2, p. 294-317, 2018. Disponível em: <https://www3.ufrb.edu.br/ojs/index.php/novosolharessociais/article/view/452/207>. Acesso em: 10 jun. 2023.

SODRÉ, Muniz. **Pensar nagô**. São Paulo: Editora Vozes Limitada, 2017.

Coexistência, uma performance instalação

Eduardo Silveira d'Avila

Tatiana Cardoso da Silva

O projeto de pesquisa *Coexistência: uma performance instalação* propõe a criação e produção de uma série de registros sobre a obra híbrida denominada *Coexistência*, evento artístico internacional que mistura performance, teatro, música, artes visuais e mídias digitais. *Coexistência* é uma coprodução entre o grupo de pesquisa Gesta (Brasil) e o grupo *Teatret Om* (Dinamarca) e teve sua estreia em agosto de 2022 na cidade de *Ringkøbing-Skjern*, Dinamarca, a convite do Festival Internacional *URNAT Performance Art*. Na performance instalação, em meio à natureza, os performers jogam entre esculturas orgânicas, propondo a interação entre o corpo humano e outras formas de vida. Os procedimentos da pesquisa se deram em encontros de trabalho entre bolsista e orientadora, na organização, seleção, edição e montagem dos registros fotográficos e audiovisuais da obra, visando a produção do livro e do minidocumentário. Os principais conceitos que amparam nosso projeto são: metamorfose, a partir de Emanuele Coccia (2020), a noção de *performer*, através de Jerzy Grotowski (2015) e a noção de Gaia, ou seja, a terra como um sistema vivo, a partir de James Lovelock. (2020). Como resultados, realiza-se a produção de um artigo, um fotolivro e um minidoc, estimulando colaborar para a sensibilização às questões ambientais e a divulgação, dentro e fora do país, das experiências e dos modos de fazer arte desenvolvidos no curso Graduação em Teatro: Licenciatura, da Universidade Estadual do Rio Grande do Sul.

REFERÊNCIAS

COCCIA, Emanuele. **Metamorfoses**. Rio de Janeiro: Dantes Editora, 2020.

DANOWSKI, Déborah; CASTRO, Eduardo Viveiros de. **Há um mundo por vir?** Ensaio sobre os medos e os fins. Florianópolis: Desterro – Cultura e Barbárie, 2014.

GROTOWSKI, Jerzy. Performer. **Revista Performatus**, Inhumas, v. 3, n. 14, jul. 2015. Disponível em: http://performatus.com.br/wp-content/uploads/2015/07/Jerzy-Grotowski_ed14_eRevistaPerformatus.pdf. Acesso em: 10 jun. 2023.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Cia das Letras, 2019.

LAPOUJADE, David. **As existências mínimas**. São Paulo: N-1 Edições, 2017.

LOVELOCK, James. **Gaia: um novo olhar sobre a vida na Terra**. Lisboa: Edições 70, 2020.

NIETZSCHE, Friedrich. **A Gaia Ciência**. 3. ed. São Paulo: Editora Escala, 2006.

PELBART, Peter Pál. Biopolítica. **Sala Preta**, v. 7, p. 57-66, 2007. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/salapreta/article/view/57320/60302>. Acesso em: 10 jun. 2023.

**Um “TOCO” no caminho da opressão: projeto de pesquisa e extensão
universitária – Centro de Artes/UFPeI**

Fabiane Tejada da Silveira

Este trabalho apresenta o Projeto de Extensão TOCO – Teatro do Oprimido na Comunidade, criado no Centro de Artes da UFPeI em 2010, que articula suas ações pautado, principalmente, nas reflexões dos teóricos Augusto Boal e Paulo Freire. As contribuições de nossos estudos e pesquisas, fundamentam a elaboração de ações que se comprometam com a problematização de discursos e condutas opressivas na sociedade. Comprendemos que a escola é um dos territórios fundamentais na disputa pela formação humana, política, social e cultural como base para a construção de uma sociedade solidária e justa. O TOCO estrutura uma proposta de ação na comunidade escolar e em outros espaços comunitários, alicerçada na expressão artística e no diálogo, contra a desigualdade e a discriminação. O Teatro do Oprimido (TO) é um conjunto de técnicas teatrais sistematizadas pelo teatrólogo brasileiro Augusto Boal, que investiga as potencialidades da cena teatral no combate às opressões desenvolvendo jogos e metodologias que estimulam suas jogadoras e seus jogadores a problematizar as condutas no que tange às opressões, sejam elas quais forem. Os estudos sobre Teatro do Oprimido já foram utilizados em diversos espaços de educação, formais ou não, para o combate a opressão, demonstrando a potência necessária para pôr em crise padrões de comportamento reproduzidos diariamente e sustentados por lógicas opressivas. O TO possibilita a participação ativa de um indivíduo que, como oprimido, assume o protagonismo na busca pelos seus objetivos, defendendo-os e tornando-se capaz de refletir de forma mais ampla e profunda sobre o papel que está assumindo, o espaço que está ocupando e o discurso que está reproduzindo. A atuação do TOCO tem articulado práticas artístico-políticas na problematização dos processos cristalizados de opressão compartilhando os meios de produção teatral a todas as pessoas envolvidas na experiência, potencializando assim, o papel político da arte na formação humana e cidadã.

REFERÊNCIAS

BOAL, Augusto. **Teatro do oprimido e outras poéticas políticas**. Rio de Janeiro. Civilização Brasileira. 2005.

SILVEIRA, Fabiane Tejada da. **A constituição do sujeito histórico freiriano**: construções da práxis de uma espect.-atriz/professora. 2011. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, RS, 2011. Disponível em: <http://guaiaca.ufpel.edu.br/handle/123456789/1753>. Acesso em: 30 abr. 2023.

Inflexões no ensino de Artes Visuais

Fábio Wosniak

A ideia de encaminhar pesquisas sobre o ensino e a formação docente em Artes Visuais em uma perspectiva dissidente, nasce em plena pandemia da COVID-19, quando percebo que minha prática artística tensiona essas temáticas, logo quando termino o doutorado. Situado no contexto da Amazônia amapaense, como docente no Curso de Licenciatura em Artes Visuais, tenho proposto um percurso de pesquisa-ensino-extensão que investigue poéticas e práticas artísticas que evidenciam e interseccionam questões como raça, etnia, classe, gênero que encaminham para geopolíticas que rompem com sistemas binários, patriarcais e coloniais. O termo dissidência é referenciado nos *escritorios de la disidencia*, do artista e ativista chileno Felipe Rivas San Martín (2020), nos estudos decoloniais, mais precisamente nas estéticas decoloniais (GOMEZ; MIGNOLO, 2012) e nos/as artistas que com suas práticas tem nos possibilitado ativar o reconhecimento de maneiras plurais para pensar/fazer/sentir as artes. Acionando os saberes das florestas, dos terreiros, dos ancestrais; a partir de metodologias contraepistemológicas, que analisam e “problematizam o desenvolvimento artístico nas Américas e sua relação com os países colonizadores” (PAIVA, 2022, p.45). Pensar a formação docente e o ensino de Artes Visuais, em uma perspectiva dissidente, exige uma atitude de conscientização crítica de nos reconhecermos enquanto sujeitos ativos e participantes no e com o mundo. Como anunciou Paulo Freire (2011), as instâncias da existência humana perpassam por caminhos de produção, decisão, criação, recriação e comunicação. Se analisarmos o que o projeto perverso da colonização impossibilita com o seu epistemicídio, é justamente, o apagamento dessas potencialidades humanas, impossibilitando que exista qualquer outra maneira de existir que não esteja no projeto universal – *Cisbetrocolonial*.

São inúmeras as referências de artistas da América Latina que tem proposto pensar uma ética/estética a partir de nós mesmos - das nossas existências e experiências enquanto pessoas indígenas, afrodescentes ou LGBTQIAP+. É possível pensar em uma Arte/Educação dissidente, que subverte a lógica eurocentrada e faz erguer a voz das comunidades historicamente silenciadas pela violência dos processos de colonização do ser, do saber, do poder e do sentir (QUIJANO, 2005).

REFERÊNCIAS

FREIRE, Paulo. **Ação Cultural**: para a liberdade e outros escritos. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.

GOMÈZ, Pedro Pablo; MIGNOLO, Walter. **Estéticas decoloniales**. Bogotá: Universidad Distrital Francisco José de Caldas-ASAB, 2012a.

_____. **Estéticas y opción decolonial**. Bogotá: Universidad Distrital Francisco José de Caldas-ASAB, 2012b.

PAIVA, Alessandra Simões. **A virada decolonial na arte brasileira**. Bauru: Mireveja, 2022.

QUIJANO, Anibal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. En libro: A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas.

LANDER, Edgardo (org). **Colección Sur Sur**. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: CLACSO, 2005. p. 227-278. Disponível em:

<http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/lander/pt/Quijano.rtf>. Acesso em: 10 jun. 2023.

SAN MARTÍN, Felipe Rivas. **Estatutos de la disidencia**. Santiago: Écfrasis ediciones, 2020.

Corpos históricos: teatro dos sentidos como prática pedagógica no ensino de História para alunos cegos

Felipe Araújo de Melo
Larissa Cunha Menezes

Resumo: A seguinte pesquisa, ainda em fase inicial, tem como objetivo propor o uso do teatro dos sentidos, como uma forma metodológica para o ensino da disciplina de história. As indagações para esta proposta surgiram a partir da prática docente de um dos autores durante o Estágio Supervisionado I, desenvolvido na Escola de Aplicação da UFPA. Nesta experiência trabalhou-se com o conteúdo de Grécia Antiga, em uma turma do 6º ano, que possuía uma aluna com baixa visão. Com resultado, percebeu-se a potencialidade de promover a inclusão em sala de aula por meio de peças teatrais ou contações de histórias com estímulos sensorio-motores. Sendo assim, esta pesquisa é um diálogo interdisciplinar para a inclusão. Como referencial teórico para os desdobramentos atuais da pesquisa estão, primeiramente da área de educação inclusiva, Montoan (2003) e aos diálogos das artes e deficiência estão Cruz (2017) e Santos (2018).

REFERÊNCIAS

- CRUZ, Everson Oliveira da. **O que os olhos não veem:** o não visível como forma de apreciação teatral. Dissertação (Mestrado em Artes Cênicas) – Programa de Pós-graduação em Artes Cênicas, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2017. Disponível em:
https://repositorio.ufrn.br/bitstream/123456789/24881/1/QueOlhosN%C3%A3oVeem_Cruz_2017.pdf. Acesso em: 10 jun. 2023.
- MOTOAN, Maria Tereza Egdér. **Inclusão Escolar:** o que é? Por que? Como fazer? São Paulo: Moderna, 2003.
- SANTOS, Roseane Monteiro dos. Quer dançar comigo? A pessoa com deficiência na cena contemporânea tucuruense através da experimentação do movimento. **Arteriais**, revista do PPGARTES, ICA, UFPA, n. 27, p. 68-75, Dez., 2018. Disponível em:
<https://periodicos.ufpa.br/index.php/ppgartes/article/download/6931/5443>. Acesso em: 10 jun. 2023.

As “Paisagens Sonoras do nosso cotidiano” como proposta de Eletiva no Ensino Médio durante a pandemia

Fernanda Eiras Rubio

Durante o ano de 2021 no Brasil, ainda no contexto crítico da pandemia de corona vírus e antes das amplas vacinações, quando as escolas estavam funcionando de forma remota, híbrida e com revezamentos dos estudantes, foi proposto para o segmento do Ensino Médio a Eletiva “Paisagens Sonoras do nosso cotidiano” pela autora em uma escola da rede estadual de São Paulo na cidade de São Paulo. O componente da Eletiva faz parte do Inova Educação, que se constitui de três novas disciplinas (Projeto de Vida, Tecnologia e Inovação e Eletivas), e foram implementadas desde o ano de 2020 em alguns segmentos da educação básica. A proposta da Eletiva “Paisagens Sonoras do nosso cotidiano” buscou explorar os sons e vozes do cotidiano dos estudantes na escola, nos lares e no bairro trazendo sensibilizações, reflexões e apreciações sobre os ambientes de convivências. O objetivo desta pesquisa é analisar a prática educativa durante o projeto da Eletiva. Por meio da análise de conteúdo dos materiais utilizados nas aulas, da produção dos estudantes e da metodologia da autoetnografia foi possível elaborar reflexões sobre a práxis. A metodologia da autoetnografia possibilita a autorreflexão crítica dos pesquisadores e neste caso, também educadora, este espaço de análise dos processos educativos é importante para a vida profissional dos professores, pois desse modo, pode favorecer as mudanças necessárias às práticas. Pelas análises dos diferentes estágios e conteúdos da Eletiva, das atividades propostas de experimentação e variados envolvimento dos estudantes de diferentes anos e turmas, foi potencializada reflexões significativas sobre o período que a Eletiva foi proposta e aplicada na escola.

REFERÊNCIAS

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2016.

RODRIGUES, Paulo Chagas. “O que é paisagem sonora?”. **Portal Acústica**, 2020. Disponível em: <http://portalacustica.info/paisagem-sonora/>. Acesso em: 10 jun. 2023.

RUBIO, Fernanda Eiras. “Paisagens Sonoras do nosso cotidiano”. **Soundcloud**, 2021. Disponível em: <https://soundcloud.com/fernanda-eiras-rubio/sets/paisagens-sonoras-do-nosso>. Acesso em: 10 jun. 2023.

SANTOS, Silvio Matheus Alves. O método da autoetnografia na pesquisa sociológica: atores, perspectivas e desafios. **Plural**, v. 24, n. 1, p. 214-241, 2017. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/plural/article/view/113972/133158>. Acesso em: 10 jun. 2023.

SCHAFFER, Murray. **O ouvido pensante**. São Paulo: Ed. Unesp, 2011.

SECRETARIA DE EDUCAÇÃO DO ESTADO DE SÃO PAULO. **Inova Educação**, s/d.
Disponível em: <https://inova.educacao.sp.gov.br/>. Acesso em: 10 jun. 2023.

Ensino profissional no cárcere: uma perspectiva feminina

Fernanda da Silva Spíndola

Itamar Luís Hammes

O trabalho relata pesquisa realizada nos dois maiores presídios femininos do Rio Grande do Sul sobre o Ensino Profissional oferecido em ambos os estabelecimentos. O Ensino Profissional, de livre oferta e sem vinculação em grau de escolaridade, se torna essencial no contexto prisional, como ferramenta de ressocialização das pessoas em situação de cárcere gerando remissão de pena e maiores possibilidades de reinserção em sociedade. Através de questionários semiestruturados, foram ouvidas 189 mulheres, 01 gestora e 01 servidora técnica no Presídio Estadual Feminino Madre Pelletier e da Penitenciária Estadual Feminina de Guaíba, que forneceram dados para a identificação das principais dificuldades na oferta e na conclusão de Cursos Profissionais no âmbito penitenciário. Além de traçar o perfil dos cursos mais requisitados pelas mulheres em situação de cárcere, também foi traçado o perfil etário e escolar desta população. Conforme os resultados obtidos, 38,1% das pesquisadas tem entre 31 e 40 anos e 42,3% possuem somente o Ensino Fundamental incompleto, a grande maioria também nunca realizou nenhum curso durante seu recolhimento e não possui nenhum trabalho prisional, as ditas ligas laborais. Nas considerações finais são apontados os diversos fatores que dificultam a oferta de Ensino Profissional nos presídios alvos da pesquisa, as áreas de formação profissional de maior carência entre as mulheres pesquisadas, como informática, estética e artesanato. Traz também a reflexão sobre a necessidade de aproximação das universidades com o sistema prisional, aumentando as possibilidades de formação e ressocialização das mulheres em situação de cárcere.

A arte como um comum na relação escola e comunidade

Gabriela Silva Morél de Oliveira

Carmen Lúcia Capra

Pensar a Arte como um dispositivo para ampliar e estreitar as relações entre escola e comunidade (e vice-versa) mostra-se como o caminho possível para que o *Campus* Osório do Instituto Federal do Rio Grande do Sul (IFRS) reaproxime-se do público externo. O interesse em aprofundar os estudos nestas temáticas não surgiu por acaso, mas pelo reconhecimento da potência transformadora da Arte; pela unidade de ensino ser uma grande produtora de ações artísticas; e, principalmente, pelo reconhecimento do trabalho desenvolvido pela professora de Artes Tina Hatem (*em memória*). Com ações aparentemente simples, mas de tamanha potência, a docente proporcionou às pessoas sentirem-se sujeitos ativos e participativos do *campus*, além de admiradores do mesmo, num período crucial, de sua implantação. Por meio de uma pesquisa em desenvolvimento na Universidade Estadual do Rio Grande do Sul (UERGS) e com base nas definições do filósofo Gilles Lipovetsky (2005) de sociedade narcísica e de hiper-individualismo, entende-se que o afastamento entre instituição e comunidade é reflexo das imposições da cultura pós-moderna. É na proposição de Byung-Chul Han (2020 apud Camargo, 2023, p. 99) de recobrar os rituais como forma de partilha do comum e na arte socialmente engajada definida por Pablo Helguera (2011) que parece estar a fórmula para o *Campus* Osório e a comunidade refazer o elo. Afinal, a função de existir de uma instituição pública é a sociedade, que deve apropriar-se dela e conhecer seus produtos e serviços. Uma não existe sem a outra. O comum nessa relação precisa ser pensado e ressignificado. E a Arte, no sentido político de ser, só tem a somar neste processo. Para alicerçar este estudo de abordagem qualitativa, serão utilizadas metodologias de Revisão do Estado-da-Arte, e de pesquisa narrativa e de histórias de vida.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. **Lei nº 13.278/2016**. Altera o § 6º do art. 26 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que fixa as diretrizes e bases da educação nacional, referente ao ensino da arte. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2016/lei/113278.htm. Acesso em: 02 jun. 2023.

CAMARGO, Andréia Vieira Abdelnur. Comunicação com comunidade: mover e soar para recobrar o rito. **Rebento**, São Paulo, n. 15, p. 90-103, 2021. Disponível em: <https://www.periodicos.ia.unesp.br/Index.php/rebento/article/view/699/431>. Acesso em: 20 abr. 2023.

CUNHA BASTOS, Flávia Maria. Celebrando autorias: arte, comunidade e cotidiano em arte-educação. **Visualidades**, Goiás, v. 3, n. 1, p. 70-85, 2005. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/VISUAL/issue/view/1131>. Acesso em: 31 maio 2023.

DUSSEL, Enrique. **Ética Comunitária**. Petrópolis: Vozes, 1986.

EÇA, Teresa Torres de. A Educação Artística e as prioridades educativas do início do século XXI. **Revista Ibero-Americana de Educação**, n. 52, p. 127-146, 2010. Disponível em: <https://rieoei.org/rie/article/view/581>. Acesso em: 2 jan. 2023.

HELGUERA, Pablo; Hoff, Mônica (org.). **Pedagogia no Campo Expandido**. Porto Alegre: Fundação Bienal de Artes Visuais do Mercosul, 2011. Disponível em: http://latinamericanartathunter.org/uploads/pedagogia_no_campo_expandido_-_8bienal%20portuguese.pdf> Acesso em: 2 jan. 2023.

MENDONÇA, Celida Salume. Corpo, espaço e materialidades: o professor de teatro mediando a criação de um novo lugar. In: CRUZ, Carla et al. (org.). **A Busca Do Comum: práticas artísticas para outros futuros possíveis**. Lisboa: Instituto de Investigação em Arte, Design e Sociedade - I2ads, p. 182-189, 2019. Disponível em: <https://repositorio.ipl.pt/handle/10400.21/11594>. Acesso em: 14 mar. 2023.

MONTOYA, Georgina. La escuela imaginaria. In: **Escola de Garaje: Volumen Común (Fábrica de conocimiento)**. Bogotá: Torreblanca Agencia Gráfica, 2015. Disponível em: <https://laagencia.net/escuelas/>. Acesso em: 2 jan. 2023.

THELMA Vilas Boas. O “por acaso que?” de Davi: A Viagem de Chihiro da Lanchonete (L<>L). **Nossa Voz**. São Paulo, n. 1020, p. 16-23, 2020. Disponível em: https://casadopovo.org.br/wp-content/uploads/2020/03/nossavoz_2020_web.pdf. Acesso em: 20 maio 2023.

Relatos de uma experiência encantante

Giedre Oliveira Nascimento
Cristina Rolim Wolffenbüttel

A partir dos estudos e momentos de trocas de experiências e de aprendizado, surgiu a inspiração de vivenciar a atividade readaptada para o *eBook* do curso intitulado “Colóquios do Grupem: Educação Musical na Educação Infantil” e, também, para explicitar alguns aspectos observados durante a aplicação da atividade. O objetivo principal teve como foco desenvolver a noção de ritmo, por meio da parlenda “Viva eu, viva tu”, apresentando um gênero musical diferente do vivenciado na Educação Infantil-*Rock*. A música, assim como os demais objetos do conhecimento, está presente no dia a dia das pessoas. As pessoas estão no mundo experienciando, vivendo, aprendendo, reaprendendo e ensinando, e assim, constituímos-nos como seres pensantes, pertencentes a grupos sociais e culturais, que influenciam diretamente nossa forma de agir e pensar. Com base nesses pressupostos, a atividade foi organizada e desenvolvida com uma turma de crianças, na Escola Municipal de Educação Infantil e Ensino Fundamental José do Patrocínio, no turno da tarde. Os alunos foram muito receptivos e demonstraram gostar de música. Foram realizadas brincadeiras musicais explorando os sons produzidos pelo corpo. Após a explicação da dinâmica da atividade, deu-se início à criação musical, a partir do uso de elementos do ritmo e da altura sonora. A fundamentação teórica que embasou esse trabalho teve como base autores como Kraemer (2000), Swanwick (2003) e Wolffenbüttel (2011), além da Base Nacional Comum Curricular e da Resolução CNE/CEB nº 2/2016, que regulamenta a Lei nº 11.769/2008. Nos ambientes escolares, por muitas vezes, é possível observar a presença da música, apenas, como forma de apreciação, ou, ainda, como ferramenta de trabalho para o desenvolvimento de algum conteúdo. Essa experiência vivenciada na prática, mesmo que inicial em sua profundidade, pode contribuir com o processo de escolarização de crianças, vislumbrando possibilidades de inserção da música como objeto do conhecimento nas escolas.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: Ministério da Educação, 2018.
Disponível em:
http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf.
Acesso em: 10 jun. 2023.

BRASIL. Conselho Nacional de Educação/Câmara de Educação Básica. **Resolução CNE/CEB n.º 2, de 10 de maio de 2016**. Define Diretrizes Nacionais para a operacionalização do ensino de Música na Educação Básica. Brasília, 2016. Disponível em: https://normativasconselhos.mec.gov.br/normativa/pdf/CNE_RES_CNECEBN22016.pdf. Acesso em: 10 jun. 2023.

KRAEMER, R. Dimensões e funções do conhecimento pedagógico-musical. Em pauta, Porto Alegre, v. 11 n. 16/17, p. 50-73, abr./nov.2000. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/EmPauta/article/view/9378/5550>. Acesso em: 10 jun. 2023.

SWANWICK, Keith. **Ensinando música musicalmente**. São Paulo: Moderna, 2003.

WOLFFENBÜTTEL, Cristina Rolim. Educação musical, projeto político pedagógico e construção democrática: possibilidades da música na Educação Básica. **Revista Liberato**, Novo Hamburgo, v. 12, n. 17, p. 17-28, jan./jun. 2011. Disponível em: <https://revista.liberato.com.br/index.php/revista/article/view/165/155>. Acesso em: 10 jun. 2023.

Grupem Cast Uergs “música na infância”: relato de experiência

Graziela da Rosa Silva Felício

Cristina Rolim Wolffenbüttel

Com o intuito de garantir um ambiente propício para acadêmicos compartilharem seus estudos, através de abordagens envolventes, explorando temas relacionados à Educação Musical com o auxílio de tecnologias digitais, surgiu o Grupem Cast. O Grupem Cast é um programa de entrevistas que faz parte das iniciativas do Programa de Extensão “Educação Musical”, promovido pelo Grupo de Pesquisa em Educação Musical (Grupem) da Universidade Estadual do Rio Grande do Sul (Uergs). É um programa composto por séries, que tratam de diversos temas, mas sempre com foco na Educação Musical. A série "Música na Infância", oriunda de um produto de mestrado, traz três programas de entrevistas em plataformas de *streaming* de áudio reconhecidas, como *Spotify* e *YouTube*. Além disso, o conteúdo também foi disponibilizado para *download* no site do Grupem, chamado "Educação Musical: Diferentes Tempos e Espaços". Essa série contou com entrevistas de renomados profissionais, como Tiago Madalozzo, Regiana Blank Wille e Angelita Broock. Atualmente, os episódios alcançaram o número de 200 exibições, somente no *YouTube*. Através deste programa, o público teve acesso a um conteúdo de qualidade, que pode ser desfrutado a qualquer momento do dia. Com uma abordagem inovadora, o programa trouxe um formato de aprendizado único, despertando o interesse de estudiosos no campo da música na infância.

Palavras-chave: educação musical; infância; entrevistas.

REFERÊNCIAS

BROOCK-SCHULTZ, Angelita M. V. Broock. **Formação de professores para musicalização infantil: o papel da extensão universitária**. 2013. Tese (Doutorado em Música) – Programa de Pós-Graduação em Música, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2013.

MADALOZZO, Tiago. “Eu quero [ouvir] de novo!”: o envolvimento criativo de crianças de cinco anos na musicalização infantil. **Revista da Associação Brasileira de Educação Musical**. [No prelo].

SWANWICK, Keith. **Ensinando Música Musicalmente**. Trad. Alda Oliveira e Cristina Tourinho. São Paulo: Moderna, 2003.

Trabalhando o contexto da escola na aula de Artes Visuais

Gustavo Eger Sawada

Lara Nunes Rodrigues

Tharciana Goulart da Silva

Este resumo aborda uma experiência vivida durante a disciplina de Estágio Curricular Supervisionado III, do curso Licenciatura em Artes Visuais, ministrada pela Professora Doutora Tharciana Goulart da Silva na UDESC. O estágio ocorreu em uma turma de nono ano na EEB. Hilda Theodoro Vieira (Florianópolis-SC). No projeto elaborado refletiu-se sobre a realidade dos educandos partindo da escola enquanto tema gerador. Como referência teórica, Paulo Freire (2019, 2020) e bell hooks (2009) ancoraram a reflexão sobre pensamento crítico e o contexto (concreto e teórico). O projeto abordou a arte contemporânea, que faz parte do *percurso formativo em arte* para a turma (Secretaria de Estado da Educação, 2019). Para abarcar os contextos de uma turma heterogênea, as observações foram essenciais. A partir delas desenvolvemos o planejamento de ensino “Contextos escolares: um modo de pensar a arte e as práticas artísticas”. Tivemos sete encontros, nos quais a Abordagem Triangular (BARBOSA, 2014) foi norteadora do desenvolvimento metodológico. Exploramos diversas linguagens (Registro, Coleta, Colagem e *Assemblage*) por intermédio de artistas (On Kawara, Rosana Paulino, Rosângela Rennó, Felix Gonzalez-Torres), leitura e contextualização de obras e de práticas que culminaram em um trabalho a partir do estudo das montagens fotográficas de David Hockney (1937), utilizando da escola enquanto paisagem. Nas propostas a temática *escola* foi abordada através de provocações como: o que se pode coletar na escola?; que temas da escola são relevantes para trabalhar enquanto obra? Os estudantes estavam no nono ano, demarcando a passagem do ensino fundamental para o ensino médio. Trabalhar o contexto escolar nas aulas de arte proporcionou valorização do espaço, das experiências e das relações desenvolvidas na escola através da reflexão crítica, percebendo mudanças nas narrativas construídas pelos estudantes, uma “nova forma de compreensão do contexto” (FREIRE, 2019, p. 80).

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Ana Mae. **A imagem no ensino da arte: anos 1980 e novos tempos**. 9. ed. São Paulo: Perspectiva, 2014.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**. São Paulo: Paz & Terra, 2019.

_____. **Professora sim, tia não:** cartas a quem ousa ensinar. São Paulo: Paz e Terra, 2020.

hooks, bell. **Ensinando Pensamento Crítico:** Sabedoria prática. São Paulo: Elefante, 2009.

SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO – SED. **Currículo base da educação infantil e do ensino fundamental do território catarinense.** Florianópolis: Secretaria de Estado da Educação de Santa Catarina, 2019.

Curso “Colóquios do Grupem”: relato de experiência

Isabel Cristina Reinhardt Zimmermann

Graziela da Rosa Silva Felício

Cristina Rolim Wolffenbüttel

Este trabalho consiste em um relato de experiência sobre um produto educacional de mestrado intitulado “Colóquios do Grupem: Educação Musical na Educação Infantil”, realizado de maio a junho de 2023, de forma remota e gratuita. Este curso foi um projeto registrado na Pró-Reitoria de Extensão da Universidade Estadual do Rio Grande do Sul (Uergs), fazendo parte do Programa “Música e Educação”. Os encontros aconteceram quinzenalmente durante os meses de abril e maio de 2023, em formato remoto, com a duração de 1h30min cada, com o propósito de promover estudos, debates e análises sobre a Educação Musical na Educação Infantil e assuntos correlacionados à educação musical na educação infantil, promovendo reflexões e aprendizados significativos. A partir desses encontros e das atividades em grupo, foi lançado um *e-book* com sugestões de atividades musicais voltadas para a educação infantil. Esse curso foi de grande importância porque proporcionou um espaço dedicado ao aprofundamento e reflexão sobre a Educação Musical na Educação Infantil. Por meio dos estudos, debates e análises realizados durante o curso, os participantes puderam expandir seus conhecimentos, trocar experiências e ampliar sua visão sobre o papel da música na formação das crianças.

REFERÊNCIAS

JARDIM, Vera Lúcia Gomes. Institucionalização da profissão docente – o professor de música e a educação pública. **Revista da ABEM**, Porto Alegre, n. 21, 15-24, mar. 2009. Disponível em: http://www.abemeducacaomusical.com.br/revista_abem/ed21/revista21_artigo2.pdf. Acesso em: 10 jun. 2023.

PARIZZI, Maria Betânia. Reflexões sobre a Educação Musical na Primeira Infância. In: SANTIAGO, Diana; VANDER BROOCK, Angelita Maria (org.). **Educação Musical Infantil**. Salvador: PPPGMUS UFBA, 2011. p 49-57.

RAMBO, Zuleica Regina; ALMEIDA, Bruno Felix da Costa; WOLFFENBÜTTEL, Cristina Rolim. Educação musical na infância: uma investigação sobre sua importância. **Revista Da FUNDARTE**, v. 36, n. 36, p. 15-30, 2018. Disponível em: <https://seer.fundarte.rs.gov.br/index.php/RevistadaFundarte/article/view/495/741>. Acesso em: 10 jun. 2023.

Dos castelos das princesas à cabana do desprincesamento: perspectivas pedagógicas feministas desde as infâncias

Jéssica da Silva de Oliveira

Martha Giudice Narvaz

Desde a infância, as mulheres são educadas a partir de *scripts* de gênero ditados pela sociedade patriarcal, o que é reproduzido pela escola. A educação pode, contudo, desnaturalizar tais *scripts*, questionando as normas impostas na direção do empoderamento das meninas desde a infância (LOURO, 2014). O objetivo deste trabalho é apresentar elementos de pesquisa que vem se desenvolvendo, que articula arte, educação e literatura infantil na construção de intervenções pedagógico-poético-performáticas feministas, entendendo-se que “a função da Arte na educação é de provocar questionamentos e desencadear uma outra educação do olhar, uma educação que rompa com o estabelecido, com as normas e convenções sobre o próprio mundo” (VIEIRA DA CUNHA, 2019, p. 23). O estudo, de base qualitativa e documental, inscreve-se no campo das pesquisas cartográficas em arte e educação (CARDOSO, 2012). Serão analisados contos clássicos da literatura infantil, bem como será produzido um inventário de obras infantis contemporâneas que busquem a premissa do *desprincesamento*, que questionam os scripts tradicionais de gênero encontrados nos clássicos infantis. Será proposta uma intervenção performática em uma escola do Município de São Leopoldo/RS, que consiste na invenção de uma *cabana literária* na qual serão expostas literaturas empoderadas, a realização de contações de histórias na direção do *desprincesamento* e ato performático de um conto produzido pela pesquisadora. A intenção é pensar junto à comunidade escolar, sobretudo com as professoras da educação infantil, as diferentes possibilidades de se constituir menina a partir de modelos identificatórios diversos. Os resultados preliminares do estudo apontam para a existência de inúmeras obras de literatura infantil, como por exemplo: *Menino*, *Menina de Joana Estrela*, *Princesas em greve de Thais Linhares*, que integram o inventário que vem se constituindo. Para tal, será necessário causar desassossego, mexer com práticas há muito estabelecidas na invenção de uma docência performática.

REFERÊNCIAS

CARDOSO, L. de R. Nos rastros de uma bruxa, compondo metodologias alquimistas. In: MEYER, D. E.; PARAÍSO, M. A. (org.). **Metodologias de pesquisas pós-críticas em Educação**. Belo Horizonte: Mazza, 2012. p. 219-241.

ESTRELA, JOANA. *Menino, menina*. Rio de Janeiro: Pequena Zahar, 2021.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação**: uma perspectiva pós-estruturalista. 16. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

LINHARES, Thais. **Princesas em greve!** São Paulo: Cortez, 2019.

VIEIRA DA CUNHA, S. R. Como vai a Arte na Educação Infantil? **Revista Apotheke**, Florianópolis, v. 5, n. 3, 2019. Disponível em: <https://www.revistas.udesc.br/index.php/apotheke/article/view/16827>. Acesso em: 29 maio 2023.

Os caminhos do nosso mundo: uma proposta didática para docentes e discentes do Ensino Médio

João Vitor Rangel Miranda

No cenário educacional e no processo de aprendizagem, a leitura em conjunto com a mediação do docente é fundamental para a formação de indivíduos críticos e constituidores de sentido no que tange a experiência de vida no mundo atual, capazes de dialogar com qualquer tipo de material escrito por meio de seus contextos históricos, sociais e culturais. Diante dessa perspectiva, o presente relato de experiência tem como objetivo apresentar os resultados obtidos na aplicação de uma proposta didática pautada nas habilidades da BNCC (Base Nacional Comum Curricular), a qual foi aplicada com alunos do ensino médio durante o itinerário do aluno autor em uma escola da cidade de Guaratinguetá, SP, ambos filiados ao programa institucional Residência Pedagógica. A proposta abordou os gêneros literários crônica e canção e trabalhou a interdiscursividade existente entre a crônica “O fim do mundo”, de Cecília Meirelles, e a canção “Natasha”, da banda Capital Inicial. O trabalho com esses materiais buscou promover espaços para o desenvolvimento de habilidades descritivas, analíticas, interpretativas, sociocomunicativas, socioemocionais e de leitura dos alunos, pautadas nos autores Magnani (1998), Nogueira (2004), Silva (2016) e Solé (1998). Metodologicamente, o projeto foi qualitativo e aplicado. Como resultados, a prática dessa proposta didática em sala de aula mostrou que o trabalho com materiais de cunho literário, social, cultural e humanista, além de dialogar com os contextos pessoais dos alunos, despertando um sentimento de pertencimento, também se expande para a esfera comportamental, visto que durante a avaliação dos alunos, muitos que diziam se sentir introvertidos e tímidos para compartilhar as suas opiniões em público, expuseram-nas após a sua identificação com o tema. Por fim, acredita-se que, por meio da propagação e compartilhamento em ambientes acadêmicos, propostas como essa podem contribuir para a formação de estudantes e leitores críticos e mais humanizados na educação brasileira.

REFERÊNCIAS

- BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: Ministério da Educação, 2018.
Disponível em:
http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518-versaofinal_site.pdf.
Acesso em: 10 jun. 2023.
- MAGNANI, Maria do Rosário Mortatti. **Leitura, literatura e escola**: Sobre a formação do gosto. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

NOGUEIRA, Monique Andries. A música e o desenvolvimento da criança. **Revista UFG**, Goiás, v. 6, n. 2, p. 22-25, dez. 2004. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/revistaufg/article/view/48654>. Acesso em: 10 jun. 2023.

SILVA, Ivani Roberto da. Crônica em sala de aula: um caminho para a leitura e a reflexão. **Revista eletrônica do programa de Desenvolvimento Educacional do Paraná**, Curitiba, v. 1, n. 1, p. 01-20, 2016. Disponível em: http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes_pde/2016/2016_artigo_port_uel_ivanirobertodasilva.pdf. Acesso em: 10 jun. 2023.

SOLÉ, Isabel. **Estratégias de leitura**. Porto Alegre: Artmed, 1998.

O que está no meio é atravessamento: corpo, cidade e processos pedagógicos afetivos no contexto de pessoas em situação periférica

José Lorencio Ramos Filho

Ana Valéria de Figueiredo

Toda escuta requer uma ausculta – tendo a experiência estética como estímulo à recepção, à produção, o ver e o fazer – pretende-se uma reflexão a partir de relações inscritas pelas vias da observação simples dos cotidianos instaurados na dinâmica da cidade, pelo viés estético onde arte e vida produzem diálogos por meio de experiências e contextos – tempo expandido e lugar entendido no contemporâneo. *A estética dos corpos* é tomada sob uma perspectiva poética, porém crítica, considerando a relação sujeito/sociedade, subordinados a política de uma cidade originalmente construída a partir de um modelo ideal. De acordo com o filósofo italiano Giorgio Agamben, é a partir do confronto entre duas esferas que um terceiro elemento emerge: “subjetividade”. Dois domínios, de um lado organismos vivos e do outro dispositivos.⁴ Três eixos norteiam a pesquisa: a questão da violência simbólica; a dialética geradora de identidade (Relações, afetos, cotidianos e acontecimentos que constituem a identidade do sujeito no seu percurso centro/periferia); a arte como catalizadora, vetor de objetivação do sujeito.

REFERÊNCIAS

- BOAL, Augusto. **A Estética do Oprimido**. Rio de Janeiro: Garamond, 2009.
- CERTEAU, Michel. **A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer**. Petrópolis: Vozes, 1998.
- RANCIÈRE, J. **A Partilha do sensível: estética e política**. São Paulo: Editora 34, 2009.
- TAVARES, José. **Resiliência e Educação**. 3. ed. São Paulo: Cortez Editora, 2002.
- BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil. S.A, 1989.
- SARTRE, Jean-Paul. **O que é subjetividade?** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015.

⁴ 9 variações sobre coisas e performance, 2012.

Pensando o ensino de Artes de forma inclusiva: relatos de experiência sobre a prática de um aluno autista

Juliane Barbosa de Sousa Leal

O presente trabalho, tem como objetivo o relato de experiência das atividades de artes desenvolvidas com um aluno autista não verbal, de uma escola pública do município de Parauapebas – PA. Nas duas últimas décadas, as discussões sobre o autismo nos diversos contextos da sociedade, têm se intensificado de maneira significativa. Com o aumento de crianças diagnosticadas últimos anos, diversos estudiosos têm se dedicado a compreender de forma mais complexa o universo do transtorno do espectro autista. Na área da educação, muito se tem debatido sobre as formas de inclusão do aluno com TEA, e diante desse desafio, os educadores têm buscado novos mecanismos e estratégias para assegurar a inclusão desses alunos. O presente trabalho relata a experiência das aulas de artes, que tem como objetivo principal desenvolver em um aluno autista não verbal, suas habilidades, sua criatividade, coordenação motora, a concentração, assim como, os aspectos da interação e socialização. A arte é um canal direto de comunicação entre os seres humanos, e por meio dela, podemos nos expressar de diferentes formas. No contexto educacional, o ensino de artes tem sido uma importante ferramenta para se trabalhar a inclusão em sala de aula. A nossa prática pedagógica foi pautada no conceito das metodologias ativas (JÚNIOR, 2019) onde o aluno apresenta-se como protagonista no processo de aprendizagem. Buscou-se desconstruir a ideia de que o aluno PCD é apenas um receptor de informações, e buscamos construir o conceito no qual esse aluno é um importante agente na construção do conhecimento.

REFERÊNCIAS

BOTTENTUIT JUNIOR, J. B. Sala de Aula Invertida: recomendações e tecnologias digitais para sua implementação na educação. **Novas Tecnologias na Educação**, v. 17, n. 2, ago. 2019. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/renote/article/view/96583/54183>. Acesso em: 10 jun. 2023.

Arte, educação e política nos desfiles do Carnaval carioca

Leandro Rodrigues Nascimento da Silva

Ana Valéria Figueiredo da Costa

Esta pesquisa objetiva investigar como os desfiles de carnavais dos anos de 2018 a 2019 se configuraram enquanto produções arte/educadoras de potência em um cenário político-social de levante da extrema-direita. Como metodologia, optou-se por selecionar dois desfiles de duas escolas as quais foram campeãs nos respectivos anos: Beija-flor; e Estação Primeira de Mangueira. Essa seleção nos permite analisar não só as tendências imagético-discursivas dos desfiles, mas também o cenário social no qual se deram e com o qual contribuíram como um levante pedagogicamente engendrado dos/as excluídos/as. Justifica-se esta pesquisa pelo fato de que entendemos, apoiados em referencial teórico previamente analisado, que há uma potência arte/educadora nos desfiles de carnavais que por vezes é reduzida ao turismo e ao glamour momentâneo que lhes são atribuídos pelos interesses empresariais em lucrar com o festejo. Nossos resultados ainda estão em fase de elaboração, visto que esta pesquisa ainda está em andamento. Porém, o que salta à conclusão neste estágio do estudo, é que os desfiles das duas escolas de samba cariocas citados se amoldaram como ferramenta-respostas aos avanços do protofascismo que se impunha naqueles anos no cenário municipal, estadual e federal.

REFERÊNCIAS

CHARTIER, R. **A história cultural**: entre práticas e representações. Lisboa: Difel, 1990.

COSTA, Ana Valéria de Figueiredo da. **Odoyà!** Representações de Iemanjá na trama das imagens. Rio de Janeiro: Imperial Novo Milênio, 2016.

FERREIRA, Felipe. **Meu Carnaval Brasil**. Rio de Janeiro: Aprazível, 2009.

Documentos orientadores municipais de secretarias de educação do COREDE Vale do Caí/RS: uma pesquisa documental

Leonardo Giongo
Cristina Rolim Wolffenbüttel
Luisa Silva de Azevedo
Sabrina da Silva Santos
Tiago Rubert
Jeicy Kelly Carvalho

A Base Nacional Comum Curricular materializou-se por meio da Resolução CNE/CP n.º 2, de 22 de dezembro de 2017. Conforme o *caput* da lei, “institui e orienta a implantação da Base Nacional Comum Curricular, a ser respeitada obrigatoriamente ao longo das etapas e respectivas modalidades no âmbito da Educação Básica” (BRASIL, 2017). As Artes, na BNCC, aparecem nas etapas da Educação Infantil e do Ensino Fundamental. Na Educação Infantil, a Arte consta nos campos de experiência, como corpo, gestos e movimentos, traços, sons, cores e formas. No Ensino Fundamental, aparece nas competências específicas dos anos iniciais e finais, aparecendo com as linguagens Artes visuais, a Dança, a Música e o Teatro. Partindo desses pressupostos, este projeto, em andamento, objetiva identificar e analisar a presença das competências específicas da Música expressas na BNCC nos documentos orientadores municipais de secretarias de educação do Rio Grande do Sul, sendo o *locus* os municípios que integram o COREDE Vale do Caí. A metodologia incluiu a abordagem qualitativa, a pesquisa documental, e a coleta de documentos via *Internet* como técnicas para a coleta dos dados. A análise de conteúdo constitui a técnica para a análise dos dados, com referenciais da Educação Musical (KRAEMER, 2000; SOUZA, 2020), Abordagem do Ciclo de Políticas (BOWE; BALL; GOLD, 1992; BALL, 1994), e a complexidade dos fenômenos sociais, com o jogo de escalas (REVEL, 1998; BRANDÃO, 2008). Entende-se que esta pesquisa contribuirá com a Educação e Educação Musical, trazendo a Música como foco de análise, a partir da BNCC.

REFERÊNCIAS

- BALL, Stephen J. **Educational reform: a critical and post structural approach**. Buckingham: Open University Press, 1994.
- BOWE, Richard; BALL, Stephen J.; GOLD, Anne. **Reforming education and changing schools: case studies in policy sociology**. London: Routledge, 1992.

KRAEMER, Rudolf-Dieter. Dimensões e funções do conhecimento pedagógico-musical. **Em Pauta**, Porto Alegre, v.11, n. 16/17, abr./nov., p. 50-73, 2000. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/EmPauta/article/view/9378>. Acesso em: 3 jun. 2023.

REVEL, Jacques. **Jogos de escalas**: a experiência da microanálise. Rio de Janeiro: FGV, 1998.

SOUZA, Jusamara. A Educação Musical como campo científico. **Olhares & Trilhas**, [S. l.], v. 22, n. 1, p. 9-24, 2020. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/olhases trilhas/article/view/53720>. Acesso em: 3 jun. 2023.

A experiência artística na formação de profissionais de intervenção social – relato de uma experiência de autorretrato realizada na oficina de artes plásticas

Lúcia Grave Magueta

Nesta comunicação apresenta-se uma descrição de práticas que ocorreram no curso Técnico Superior Profissional de Intervenção Sociocultural e Desportiva da Escola Superior de Educação e Ciências Sociais do Instituto Politécnico de Leiria, em Portugal. Este curso forma profissionais capazes de gerir, conceber, dinamizar e implementar projetos e atividades de caráter social, cultural, recreativo e desportivo, direcionados a diferentes públicos – crianças, jovens, adultos, idosos, pessoas com deficiência – com recurso a ferramentas tecnológicas, artísticas e desportivas e destinados a intervir nas comunidades, como sugere Matarrazo (2019) promovendo a integração social e o desenvolvimento cultural. As experiências a relatar realizaram-se na unidade curricular de Oficina de Artes Plásticas, com um grupo de 18 estudantes, e incidiram sobre o autorretrato. Sendo uma unidade curricular voltada para a criação artística, este exercício tinha como objetivo explorar livremente diversos meios e técnicas de expressão plástica bidimensional – desenho, pintura, colagem, fotomontagem, estampagem, técnicas mistas e outros meios expressivos. O processo incluiu uma abordagem a diferentes referências artísticas e ao «autorretrato» presentes na Arte Portuguesa, ao conceito de «tronie», e ainda uma fase de pesquisa visual e planeamento. Os resultados indicam que o desafio lançado aos estudantes lhes proporcionou não só um exercício de criação plástica, mas também momentos de reflexão sobre si próprios, a sua identidade e a sua «história». As suas produções e reflexões sobre o exercício de autorretrato espelham que viveram uma experiência de autoexpressão e autoconhecimento, ficando salientes também as aprendizagens sobre «expressão plástica» e sobre a importância das artes como meios para a intervenção nos contextos de prática profissional junto das comunidades.

REFERÊNCIAS

MATARRAZO, F. **Uma Arte Irrequieta**: reflexões sobre o triunfo e importância da prática participativa. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2019.

Sons da infância – “propostas de atividades musicais para educação infantil”: relatos de experiência

Maria Lucia Matos Scheffer
Cristina Rolim Wolffenbuttel

Muitas de nossas práticas diárias ficam restritas ao fazer pedagógico da sala de aula e com pouco espaço para abordagens que possam explorar os temas relacionados à “Educação Musical”. Participei do curso Colóquios do Grupem: chamado ‘Educação Musical: Diferentes Tempos e Espaços’. Educação Musical na Educação Infantil na Unidade Universitária Litoral Norte pela plataforma virtual Meet Google de organização coletiva, promovido pelo grupo de Pesquisa em Educação Musica, da Universidade Estadual Rio Grande do Sul (UERGS), com foco na Educação Musical, onde teve inúmeras discussões da importância do aprendizado e o interesse de estudiosos no campo da Música na Infância. Para desenvolver as habilidades musicais nas escolas que são desprovidas de espaço, instrumentos e professores específicos de música se faz necessária a criatividade e o conhecimento musical onde objetos como um simples copo plástico pode desenvolver a sensorialidade auditiva, pequenos pauzinhos (feitos de cabos de vassoura) podem ser reproduzidas a intensidade do som, timbre, altura, intensidade e duração, e uma música pode desenvolver a oralidade, ampliar repertório musical, desenvolvendo a coordenação motora grossa, lateralidade e sequência lógica.

REFERÊNCIAS

JARDIM, Vera Lúcia Gomes. Institucionalização da profissão docente – o professor de música e a educação pública. **Revista da ABEM**, Porto Alegre, n. 21, 15-24, mar. 2009. Disponível em: http://www.abemeducacaomusical.com.br/revista_abem/ed21/revista21_artigo2.pdf. Acesso em: 10 jun. 2023.

PARIZZI, Maria Betânia. Reflexões sobre a educação musical na primeira infância. In: SANTIAGO, Diana et al. (org.). **Educação Musical Infantil**. Salvador: Editora PPGMUS UFBA, 2011. p. 49-59.

RAMBO, Zuleica Regina; ALMEIDA, Bruno Felix da Costa; WOLFFENBÜTTEL, Cristina Rolim. Educação musical na infância: uma investigação sobre sua importância. **Revista Da FUNDARTE**, v. 36, n. 36, p. 15-30, 2018. Disponível em: <https://seer.fundarte.rs.gov.br/index.php/RevistadaFundarte/article/view/495/741>. Acesso em: 10 jun. 2023.

SILVA, Quelly. **Eu vou andar de trem você vai também**. [S. l.: s. n.], 9 maio. 2021. 1 vídeo (3 min 34 s). Disponível em: <https://youtu.be/zktgijyLAF8>. Acesso em: 10 jun. 2023.

WOLFFENBÜTTEL, Cristina Rolim. **Folclore e música folclórica: o que os alunos vivenciam e pensam**. Curitiba: Appis, 2019.

***Sketchbooks*: um relato de como utilizá-los em aulas de Corte e Costura**

Mariana “Annie” Ruaro de Vasconcelos

Este relato de experiência tem por objetivo apresentar como foi montado o plano de aula e os resultados das jovens aprendizes do curso de Corte, Costura e Modelagem Sustentável da Fundação Pão dos Pobres, em maio de 2022, quando a autora era educadora social do curso previamente citado. A criação do plano de aula foi baseada na metodologia triangular de Ana Mae Barbosa (apud Oliveira, 2018). Para contextualizar a educadora trouxe para a sala de aula dois vídeos: o primeiro apresentando o estilista Ronaldo Fraga para as alunas e o segundo do mesmo falando sobre a suas criações e a importância dos seus *sketchbooks*.⁵ Na etapa Apreciar levou-se o “caderno de inspiração” criado pela educadora em sua especialização em *design* cenográfico e o livro “Caderno de Roupas, Memórias e Croquis” de Ronaldo Fraga (2015). Para Praticar as jovens ganharam cadernetas com doze folhas brancas A4, juntamente com lápis de cor, tesouras e revistas diversas para serem recortadas. Trazendo para a sala de aula esse método de inspiração espera-se desacelerar e repensar as aulas de corte e costura, conhecer mais a fundo o gosto pessoal de cada jovem e aumentar o repertório visual das mesmas. Ao final de duas manhãs, cada jovem aprendiz construiu um caderno com colagens e desenhos de possíveis peças de roupa que poderiam ser feitas baseada nas temáticas observadas e gosto pessoal de cada uma.

REFERÊNCIAS

OLIVEIRA, E. S.; CORRÊA Corrêa, V. S. A. Ensino de Artes: A abordagem Triangular de Ana Mae Barbosa. **Contemporartes**, 2018. Disponível em: <https://revistacontemporartes.com.br/2018/12/14/ensino-de-artes-a-abordagem-triangular-de-ana-mae-barbosa/>. Acesso em: 4 jun. 2023.

FRAGA, R. Ronaldo Fraga: **Caderno de roupas, memórias e croquis**. Rio de Janeiro: Cobogó, 2015.

SEIVEWRIGHT, S. **Fundamentos de design de moda 01: pesquisa e design**. Porto Alegre: Bookman, 2015.

TEDx TALKS. **A moda como vetor cultural | Ronaldo Fraga | TEDxLaçador**. [S. l.: s. n.], 2017. 1 vídeo (13 min 49 s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=zuB682m90UU>. Acesso em: 4 jun. 2023.

TOK&STOK. **Ronaldo Fraga - Cadernos de roupas, memórias e croquis**. [S. l.: s. n.], 2012. 1

⁵ Descritos também como “Caderno de Inspirações” (SEIVEWRIGHT, Simon. 2015)

vídeo (9 min 31 s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=HyNkfVNgCPM>. Acesso em: 4 jun. 2023.

VASCONCELOS, M. R. **Furiosa Sukeban**: um relato de construção de figurino com inspiração pós-apocalíptica. 34f. 2021. Trabalho de Conclusão de Curso. (Especialização em Design Cenográfico) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Arquitetura, Porto Alegre, 2021. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/226150>. Acesso em: 10 jun. 2023.

Cidade educadora e juventude: formação para cidadania e educação ambiental mediante projetos sociais

Mariana Cunha Bhering

A partir do conceito de cidade educadora em que se considera a cidade como um território educativo, a Associação Cidade Escola Aprendiz desenvolveu um projeto com jovens interessados em ter maior formação para atuarem em suas comunidades, localizado na cidade de São Paulo. A cidade educadora tem referência em David Harvey na concepção de direito à cidade. O artigo em formato de relato de experiência tem como objetivo analisar a formação oferecida pela associação para os jovens sobre cidadania e educação ambiental. Constata-se que a experiência como monitoria pedagógica permitiu maior suporte prático para formação docente por auxílio nas atividades, desenvolvimento de oficinas, participação no planejamento pedagógico e acompanhamento dos jovens nas atividades internas e externas. Além de fomentar diversas vivências dos jovens na cidade com caráter educativo, conhecendo melhor os possíveis trajetos, valorização do patrimônio cultural e ambiental.

REFERÊNCIAS

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da esperança**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2006.

HARVEY, D. **Espaços de Esperança**. Tradução de Adail Ubirajara Sobral e Maria Stela Gonçalves. São Paulo: Edições Loyola, 2004.

MEDEIROS FILHO, Barnabé. **Bairro-escola: uma geografia do aprendizado, a tecnologia da Cidade Escola Aprendiz para integrar escola e comunidade**. São Paulo: Tempo D'Imagem, 2005.

MOLL, Jaqueline. Reinventar a escola dialogando com a comunidade e com a cidade: Novos Itinerários Educativos. **Revista Pátio**, Porto Alegre: ARTMED, v. 6, n. 24, p. 58-61, nov./2002 - jan./2003.

SANTOS, M. **O espaço do cidadão**. São Paulo: Nobel, 2007.

Laboratório de imagens: experimentações e processos em fotografia

Mariana Souza de Jesus

Mariane Rotter

O Laboratório de Imagens - LABi, é uma das ações propostas pelo Núcleo de Fotografia da Universidade Estadual do Rio Grande do Sul (UERGS), que iniciou no ano de 2022 e tem tido continuidade no ano corrente. O LABi é realizado no laboratório fotográfico Vania Toledo, na Casa de Cultura Mario Quintana, em Porto Alegre, tem a coordenação da professora Mariane Rotter (UERGS) e o apoio do artista visual e fotógrafo Amílcar Pinto (Iecine). Em seu segundo ano, o LABi visa promover encontros mensais entre a comunidade interessada e um público mais especializado em fotografia, que encontra nas proposições dos encontros, práticas fora de uso nos dias de hoje, como a fotografia *pinhole* ou processos alternativos como a cianotipia, por exemplo. A ação, que teve o intuito de romper os muros da universidade e do município onde sempre foi realizado, foi recebido por um dos espaços culturais mais emblemáticos do nosso estado, a Casa de Cultura Mário Quintana, assim como tem recebido a cada encontro o interesse de colaboradores de outras instituições da educação e da cultura, como o próprio Amílcar Pinto, funcionário do Iecine, Myra Gonçalves, professora de fotografia de instituições como Feevale e UCS, Antônio Sobral, professor de fotografia da ULBRA e Sérgio Sakakibara, artista visual e técnico da Fundação Catarinense de Cultura/MIS-SC, entre outros. O encontro de profissionais provindo de diversas instituições, mas com a intenção de olhar para a imagem fotográfica em comum tem gerado ricos encontros e profícuas discussões. Já entrou no calendário do LABi iniciar o ano em consonância com a atividade do *Pinhole Day*, que acontece no mundo todo sendo realizada por quem produz esse tipo de fotografia, assim como, a de realizar uma exposição fotográfica com os resultados das pesquisas e atividades no fim deste ano.

REFERÊNCIAS

BARTHES, Roland. **A Câmara Clara: 50 Anos**. São Paulo: Nova Fronteira, 2015.

COSTA, Ana Angélica (org.). **Possibilidades da câmera obscura**. Rio de Janeiro: Projeto Subsolo, 2015.

MONFORTE, Luiz Guimarães. **Fotografia pensante**. São Paulo: Editora SENAC, 1997.

INSTITUTO MOREIRA SALLES. **ZUM**: Revista de fotografia. São Paulo: Instituto Moreira Salles, s/d. Disponível em: <https://revistazum.com.br/>. Acesso em: 10 jun. 2023.

Fotografias imperfeitas

Mariana Nunes dos Santos

Ana Valéria de Figueiredo

Minha pesquisa de Mestrado aprofunda os estudos iniciados durante minha licenciatura em Artes Visuais, concentrando-se nos registros fotográficos produzidos por adolescentes utilizando celulares, com foco na construção de autonarrativas, que têm como tema “Fotografias ImPerfeitas”. Através da perspectiva da Pedagogia das Visualidades, analiso os processos de produção, recepção e leitura de imagens do cotidiano dos adolescentes e como isso se reflete em suas produções fotográficas. A pesquisa inclui uma análise bibliográfica de temas como análise de imagem, semiótica, história da fotografia, padrões hegemônicos, metodologia de pesquisa, prática, e teorias educacionais voltadas para experiências, utilizando autores como Ana Mae Barbosa, John Dewey, Rita Irwin e bell hooks. Alinhado com a Pedagogia das Visualidades, busco compreender, dentro da sala de aula, os mecanismos de pedagogização das imagens do cotidiano, especialmente aquelas provenientes das redes sociais. O recorte da pesquisa são adolescentes, com foco nos jovens que vivem em regiões marginalizadas do Rio de Janeiro e que fogem de padrões físicos, sociais e culturais estabelecidos. Esses jovens enfrentam maior vulnerabilidade devido à falta de apoio em questões sociais, raciais e estéticas, diante da conjuntura atual da nossa sociedade. A pesquisa visa trazer um olhar atento para perspectivas, corpos e experiências que muitas vezes são consideradas incorretas e são desvalorizadas, esquecidas, invisibilizadas ou até mesmo apagadas, eclipsadas pelos padrões considerados perfeitos. No meu processo de pesquisa, exploro fotografias que classifiquei como ImPerfeitas, sendo aquelas que apresentam desvios técnicos que foram aprendidos como corretos. Com essa pesquisa, pretendo contribuir para a ampliação da visibilidade e valorização das vivências e expressões dos adolescentes marginalizados, incentivando uma reflexão crítica sobre as normas e padrões estabelecidos. Ao trazer à tona as Fotografias ImPerfeitas, espero abrir espaço para novas formas de representação e inclusão na arte, na educação e na nossa sociedade.

Gestos de contato {gestos infraveles}: pequenas percepções para tempos pós-pandêmicos

Mayara de Lima
Mariana Silva da Silva

A pesquisa de iniciação científica pretende investigar e produzir um conjunto de gestos de contato {gestos infraveles} que flutuam pelo conceito-chave *inframince* de Marcel Duchamp (2008), infravele ou infrafino. Gestos que propõem inventar proposições a partir de pequenas percepções (GIL, 2005) em tempos pós-pandêmicos, tempos de tensão sanitária, econômica, política e social. Pretende-se encontrar gestos que escapam das normas dos espaços da vida cotidiana. Gestos que desobedeçam a linguagem (SKLIAR, 2014), e o que tais desobediências podem promover nos campos estudados, construindo textos e imagens em consonância com o imperceptível; propondo-se compartilhar a experiência da pesquisa no âmbito das artes visuais em espaços de arte e de educação, através de publicação nomeada *Pequeno livro dos gestos {infraveles}*. Nossa questão motivadora inicial trata-se de pensar quais gestos nos colocariam em contato com o outro, sem nos tocarmos de fato, gestos da distância, da leveza e do imperceptível, surgindo então algumas proposições e ações coletivas que escaparam a ordem da presença, mas que gestualmente nos colocaram em diálogo e contato com outros. Somando-se a elas, passamos a investigar outras perguntas, tais quais: O que seriam gestos *inframinces*? O que seriam gestos que suscitem pequenas percepções, que nelas se iniciam e se exaurem? Quais as diferenças entre o gesto *inframince* e outros gestos? Voltamos nossa produção para a imagem e a investigação vem construindo uma espécie de lista texto-visual que, em sua materialidade, procurará compartilhar os gestos instaurados na tentativa de também criar *um gesto de dar a ler* (SKLIAR, 2014) a quem se abrir a nossa invenção. A metodologia empregada é aquela orientada pela prática artística, e os objetivos da investigação são fomentar experiências poéticas baseadas na gestualidade, dialogando com diferentes campos de estudos, como a literatura e a filosofia (FLUSSER, 2014; TAVARES, 2021).

REFERÊNCIAS

- DUCHAMP, Marcel. **Notes**. Paris: Flammarion, 2008.
- FLUSSER, Vilém. **Gestos**. São Paulo: Annablume, 2014.
- GIL, José. **A Imagem-nua e as Pequenas Percepções**. Lisboa: Relógio d'Água, 2005.
- SKLIAR, Carlos. **Desobedecer a linguagem: educar**. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.
- TAVARES, Gonçalo de. **Atlas do corpo e da imaginação**. Porto Alegre: Dublinense, 2021.

Epistemicídio entre textos e imagens: uma discussão a partir das representações em apostilas do Ensino Médio

Merilin Baldan

Vania Maria dos Santos

Ana Lais Lúcia Campos

Carlos Eduardo Conceição Brito

A pesquisa apresenta os resultados parciais da iniciação científica (PIBIC-EM), de natureza qualitativa, do tipo teórica bibliográfica e análise exploratória das representações de África e pessoas negras em materiais didáticos utilizados no ensino médio da rede estadual de Mato Grosso. Para tal, selecionamos como objeto as apostilas de artes, história e geografia adotadas na rede estadual, produzidas pela Fundação Getúlio Vargas. A problemática trata de que modo as representações de África e de pessoas negras contribuem para o epistemicídio ou para uma educação antirracista? O objetivo geral é o de analisar as implicações das representações para o combate do epistemicídio e a construção de uma educação antirracista. A metodologia da pesquisa debruça-se, por um lado, sobre a relação texto e imagem (BITTENCOURT, 2017), levando em conta as diferentes formas artísticas que em as representações aparecem e que corroboram com os discursos epistêmicas e racistas e excludentes, assim como atuam na (des)construção da auto-estima. Para tal, faz-se necessário discutir as implicações do epistemicídio e do racismo e a sua presença nos currículos e nos materiais didáticos (GOMES, 2012), bem como a construção de uma educação antirracista, inclusiva e democrática. Dessa forma, o referencial adotado nesta pesquisa acolhe as teóricas críticas e decoloniais em educação. Os resultados parciais permitem compreender a perspectiva da construção de uma cultura e de uma educação às margens do domínio colonialista e opressor que tem silenciado os grupos subalternizados. As representações têm sido utilizadas dentro do pacto narcisista da branquitude (BENTO, 2014; SANTOS, 2021; hooks, 2019) para, ao mesmo tempo, estabelecer o padrão estético valorado e negar e/ou estereotipar negativamente os “outros”. A construção de uma educação antirracista, por meio de um currículo enegrescido (GOMES, 2012) e de uma arte decolonial (PAIVA, 2022), pode corroborar para o combate ao racismo e contra o epistemicídio.

REFERÊNCIAS

BENTO, Maria A. S. Branqueamento e Branquitude. In: CARONE, Iray; BENTO, Maria A. S.

(org.). **Psicologia social do racismo: estudos sobre branquitude e branqueamento**. Petrópolis: Vozes, 2014.

BITTENCOURT, Circe. Livros didáticos entre textos e imagens. In: BITTENCOURT, Circe (org.). **O saber histórico na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2017.

GOMES, Nilma L. Relações Étnico-raciais educação e descolonização dos currículos. **Currículo sem Fronteiras**, v.12, n.1, p. 98-109, jan./abr. 2012. Disponível em: http://www.apeoesp.org.br/sistema/ck/files/5_Gomes_N%20L_Rel_etnico_raciais_educ%20e%20descolonizacao%20do%20curriculo.pdf. Acesso em: 10 jun. 2023.

hooks, bell. **Olhares negros: raça e representação**. SP: Elefante, 2019.

_____. **Ensinando o pensamento crítico: sabedoria prática**. Editora Elefante: São Paulo, 2003.

PAIVA, Alessandra S. **A virada decolonial na arte brasileira**. Bauru: Mireveja, 2022.

Os *fazeres especiais* no ensino de Arte

Mônica da Silva Pedrini

Tharciana Goulart da Silva

A História da Arte foi construída a partir de centros de hegemonia, visando o padrão branco, europeu, masculino e hétero (ROMERO; BALISCEI, 2022). Apenas recentemente estamos conseguindo traçar novos caminhos para pensar a arte, partindo de histórias e perspectivas culturais que foram apagadas por não se enquadrarem nesses padrões. Tendo em vista esta questão, busco com Trabalho de Conclusão de Curso em desenvolvimento na Licenciatura em Artes Visuais da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC), sob orientação da professora Dra. Tharciana Goulart da Silva, refletir sobre o artesanato como forma de arte sistematicamente marginalizada por ser, de modo geral, feminina, para recolocá-lo no ambiente artístico do qual foi retirado. Para tanto, teço o embasamento teórico e metodológico a partir da Cultura Visual (DIAS, 2010, 2011; MARTINS, TOURINHO, 2011) e realizo duas coletas de dados. A primeira é construída a partir de minhas vivências familiares e pessoais com os *fazeres especiais* (RICHTER, 2003), assim, falo sobre minhas produções e diálogo com as mulheres artistas de minha família; a segunda coleta é construída a partir das aulas que ministro como estagiária no Instituto Federal de Santa Catarina (IFSC) para uma turma de 2º ano do Ensino Médio em decorrência disciplina de Estágio Curricular Supervisionado IV. Nestas aulas busco refletir como as experiências visuais do lar das famílias são vivenciadas esteticamente, porque os artesanatos estão dentro das casas e aparecem com raridade nos circuitos de arte, quem os produz e como foram colocados como sinal de desprestígio, visando, assim, revalorizar esta prática artística. A investigação até o momento apontou que os *fazeres especiais* tem se reerguido nas discussões artísticas. Nas aulas os estudantes receberam o tema com abertura e criticidade, mostrando que o compreendem como uma forma de arte, impregnada de possibilidades de discussão culturais, estéticas e afetivas.

REFERÊNCIAS

DIAS, Belidson. Entre arte/educação multicultural, cultura visual e teoria queer. In: BARBOSA, Ana Mae (org.). **Arte/educação contemporânea: consonâncias internacionais**. São Paulo: Cortez, 2010. p. 277-291.

_____. **O i/mundo da educação da cultura visual**. Brasília: Pós-graduação em arte da Universidade de Brasília, 2011. Disponível em: <https://repositorio.unb.br/handle/10482/32087>. Acesso em: 31 de mar. de 2023.

MARTINS, Raimundo; TOURINHO, Irene (org.). **Educação da cultura visual: conceitos e contextos**. Santa Maria: Ed. da UFSM, 2011.

RICHTER, Ivone Mendes. **Interculturalidade e estética do cotidiano no ensino das artes visuais**. Campinas: Mercado de Letras, 2003.

ROMERO, Flávia Fiorini; BALISCEI, João Paulo. “Você trabalha ou só faz artesanato?” a desvalorização do trabalho artesanal atravessando as questões de gênero. **Textura**, Canoas, v. 24, n. 59, p. 224-247, jul./set. 2022. Disponível em <http://www.periodicos.ulbra.br/index.php/txra/article/view/7006>. Acesso em 19 abr. 2023.

As mulheres professoras: a cartografia de histórias na docência

Pâmela Linéia Correia da Silva Mapelli

Martha Giudice Narvaz

Na caminhada da educação, tornar-se professora não é algo que se dá instantaneamente, ou que apenas se receba como dom. Há de se entender que esse é um percurso não linear, subjetivo e que pode apresentar inúmeros percalços, quando temos entendimento sobre todas as demandas e exigências que fazem parte desse papel. As mulheres professoras sofrem com a visão colonizadora sobre as potências de seus corpos, e de seus saberes. Por vezes, ao longo da história, tiveram a sua docência tida como uma extensão da maternidade, como algo natural. Por tanto, a fim de que se tenha um olhar às mulheres na sala de aula, o presente trabalho propõe a investigação da caminhada das mulheres-professoras, tanto a maneira como elas chegaram à docência, num período em que esse lugar era ocupado somente por homens, como as condições diferenciadas de salários. Ser e mulher, e professora, uma construção em constante formação e (des)formação, para assim, poder (des)aprender e aprender outras tantas possibilidades. Assim, com o método cartográfico, marcamos o ser mulher professora, com as linhas dos saberes dos nossos corpos, mobilizando nossas experiências. Dessa maneira, colaboramos para a não hierarquização de saberes. Há tantas mulheres professoras com experiências de lutas e glórias a serem tiradas de suas gargantas, por meio de suas vozes, para que componham uma parte de um fazer-se docente em tempos que nos pedem transgressão ao que já não cabe mais: o silêncio dos corpos. Há mulheres professoras que desejam esboçar, construir e entender sobre os devires que vêm construindo quando escutam a si mesmas. É o corpo, com seus saberes, que pede passagem, também na docência.

REFERÊNCIAS

CORAZZA, Sandra Mara. **O que se transcria em educação?** Porto Alegre: UFRGS; Doisa, 2013.

hooks, bell. **Ensinando comunidade: uma pedagogia da esperança.** Trad. Kenia Cardoso. São Paulo: Elefante, 2020.

LOURO, Guacira Lopes. Mulheres na sala de aula. In: PRIORI, Mary Del; PINSKY, Carla Bassanezi (org). **História das Mulheres no Brasil.** 10. ed. São Paulo: Contexto, 2017.

ROMAGNOLI, Roberta Carvalho. A Cartografia e a relação pesquisa e vida. **Psicologia & Sociedade**, v. 21, n. 2, p. 166-173, 2009. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/psoc/a/zdCCTKbXYhdVYL4VS8cXWh/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 10 jun. 2023.

SANTOS, Aldenise Cordeiro. Subjetividade e diferença na educação: Composição de professoras mulheres. In: FELDENS, Dinamara Garcia; VIEIR, Luciana Santos; CARVALHO, Lucas de Oliveira (org.). **Corpo, políticas e territorialidades**: Vol. I. Subjetividades & Diferença. Bauru: Editora Ibero-americana de Educação, 2022. p. 21-38.

UnBTV – TV da Universidade de Brasília. **Gênero e Colonialidade – Aula Pública com a Profª Drª Rita Segato**. [S. l.: s. n.], 2020. 1 vídeo (2 h 8 min 55 s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=VgcSZmwn8I4>. Acesso em: 16 abr. 2022.

O Teatro Social dos Afetos como ensaio para a transformação social: relato de estágio final pelo olhar de uma mulher cis branca com estudantes de Teatro em universidade de Blumenau, Santa Catarina

Paola Dozoretz Holzapfel

Flávia Roberta Busarello

Este relato conta minha experiência enquanto graduanda de Psicologia realizando a primeira parte do estágio específico com ênfase em Promoção de Saúde. Estou procurando olhar as vivências afetivas de estudantes do curso de Teatro de uma universidade em Blumenau através de lentes sócio-históricas-culturais, pelo olhar da Teoria dos Afetos de Spinoza, de Sawaia e Busarello (2022), para entender de que forma o encontro com o coletivo pode produzir saúde ético-política dentro de instituições educacionais. O diagnóstico grupal foi feito através de um questionário sociodemográfico e percebemos muitos marcadores sociais que perpassam a população, portanto optamos por trabalhar com técnicas do Teatro Social dos Afetos (FERNANDES, 2019). Já como dados parciais do estágio, criamos, com a colaboração da instituição, um grupo que se reúne quinzenalmente na universidade durante o horário de aula para falarmos dos nossos afetos, das alegrias e tristezas que atravessam nossos corpos caminhantes. O objetivo deste grupo é proporcionar encontros entre estudantes, em que as demandas psicossociais sejam escutadas e acolhidas pelo coletivo, oportunizando redes de apoio e ensaios de transformação social através da organização coletiva. Durante estes encontros, tenho percebido que trabalhar saúde ético-política de forma comunitária possibilita reflexão sobre a relação dialética entre os afetos vividos singularmente e as condições sociais existentes, a partir do olhar da diversidade de experiências e contextos. Essas reflexões ampliam o entendimento e enfrentamento dos seus sofrimentos, potencializando os corpos a perseverarem na existência. Deste modo, resgatar a potência coletiva é um posicionamento militante frente às narrativas neoliberais que pregam a extrema individualização dos corpos e afetos, portanto, de fundamental importância para o cumprimento do dever ético da Psicologia. Por fim, concluímos que o Teatro Social dos Afetos é uma metodologia poderosa para a Psicologia, que oferece ricas técnicas de abordagem e entendimento ético para o manejo psicossocial.

REFERÊNCIAS

FERNANDES, Kelly Cristina. **Teatro social dos afetos**. 2019. Tese (Doutorado em Psicologia: Psicologia Social) – Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia: Psicologia Social,

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2019. Disponível em:
<https://www5.pucsp.br/nexin/teses/kelly-cristina-fernandes.pdf>. Acesso em: 10 jun. 2023.

SAWAIA, Bader Burihan; BUSARELLO, Flávia Roberta. **A ideia de saúde ético-política como utopia da práxis psicossocial e de sofrimento ético-político como ensinante**. Embu das Artes/Manaus, 2022.

Possíveis cenas de emancipação: o que acontece (ou pode acontecer) no encontro entre teatro do oprimido, educação e adolescentes?

Patricia da Silva Wiersbitzki

Carmen Lúcia Capra

A pesquisa *Possíveis cenas de emancipação: o que acontece (ou pode acontecer) no encontro entre teatro do oprimido, educação e adolescentes?* É vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual do Rio Grande do Sul e está sendo desenvolvida em um projeto social no bairro Cavalhada, em Porto Alegre/RS. Tem como objetivo realizar encontros de teatro *em conjunto* com adolescentes participantes do projeto social e, a partir disso, propor reflexões sobre “possíveis cenas de emancipação” enquanto *acontecimentos* singulares e sensíveis que emergem a partir da experiência teatral e sobre os desafios encontrados no percurso da experiência teatral. Utilizando-se da Prática como pesquisa (PaR), educadora e adolescentes implicam-se juntos no processo de criação artística, demarcando a vivência e a experiência artística como o próprio método investigativo, sendo que os encontros têm como base os jogos e exercícios organizados no Teatro do Oprimido. Os conceitos principais abordados nesta investigação são emancipação, teatro e educação não escolar, tendo como principal aporte bibliográfico os autores Augusto Boal, Jacques Rancière, Paulo Freire, Julian Boal e bell hooks. Um produto educacional artístico-pedagógico está sendo pensado em concomitância à pesquisa, direcionado a docentes, a fim de contribuir em seus contextos de atuação. Até o momento, entre as considerações temos que, ao mesmo tempo em que a experiência teatral em processos educativos age como possibilidade de produzir cenas emancipatórias como mobilizadora de experiências sensíveis e singulares, também passa por desafios que implicam a novos olhares para a prática educativa em espaços não escolares, de forma a recriar as relações e o fazer na sala de aula. O trabalho também aponta os desafios e possibilidades da criação *em conjunto*, um fazer coletivo que não só reposiciona lugares e formas de atuação na sala de aula, mas também possibilitam o exercício de alteridade como prática emancipatória.

REFERÊNCIAS

BIANCALANA, Gisela. “CO”: prefixo latino que traz consigo o sentido de “com”. **PARALELO 31**, Pelotas, edição 18, p. 134-173, junho, 2022. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/index.php/paralelo/issue/view/1109>. Acesso em: 29 maio 2023.

BOAL, Augusto. **Teatro do Oprimido e outras poéticas políticas**. 6. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1991.

FERNANDES, Ciane; LACERDA, Cláudio Marcelo Carneiro Leão; SASTRE, Cibele; SCIALOM, Melina. A Arte do Movimento na Prática como Pesquisa. **Anais da ABRACE**, v. 19, n. 1, 2018. Disponível em: <https://www.publionline.iar.unicamp.br/index.php/abrace/article/view/3913>. Acesso em: 31 maio 2023.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da esperança**: um reencontro com a Pedagogia do oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2006.

hooks, bell. **Ensinando comunidade**: uma pedagogia da esperança. São Paulo: Elefante, 2021.

RANCIÈRE, Jacques. **O mestre ignorante**: cinco lições sobre a emancipação intelectual. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

Formação de educadores em Artes Visuais, pandemia da Covid-19 e ensino remoto

Rita Martins Vilela

Josenildo Santos de Souza

Adriene Coelho Ferreira Jerozolimski

Maristani Polidori Zamperetti

Este artigo evidencia o resultado de trabalhos do grupo de pesquisa “Pesquisa, Ensino e Formação Docente nas Artes Visuais” – CNPQ/UFPEL, durante o período da pandemia da COVID-19, SARS-CoV-2. O trabalho apresenta reflexões das implicações trazidos pela pandemia aos sistemas educacionais, a formação, os saberes e as práticas docentes. A metodologia de abordagem qualitativa, constituiu-se em entrevistas mediadas pelas tecnologias digitais e redes sociais (Whatsapp, Facebook, webconf) para coletar os relatos de experiências de docentes no ensino público na educação básica no período da crise sanitária global, entre os anos de 2020/2022, em algumas regiões do Brasil. O embasamento teórico se apoia em Brasil (2020), Boson (2022), Carvalho (2022), Gatti (2017, 2022), Morin (2001), Oliveira et al (2021), Saviani e Galvão (2021); Senhoras (2020) e Zamperetti (2021), dentre outros. As discussões e análises do resultado de pesquisa com nove educadoras/es de Artes Visuais, mostra a diversidade de experiências docentes no período pandêmico e remoto, apontando para a necessidade de reformulação das políticas, programas e projetos dos cursos de formação inicial e continuada (para educadores que já possuem experiências, bem como os que estão em início de carreira), a precariedade de infraestrutura das escolas em termos de recursos materiais, metodológicos, tecnológicos e de acesso à internet. É ressaltado o avanço da educação neoliberal, produzido pelos cortes de verbas para o financiamento da educação pública, o que trouxe consequências aos sistemas de ensino em todos os níveis, para fazer frente à crise contemporânea que acentuou as desigualdades sociais e educacionais no Brasil.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. **Parecer CNE/CP nº 15/2020**. Brasília: Conselho Nacional de Educação, 06 de outubro de 2020. Disponível em https://normativasconselhos.mec.gov.br/normativa/view/CNE_PAR_CNECPN152020.pdf?query=2020. Acesso em: 04 nov. 2022.

BOSON, Cleyton. Estudos mostram impacto da pandemia na educação e no mercado de trabalho da juventude brasileira. Porvir, São Paulo, 2022. Disponível em: <https://porvir.org/estudos-mostram-impacto-da-pandemia-na-educacao-e-no-mercado-de-trabalho-da-juventude-brasileira/>. Acesso em: 04 nov. 2022.

CARVALHO, Rogério. **Projeto de lei nº 2222, de 2022**. Estabelece normas a serem adotadas até 31 de dezembro de 2026, com vistas à recuperação das perdas educacionais decorrentes da pandemia de COVID-19. Disponível em: <https://legis.senado.leg.br/sdleg-getter/documento?dm=9191728&ts=1660848348420&disposition=inline>. Acesso em: 04 nov. 2022.

GATTI, Bernadete Angelina. Formação de professores, complexidade e trabalho docente. **Revista Diálogo Educacional**, Curitiba, v. 17, n. 53, p. 721-737, 2017. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/1891/189154956002.pdf>. Acesso em: 03 mar. 2022.

GATTI, Bernardete Angelina; GUIMARÃES, Luisa Veras de Sandes; PUIG, Daniel F. **Uma cartografia na formação de professores para a educação básica: práticas e soluções inovadoras em propostas curriculares**. São Paulo: Instituto de Estudos Avançados; Universidade de São Paulo, 2022. Disponível em: <https://www.livrosabertos.sibi.usp.br/portaldelivrosUSP/catalog/book/840>. Acesso em: 24 out. 2022.

MORIN, Edgar. **Os setes saberes necessários à educação do futuro**. São Paulo: Cortez; Brasília: UNESCO, 2001.

OLIVEIRA, Vinícius Luge; SILVA, Maria Cristina da Rosa Fonseca da; PERINI, Janine Alessandra. Os Professores de Artes Visuais e a Pandemia da COVID-19. **Momento: diálogos em educação**, v. 30, n. 01, p. 99-122, jan./abr., 2021. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/momento/article/view/13202>. Acesso em: 24 maio 2023.

SAVIANI, Dermeval; GALVÃO, Ana Carolina. Educação na pandemia: a falácia do ensino remoto. **Revista universidade e sociedade**, Brasília: Sindicato Nacional dos Docentes das Instituições de Ensino Superior – ANDES-SN, p. 36-49, 2021. Disponível em: https://www.andes.org.br/img/midias/0e74d85d3ea4a065b283db72641d4ada_1609774477.pdf. Acesso em: 10 jun. 2023.

SENHORAS, E. M. Coronavírus e Educação: análise dos impactos assimétricos. **Boletim de Conjuntura (BOCA)**, Boa Vista, v. 2, n. 5, p. 128-136, 2020. Disponível em: <https://revista.ioles.com.br/boca/index.php/revista/article/view/135>. Acesso em: 24 maio. 2023.

ZAMPERETTI, Maristani Polidori. Artes visuais e ensino remoto: paroxismo nas interações em tempos de pandemia. **Revista Palíndromo**, v. 13, n. 29, p. 37-53, jan. – abr. 2021. Disponível em: <https://www.revistas.udesc.br/index.php/palindromo/article/download/18977/12714/7167>. Acesso em: 04 nov. 2022.

FACTORS 8.0: explorando fronteiras da mediação cultural em meio à pandemia

Rittieli Quaiatto

Esse relato de experiência visa provocar uma reflexão crítica sobre o campo da mediação cultural nas exposições online de Arte e Tecnologia (AeT), a partir da oitava edição do Festival de Arte, Ciência e Tecnologia – FACTORS 8.0. Com base na minha participação junto à equipe educativa e da análise do evento, ocorrido em 2021, no Instagram e no Youtube, procurei observar as proposições e refletir sobre os meios de avaliar a experiência e a participação dos públicos nesse tipo de mostra. Sabemos que a pandemia do COVID-19 impôs imensos desafios ao cenário da arte, particularmente no campo das exposições de AeT, visto que grande parte dessa produção prevê interações diretas do espectador com a obra no espaço expositivo *in loco*. Ao adaptar as estratégias de mediação para o modo virtual, procuramos manter algumas características basilares como diálogo, provocação e construção coletiva de conhecimento. Para isso criamos, com ajuda de dispositivos tecnológicos, diferentes leituras sobre as obras da exposição, desenvolvemos *stories*, publicações, caixa de perguntas e *links* para outras plataformas relacionadas à mostra. No entanto, não recebemos respostas, perguntas ou contato dos públicos através dos espaços disponibilizados para tal comunicação. Ou seja, os parâmetros como compartilhamentos, curtidas e comentários nem sempre correspondem à realidade da mediação, mesmo que sirvam para perceber certo alcance obtido pela mostra. Assim, percebo a necessidade de métricas específicas para avaliar tal interação. Evidentemente, considero o momento delicado do isolamento e da pandemia, bem como o teor experimental do nosso projeto, mas não consigo evitar as questões: como identificar/qualificar/determinar a experiência do público nas exposições online, sobretudo nas exposições online de AeT? Como saber se nossos projetos alcançam, de fato, os públicos? Visualizar uma obra no Instagram é refletir e construir conhecimento sobre arte?

REFERÊNCIAS

- BIANCONI, M. Lucia; CARUSO, Francisco. Educação não-formal. **Ciência e Cultura**, São Paulo, v. 57, n. 4, p. 20, 2005. Disponível em: http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0009-67252005000400013&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 10 jun. 2023.
- CALIL, Carlos Augusto. **Entre viés ideológico e pandemia: cultura no Brasil enfrenta mais um desafio**. [Entrevista concedida a] Maria Eduarda Nogueira. Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo, ECA-USP. Publicação online em 02 de abril de 2020. Disponível em: <http://www3.eca.usp.br/noticias/entre-vi-s-ideol-gico-e-pandemia-cultura-no-brasil-enfrenta-mais-um-desafio-0>. Acesso em: 10 jun. 2023.

LABART. Página do Laboratório de pesquisa onde realizou-se o festival **FACTORS 8.0** no Instagram. Disponível em: <https://www.instagram.com/labart.ufsm/>.

FACTORS 8.0 [recurso eletrônico]: é Bienalsur: Festival de Arte, Ciência e Tecnologia / organização: Nara Cristina Santos, Mariela Yeregui. – Santa Maria, RS: Ed. PPGART, 2021. 1 e-book: il. Disponível em: <https://www.ufsm.br/app/uploads/sites/740/2021/12/Ebook-Factors-8.0.pdf>. Acesso em: 10 jun. 2023.

QUAIATTO, Rittieli D'Avila. **Do Espaço Expositivo à Mediação em Arte e Tecnologia:** estudo de caso do FACTORS. 2019. Dissertação (Mestrado em Artes Visuais) – Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2019. Disponível em: <https://repositorio.ufsm.br/handle/1/19302>. Acesso em: 10 jun. 2023.

Uso da caneta 3D nas aulas de Artes e suas potencialidades pedagógicas

Roberta Gerling Moro

Este relato tem como objetivo apresentar as experiências estéticas (DEWEY, 2010) de estudantes dos 6º e 7º anos a partir do uso da caneta 3D no âmbito das aulas de Artes na Escola Municipal de Ensino Fundamental José Paulo da Silva, localizada no distrito de Atlântida Sul, em Osório/RS. As aulas foram organizadas em três etapas principais: em um primeiro momento, foi realizada uma discussão a respeito do funcionamento das impressoras 3D e seu uso por artistas, médicos e estudantes. Nesta etapa, foram apresentados vídeos aos estudantes, a fim de observarem os principais usos da tecnologia nestes âmbitos, como a criação de próteses para cães deficientes, bem como a impressão 3D para o desenvolvimento de protótipos e projetos por estudantes de engenharia. Na segunda etapa, os estudantes passaram a experimentar a materialidade da caneta 3D a partir de pequenos exercícios que visavam a familiarização com a ferramenta, como a escrita de letras e criação de formas planas. Por fim, na terceira e última etapa, foi disponibilizado um tempo maior para que os estudantes pudessem desenvolver um projeto colaborativo em grupos a partir do fornecimento de templates, os quais serviram de referência para os trabalhos finais. Entre as principais produções dos alunos, destaca-se a criação de desenhos tridimensionais e objetos utilitários, tais como guitarra em pequena escala, óculos, animais montáveis, comidas, bem como outros objetos elaborados pelos próprios estudantes durante as aulas. Ao final, foi possível perceber que o uso da caneta 3D potencializou o desenvolvimento da criação e imaginação espacial, além de aprimorar a criatividade e a autonomia dos estudantes (BRASIL, 2018). Além disso, o uso da caneta 3D promoveu uma visão mais abrangente e interdisciplinar da Arte (LIAO, 2019), viabilizando um modo mais inovador e criativo que pode modificar pedagogicamente a relação das artes e das tecnologias emergentes.

REFERÊNCIAS

- BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**: Educação é a base. Brasília: Ministério da Educação, 2018. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518-versaofinal_site.pdf. Acesso em: 08 jun. 2023.
- DEWEY, John. **Arte como Experiência**. Tradução de Vera Ribeiro. São Paulo: Martins Fontes, 2010.
- LIAO, Christine. Creating a STEAM Map: A Content Analysis of Visual Art Practices in STEAM Education. In: KHINE, M; AREEPATTAMANNIL, S. (eds). **STEAM Education**. Springer, Cham, 2019. p. 37-55.

Praça CEU: momento cultural potencializando as vivências comunitárias

Roberta Soares Cornely

Sandra Monteiro Lemos

Este estudo, recorte de uma pesquisa mais ampla, que analisa as manifestações da cultura das mulheres de um equipamento público municipal, durante as vivências e realização de atividades dirigidas por uma educadora social, busca identificar vozes, fazeres e memórias que estariam mobilizando um determinado coletivo. Tendo como sujeitos de pesquisa, as integrantes do “Grupo Mulheres Transformadoras”, buscamos analisar a trajetória das mulheres que compõem o grupo. As primeiras conclusões apontam para alguns dos aprendizados vivenciados nos encontros. Assim apresentamos a Mostra de Talentos da Praça CEU. Tal evento foi organizado para que os grupos do espaço pudessem expressar, através das manifestações artísticas, o seu fazer no grupo de convívio. Dentre as apresentações realizadas, houve muitas narrativas cujo tema eram suas próprias vivências. O evento possibilitou uma infinidade de trocas e significações, afinal, eram modos de viver, sentimentos profundos de esperança que estavam sendo partilhados com outras pessoas. Nessas trocas, através da arte, foi possível compreender as diversas culturas que estão presentes naquela comunidade. Entre os achados da pesquisa destacamos os modos de comunicação com o outro e as possíveis (re)significações de pensamentos, ideias e opiniões que possivelmente impactarão em outras atitudes e ações. O protagonismo identificado na elaboração das apresentações artísticas permitiu entender a potência de uma ação social e o tamanho da sua relevância para aquela comunidade.

Arte, Educação e Ecologias: um percurso coletivo de aprendizagens

Rosana Gonçalves da Silva

Leda Maria de Barros Guimarães

O relato apresenta uma experiência na Disciplina Arte, Educação e Ecologias, parte integrante do projeto de estágio pós-doutoral⁶ (SILVA, 2021; 2018) no PPGACV FAV UFG. A disciplina Arte, Educação e Ecologias constituiu um percurso reflexivo e criativo sobre as relações das Artes e das Culturas Visuais e as Ecologias humanas, Educação ambiental, Meio ambiente, Cultura, Interculturalidade, Espiritualidade, Decolonialidade e os Comuns (Commons). A proposta constituiu algumas trilhas nas/com existências, as resistências e os processos de aprendizagens coletivas nas relações entre arte e ativismo a partir do trabalho de Pessoas, Pesquisadores, Docentes, Artistas e Arte/Educadores Ambientais. Consideramos as poéticas circulares, promovendo a diversidade de criatividade e aprendizagens, sentidos, sabedorias, ancestralidades, temporalidades, tecnologias, dentre outras emergências contemporâneas no trato com a arte, educação e as ecologias com as questões ambientais e com a natureza. O objetivo foi construir coletivamente um ambiente relacional, envolvendo e interrelacionando Arte, Educação e as Ecologias, ampliando as possibilidades de leituras inter e transculturais no campo das Artes e das Culturas Visuais. Na metodologia, trabalhamos durante um semestre, de modo remoto, as ecologias digitais (DI FELICE, 2017) uma maneira de habitar, utilizando plataformas e dispositivos interativos para viabilizar as interlocuções e vivências. Ainda, os aterramentos foram espaços para retroalimentar as ações, as aprendizagens, reflexões e proposições das ações/trabalhos práticos e os processos avaliativos. Como resultados, a cada ciclo, os estudantes cooperavam com a coconstrução apresentando suas visualidades e incorporavam leituras, considerando seus contextos de vida, docência e pesquisa artístico/acadêmica. Um Dossiê coletivo está em elaboração, considerando a dimensão comum da nossa riqueza compartilhada (GÁRCEZ 2013). Gestar ecologias foi o processo materializado a muitas vozes, experiências e corpos/os, partilhando um processo tripolar de formação humana, no qual se apoia a noção de Ecoformação Artística.

REFERÊNCIAS

DI FELICE, M. APRESENTAÇÃO. In: DI FELICE, Massimo; PEREIRA, Eliete S. (org.). **Redes e Ecologias Comunicativas Indígenas: as Contribuições dos Povos Originários à Teoria da Comunicação**. São Paulo: Paulus Editora. p. 09-13.

⁶ AnElos ENTRE a ECOFORMAÇÃO ARTÍSTICA E O MOVIMENTO ARTISTAS PELA NATUREZA – MAPN: O ARTIVISMO E A FORMAÇÃO HUMANA.

GARCÉS, Marina. **Un mundo común**. Disponível em: <http://comunizar.com.ar/wp-content/uploads/>. Acesso em: 17 mar. 2023.

SILVA, Rosana Gonçalves. **AnElos entre a ecoformação artística e o movimento artistas pela natureza** – MAPN: o artivismo e a formação humana. Projeto de Estágio Pós-doutoral. Programa de Pós-Graduação Arte e Cultura Visual – Universidade Federal de Goiás, 2021. Não publicado.

SILVA, Rosana G. Nas águas do “artivismo”: conectar pessoas em um banho de sentido. GUIMARAES, L.; REGO, L. (org.). **Ações políticas de/para enfrentamentos, resistências e recriações** [recurso eletrônico]: Anais [do] XXVIII Congresso Nacional da Federação de Arte/Educadores do Brasil [e] VI Congresso Internacional dos Arte/Educadores. Brasília, DF, 2018. p. 311- 325.

Susano Correia: olhar a arte para olhar para dentro de si – poéticas pessoais, pensamento crítico, criação

Rosane Gayeski Rosa

Apresento aqui o resumo de uma experiência pedagógica incrível e significativa envolvendo turmas do 9º Ano de duas escolas da zona rural de Flores da Cunha, RS. Ocorreu em 2019, marcando a primeira visita destes estudantes a uma exposição de arte (“Para sempre, nunca mais”, de Susano Correia, em Caxias do Sul). Convivendo com estas comunidades há vários anos, percebi a necessidade de desconstruir a ideia de inutilidade da arte e mostrar que é possível relacioná-la com a vida. Minha intenção foi fomentar o pensamento crítico e artístico e a descoberta de poéticas pessoais, a partir das questões levantadas pelo artista escolhido. Antes da visita, uma breve apresentação sobre o artista e sua trajetória. Após a visita, nova apreciação das obras e conversa sobre as impressões de cada um. Apresentei artistas referência para Susano e áudios do próprio artista comentando sobre alguns trabalhos, provenientes de conversa via WhatsApp dias antes. Na sequência, contemplando competências como Autoconhecimento e Autocuidado, num mergulho interno, cada estudante buscou seus sentimentos mais ocultos, a fim de escrever a frase que seria o fio condutor para seu trabalho, assim como nas obras do artista visitado. Concluídos os títulos, apresentei artistas que trabalharam com bordado e volume na pintura; trabalhamos o desenho da figura humana. Cada estudante escolheu as técnicas que usaria para transformar sua frase em representação plástica. As opções iam da aquarela, nanquim, bordado ao papel machê, desenho e colagem. Graças aos temas abordados nas produções, surgiram discussões sobre as inquietações da adolescência (medo de julgamento, suicídio) e como a arte pode tocar o público quando este se sente próximo da obra. Tornou-se claro o envolvimento dos estudantes, a abrangência das interpretações, a mudança de posicionamento em relação ao papel da arte e o aumento da confiança na sua capacidade de construção do conhecimento.

REFERÊNCIAS

- AJURIS – Escola Superior de Magistratura. **Círculos de Construção de Paz**, s/d. Disponível em: <https://www.ajurisjr.org.br/circulosemmovimento/circulos-de-paz/>. Acesso em: 10 jun. 2023.
- BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular (BNCC)**. Educação é a Base. Brasília, MEC, 2018. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf. Acesso em: 10 jun. 2023.

BUENO, Ronaldo. Pela primeira vez em Caxias, Susano Correia inaugura exposição nesta quinta-feira. **Jornal Pioneiro**, 2019. Disponível em: <http://pioneiro.clicrbs.com.br/rs/cultura-e-tendencias/noticia/2019/07/pela-primeira-vez-em-caxias-susano-correia-inaugura-exposicao-nesta-quinta-feira-10949321.html>. Acesso em: 10 jun. 2023.

FARIAS, Meri. Entrevista com Susano Correia. **Armazém de Cultura**, 2016. Disponível em: <https://armazemdecultura.wordpress.com/2016/09/30/susano-correia-tracos-literais-de-beleza-e-incomodo/>. Acesso em: 10 jun. 2023.

MARTINS, Mirian Celeste. Picosque, Gisa, Guerra, M. Terezinha Telles. **Teoria e prática do ensino da arte: a língua do mundo**. São Paulo: FTD, 2009.

SANTOS, Solange dos et al. **Por toda parte**, 6º Ano. São Paulo: FTD, 2015.

SECRETARIA MUNICIPAL DE SEGURANÇA PÚBLICA E PROTEÇÃO SOCIAL.
Manual do Facilitador de Círculos de construção de Paz – Aplicações preventivas. Caxias do Sul, 2016.

MARTINS, Mirian Celeste. Mediações culturais e contaminações estéticas. **Revista Gearte**, Porto Alegre, v. 1, n. 2, Agosto/2014. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/gearte/article/view/52575/32605>. Acesso em: 10 jun. 2023.

PREFEITURA DE CAXIAS DO SUL. Casa da Cultura recebe exposição de Susano Correia na próxima semana em Caxias do Sul. 2019. Disponível em: <https://caxias.rs.gov.br/noticias/2019/06/casa-da-cultura-recebe-exposicao-de-susano-correia-na-proxima-semana>. Acesso em: 10 jun. 2023.

SUSANO CORREIA. **Instagram do artista**. @susanocorreia. Disponível em: <https://www.instagram.com/susanocorreia/?hl=pt-br>. Acesso em: 10 jun. 2023.

_____. **Site do artista**. Disponível em: <https://www.susanocorreia.com.br/>. Acesso em: 10 jun. 2023.

Memória, tradição oral e teatro: cruzos de uma formação contracolonial e antirracista

Rubens dos Santos Celestino

Essa proposição foi desenvolvida em 2022, numa turma do 5º ano da Escola Municipal Duque de Caxias, localizada na comunidade negra rural quilombola Monte Recôncavo, na cidade de São Francisco do Conde - BA, visando à construção de um percurso investigativo-reflexivo acerca da prática artístico-pedagógica do Teatro, alicerçada nos valores afrobrasileiros da ancestralidade, da memória e da tradição oral desse território de identidade tradicional. Nesse sentido, o processo de ensino-aprendizagem se faz e se refaz a partir do legado histórico e cultural da própria comunidade, entendendo a arte do teatro como um *locus* do não esquecimento, da manutenção da memória, ou seja, uma encruzilhada de salvaguarda dos saberes e fazeres dos/das estudantes inseridos/as nesse contexto. Em outras palavras, ao propor esse olhar reflexivo e epistêmico nas narrativas da própria comunidade quilombola, compreendi o fazer teatral na escola como uma prática libertadora capaz de assumir um espaço de resistência e preservação do legado quilombola ancestral, sendo um viés (área de representação) de reverberação das vozes dos educandos e educandas ao refletirem sobre a riqueza das suas vivências nesse território, bem como suscitando possibilidades de enfrentamento do racismo. Desse modo, essa proposta artístico-pedagógica colocou os/as estudantes quilombolas no centro da “cena”, como protagonistas da sua própria história e das histórias de quem lhes antecederam (ancestrais espirituais e humanos). Com isso, a experiência nesse contexto enfocou os processos criativos/formativos/colaborativos do teatro comprometido com a implementação da Lei nº 10.639/03, em que a área de representação/jogo é concebida como um “laboratório” epistemológico da ação – reflexão – ação em prol do combate ao racismo, reconhecida como um contexto potencializador da existência e resitência negra quilombola, sendo uma proposição de decolonização do discurso a ser encenado, vivido.

REFERÊNCIAS

ADICHE, Chimamanda Ngozi. **O perigo de uma história única**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

BRASIL. **Diretrizes curriculares nacionais para a educação das relações étnico-raciais e para o ensino da História afro-brasileira e africana**. Brasília: SECAD/ME, 2004. Disponível em:

https://download.inep.gov.br/publicacoes/diversas/temas_interdisciplinares/diretrizes_curriculares_nacionais_para_a_educacao_das_relacoes_etnico_raciais_e_para_o_ensino_de_historia_e_cultura_afro_brasileira_e_africana.pdf. Acesso em: 10 jun. 2023.

GUEROLA, Carlos Maroto; SANTOS, Maricélia Conceição dos. **A gente já nasceu quilombola e não sabia**: histórias do Monte Recôncavo. Salvador: Ed. dos Autores, 2021.

MARTINS, Leda Maria. **A cena em sombras**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1995.

RUFINO, Luiz. **Pedagogia das encruzilhadas**. Rio de Janeiro: Mórula Editorial, 2019.

***ArtScience* e tecnologias no IFNMG Salinas: contemplação e registro da natureza**

Samuel Costa Barbosa

Telma Temoteo dos Santos

O objetivo deste trabalho é possibilitar à comunidade do Instituto Federal do Norte de Minas Gerais (IFNMG - Salinas), proximidade com a natureza em espaços que possivelmente passam despercebidos no dia a dia dos estudantes e servidores. Na metodologia, na primeira etapa, será criada uma página no *Instagram* com o nome “Ciência e Arte - Leituras de Mundo na Educação em Ciências”, na qual serão publicados conteúdos sobre Arte, Ciência, Ilustração e o passo a passo da participação e produção do material artístico. Será tomado como referencial teórico reflexivo as obras de Paulo Freire, Donald Macedo e Jacques Aumont. Na segunda etapa, serão anexadas telas com QR Code impresso e título do projeto, em espaços de área livre, ficando disponível em turnos e dias pré-informados ao público participante no mês de junho de 2023. Ao *scanear* o QR Code o participante será direcionado para a página do projeto no *Instagram*, com as informações: i) escolherá um local ou elemento para fazer a contemplação e o registro deste por meio de desenho livre; fotografar o desenho e enviar por meio de um *link* disponível no QR Code; ii) responderá (no mesmo formulário de envio do desenho), sobre a experiência de contemplar, registrar, se já o fazem costumeiramente, explicar brevemente o que ilustrou (o elemento/paisagem) e o motivo da escolha. Na terceira etapa, nos meses de julho e agosto de 2023, o material produzido pelos participantes será: i) analisado pelos pesquisadores, com professores convidados das áreas de linguagens a fim de discutirem os temas arte, ciência, tecnologias e natureza, e ii) organizado em um guia no formato de *e-book*, compartilhado no *site* do instituto. Espera-se que a realização das ações estimule outros atores sociais a pensarem sobre a integração dos componentes curriculares, em especial das ciências humanas, linguagens e ciências da natureza.

REFERÊNCIAS

AUMONT, J. **A imagem**. Campinas: Papirus, 2012.

FREIRE, P.; MACEDO, D. **Alfabetização: leitura do mundo, leitura da palavra**. São Paulo: Paz e Terra, 1990.

MACEDO, D. Alfabetização e pedagogia crítica. In: FREIRE, P.; MACEDO, D. **Alfabetização: leitura do mundo, leitura da palavra**. São Paulo: Paz e Terra, 1990.

Ausência de mulheres artistas em bibliografias para o ensino da arte

Silvana Boone

O objetivo desta comunicação é apresentar resultados obtidos entre 2022 e 2023, no projeto de pesquisa “Ausência das mulheres na arte: lacunas na história, na crítica e no ensino de arte” e debater sobre reflexos conceituais (in)visíveis na cultura adolescente do século XXI, realizado com quatro bolsistas de Ensino Médio/CNPq, enfatizando as bibliografias (ou a falta delas) direcionadas para o Ensino Médio. A metodologia utilizada foi a investigação bibliográfica nos principais livros que tem uma construção didática para o ensino médio, publicados no Brasil, mesmo que, a partir da realidade vigente da arte-educação nas escolas, essas bibliografias não sejam acessíveis e utilizadas. A pesquisa justifica-se pela importância ao tema e à constatação de que ainda passados mais de vinte anos do início do século XXI, ainda existe uma lacuna na visibilidade das artistas mulheres na história da arte e especificamente, no ensino da arte nas escolas, o que é parte significativa do problema, já que a escola é multiplicadora e a cadeia educativa acaba reproduzindo os resultados da indústria editorial. A partir do artigo “Por que não houve grandes artistas mulheres?”, de 1971, da historiadora de arte norte-americana Linda Nochlin (2016), questiona-se a ausência das mulheres artistas na história da arte, apontando questões associadas à sua produção, como arte feminina ou feminista, e direciona-se a atenção para a ausência das mulheres em comparação aos artistas homens. Apresenta-se também, os números de artistas mulheres que os livros apresentam, constatados pelas bolsistas, bem como o direcionamento para outras fontes de investigação que não apenas os materiais encontrados – e por vezes distantes no tempo e no espaço – produzidos pelas editoras e ao alcance das escolas.

REFERÊNCIAS

- ARGAN, Giulio Carlo. **Arte Moderna**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
- BELL, Julian. **Uma nova história da arte**. São Paulo: Martins Fontes, 2008.
- DEMPSEY, Amy. **Estilos, escolas e movimentos: guia enciclopédico da arte moderna**. 2. ed. São Paulo: Cosac & Naify, 2010.
- FARTHING, Stephen. **Tudo sobre a arte**. Rio de Janeiro: Sextante, 2010.
- _____. **501 grandes artistas**. Rio de Janeiro: Sextante, 2009.
- GARCEZ, Lucília; OLIVEIRA, Jô de. **Explicando a arte brasileira**. 2. ed. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004.

_____. **Explicando a arte:** uma iniciação para entender e apreciar as artes visuais. 6. ed. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004.

GOMBRICH, Ernst Hans. **A história da arte.** Rio de Janeiro: LTC, 2013.

HODGE, Susie. **Breve história da arte moderna.** São Paulo: Gustavo Gilli, 2019.

NOCHLIN, Linda. **Por que não houve grandes mulheres artistas?** São Paulo: Aurora, 2016.

PROENÇA, Graça. **História da arte.** 17. ed. São Paulo: Ática, 2007.

STRICKLAND, Carol; BOSWELL, John. **Arte comentada:** da pré-história ao pós-moderno. 8. ed. Rio de Janeiro: Ediouro, 2002.

Vir/a/ver: expressões visuais de professores nas escolas da beira dos rios da Amazônia

Silvia Carla Marques Costa

Esta comunicação integra o projeto de extensão, ainda em andamento, realizado no Curso de Licenciatura em Artes Visuais da Universidade Federal do Amapá/AP. Tem como objetivo oportunizar discussões de ensino das artes visuais nas escolas das beiras dos rios da Amazônia Amapaense. Atentos as demandas culturais, estéticas singulares da região, procuramos mobilizar futuros professores de artes visuais para reflexões e sistematizações de planejamento, currículo e práticas educativas não coloniais. Assim, o questionamento: Como ocorre a experiência nativa no ensino de arte na Amazônia? O projeto visa retomar pensamentos e sentimentos sobre o universo amazônico, através das sensações e visualidades. É um processo de olhar para as estéticas portáteis que contornam as existências ordinárias. Possui três etapas: primeiro, corresponde aproximação com professores de artes visuais do sistema modular de ensino da região amapaense e, solicitar capturas de imagens do cotidiano; segundo, captura de imagens do entorno escolar, identificando visualidades e, possíveis demandas educativas em artes visuais; terceira, promover encontros entre licenciandos e professores da rede pública de ensino e a realização de mostras de imagens. Nesse sentido, o que procuramos é tomar a voz, expressar com imagens as particularidades e elaborar um ensino de arte que promovam aprendizados por outros rituais de formação docente considerando visualidades e sensorialidades. Ou seja, a produção de subjetividades docentes entre sentir, pensar e a realização de produções visuais, tendo em vista o campo interdisciplinar da Cultura Visual⁷. Acessar outras formas de interação e o protagonismo da ação docente.

REFERÊNCIAS

CADÔR, A. B. **Ainda**: o livro como performance. Belo Horizonte: Museu de Arte da Pampulha, 2014.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

LARROSA, J. O Ensaio e a Escrita Acadêmica. **Educação & Realidade**, v. 28, n. 2, 2003. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/25643/14981>. Acesso em: 10 jun. 2023.

⁷ A institucionalização deste conceito marca, como afirma Pinney (1996), uma viragem da história de arte em direção à antropologia. Esta vertente está, desde logo, evidente na presença do termo cultura neste binómio, que é, como sabemos, o conceito estruturante do empreendimento epistemológico da Antropologia.

MARTINS, Alice Fátima; CIRINO, Renato. Homo Sensitivus: uma Reflexão sobre Sensibilidade do Professor de Artes Visuais em Formação. In: MONTENRI, R. H.; ROCHA, C. (org.). **Anais do V Seminário Nacional de Pesquisa em Arte e Cultura Visual**. Goiânia: UFG, FAV, 2012. p. 945-955. Disponível em: https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/778/o/2012-97_Homo_sensitivus.pdf. Acesso em: 10 jun. 2023.

PINNEY, Christopher. História paralela da antropologia e da fotografia. **Cadernos de Antropologia e Imagem**, n. 2, p. 29-52, 1996. Disponível em: <http://ppcis.com.br/wp-content/uploads/2018/09/Cadernos-de-Antropologia-e-Imagem-2.-Antropologia-e-Fotografia.pdf>. Acesso em: 10 jun. 2023.

A desenhografia de um movimento

Simone Maria Spanhol

A pesquisa de Mestrado intitulada *A Desenhografia de um Movimento* tem como temática a experimentação pela Desenhografia. Este método consiste na junção do desenho e a fotografia através do aplicativo de edição de imagens Picsart. O termo é de autoria da artista e reúne as palavras desenho+(foto)grafia. O objetivo geral visa experimentar produções com a desenhografia com uma turma de nono ano da rede municipal na cidade de Nova Prata. Os objetivos secundários evidenciam abordar as experiências conduzidas pela artista-desenhográfica no espaço dos Ateliês e propiciar o contato dos estudantes com a arte, a artista e seu universo imagético. A pesquisadora se insere no projeto através de um acervo pessoal que expressa o movimento de um corpo inspirado no artista Edgar Degas. Através dessas experiências, nasce a artista-desenhográfica que se coloca lado a lado com a professora através das aulas de Arte nomeadas de ‘Ateliês de Desenhografia’. Estes funcionam como um espaço propositor de experimentos artísticos que constituem as linhas cartográficas do projeto. As experiências se impregnam de inúmeros espetáculos (VALÉRY, 2003), trazendo as singularidades dos estudantes que a experimentam. Assim, o que mais se destaca não o resultado, mas o processo (DELEUZE; GUATTARI, 2011). O discente é convidado a desafiar suas possibilidades com ênfase nos modos de fazer. Diz-se que “todo cartógrafo é um artista” (COSTA, 2014, p. 66), mas todo artista, também, é um cartógrafo, pois ambos caminham por um território indefinido. Por fim, a pesquisa contribui para a construção do próprio acervo imagético dos estudantes, convidando-os a experiência artística e colocando-os em contato com a arte e a artista.

REFERÊNCIAS

- COSTA, Luciano Bedin da. A cartografia parece ser mais uma ética (e uma política) do que uma metodologia de pesquisa. **Paralelo** 31, v. 2, n. 15, p. 10, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/index.php/paralelo/article/view/20997/12946>. Acesso em: 10 jun. 2023.
- DELEUZE, Gilles. GUATTARI, Félix. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**, vol. 2. São Paulo: Editora 34, 2011.
- VALÉRY, Paul. **Degas Dança Desenho**. São Paulo: Cosac & Naify, 2003.

A aprendizagem em educação musical: uma pesquisa sob a abordagem da teoria da aprendizagem musical de Edwin Gordon

Sinval de Oliveira Pereira Júnior

Cristina Rolim Wolffenbüttel

O resumo exposto a seguir consiste em apresentar os principais aspectos do projeto de dissertação do Mestrado Profissional em Educação – PPGED/UERGS, que tem como objetivo pesquisar sobre a abordagem da *Music Learning Theory* (MLT) de Edwin Gordon, no contexto de uma escola de ensino fundamental localizada na cidade de Tupandi/RS, com alunos do primeiro ano. A *Music Learning Theory*, também conhecida como Teoria da Aprendizagem Musical, desenvolvida pelo musicólogo Edwin Gordon, é uma abordagem de ensino de música que se concentra no desenvolvimento auditivo das crianças e em estratégias de ensino que correspondem ao seu estágio de desenvolvimento (Gordon, 2003). A teoria baseia-se na crença de que a aprendizagem musical é uma habilidade auditiva que se desenvolve gradualmente, da mesma forma que a linguagem (Gordon, 2012). Além disso, a Teoria de Aprendizagem Musical de Gordon enfatiza a importância da sequência adequada de aprendizagem musical. Ele argumenta que a aprendizagem musical deve ser adaptada às necessidades individuais dos alunos, e que as atividades devem ser sequenciadas em ordem crescente de complexidade. Isso significa que as atividades iniciais devem se concentrar em aspectos simples da música, como ritmo e melodia, antes de passar para conceitos mais avançados, como harmonia e improvisação. Os objetivos com essa dissertação são: difundir a abordagem da *MLT*, tendo em vista que existem resumidas publicações sobre o assunto, por ser uma abordagem relativamente nova; realizar atividades musicais segmentadas a partir da *MLT*, visando uma aprendizagem satisfatória por parte dos alunos dessa pesquisa e incentivar a utilização dessa abordagem por outros educadores musicais. Esta pesquisa pode ampliar a compreensão da abordagem e contribuir para a aprendizagem musical das crianças.

REFERÊNCIAS

- CASPURRO, Helena. Audição e audição. O contributo epistemológico de Edwin Gordon para a história da pedagogia da escuta. **Revista da APEM: Associação Portuguesa de Educação Musical**, 2007. Disponível em: https://www.apem.org.pt/page14/downloads/files/audicao_e_audicao_apem.pdf. Acesso em: 10 jun. 2023.
- GORDON, Edwin. **Teoria de aprendizagem musical para recém-nascidos e crianças em idade pré-escolar**. 3. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. 2008.
- _____. **Teoria de aprendizagem musical: competências, conteúdos e padrões**. Tradução Maria Fátima de Albuquerque. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2000.

Homos(surdofobia): o estresse de surdos LGBTQIA+ em seus processos formativos

Tiago Ruan Pereira e Silva
Alexandre Adalberto Pereira
Waldir Ferreira de Abreu

Este resumo de uma pesquisa em andamento, tem como foco discutir os processos opressivos nas escolas, bem como a homofobia na vida de estudantes alunos surdos LGBTQIA+. Tratando-se de uma pesquisa bibliográfica, incidiu a partir de contribuições de Strobel (2006) que desenvolve o debate de inclusão de sujeitos surdos nas escolas e Junqueira (2009) que discorre os preconceitos que alunos gays sentem nas instituições de ensino, bem como os mesmos são tratados neste ambiente. E, também, os estudos de Silvestre (2014) que elenca as adversidades que estes surdos sentem fora do núcleo educacional por conta de seus marcadores identitários — surdez e sexualidade, apresentando um novo termo que é recente/invisível nas discussões da LGBTfobia: a *homossurdofobia*. Para Junqueira (2009), nas escolas, há resistências em discutir sobre a LGBTQIA+fobia e seus mecanismos de opressão, pois as instituições de ensino estruturaram-se de pressupostos tributários de conjuntos de crenças e normas responsáveis por diminuir a figura do outro (visto como “doente” e “pecador”), todos que não sintonizassem com um padrão valorizado pela heteronormatividade e pelos arsenais a ela ligados — branco, heterossexual, física e cognitivamente “normal”. Pois, para os pais de alunos que sejam homossexuais e/ou que possuam uma determinada deficiência, leva ao sentimento de culpa ou castigo de Deus, em razão de um dos desejos mais comuns dos pais é que seus/as filhos/as “sejam normais e saudáveis”. Missiato (2021) aborda que o homem europeu constituiu abismos da desigualdade, segregando populações, transformando a injustiça social. A homossurdofobia transcende valores, mecanismos de exclusão, que fere a moral — dos outros, e a sua verdade —, sistemas de crenças e representações, padrões sociais e identitários. Somos “influenciados” por mecanismos de poder, quem foge desses padrões, sofre consequências, no caso de surdos(as) LGBTQIA+, são obrigados (as) a se adaptarem numa cultura majoritariamente ouvinte, que lhe exclui e repreende, obrigando-o/a sentir a cultura diminuída e subalternizada.

REFERÊNCIAS

MISSIATTO, L. A. F. **Colonialidade Normativa**. Curitiba: Editora e Livraria Appris Ltda, 2021.

JUNQUEIRA, R. D. **Diversidade Sexual na Educação**: problematizações sobre a homofobia nas escolas. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, UNESCO, 2009.

SILVESTRE, Joubert. **Os entre-lugares**: um olhar sobre sujeitos surdos-homossexuais. 2014. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2014. Disponível em: <https://repositorio.bc.ufg.br/tede/handle/tede/7151>. Acesso em: 10 jun. 2023.

STROBEL, K. A visão histórica da in(ex)clusão dos surdos nas escolas. **ETD — Educação Temática Digital**, Campinas, v. 7, n. 2, p. 243-252, jun. 2006. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/etd/article/view/806/821>. Acesso em: 10 jun. 2023.

Inflexões no ensino de Artes Visuais: *para pensar uma arte/educação dissidente*

Valéria Morais

Fábio Wosniak

O presente resumo apresenta parte da pesquisa que vem sendo realizada na Universidade Federal do Amapá, no Grupo de Pesquisa Experiências e Dissidências nas Artes Visuais - UNIFAP/CNPq, que tem como objetivo investigar as práticas artísticas na perspectiva das estéticas decoloniais (GOMÈZ; MIGNOLO, 2012) no contexto Amazônico. No percurso da pesquisa, identificamos diversos artistas que tensionam e problematizam as existências amazônicas, reivindicando através das suas práticas artísticas maneiras de existir e se relacionar com o mundo diferente da lógica cisheterocolonial. Assim como diversos locais pelo mundo, a Amazônia foi alvo de processos dominadores que por muitos anos definiram/definem valores estéticos que favoreceram o apagamento de diversas comunidades e culturas. As ressonâncias deste processo colonizador – epistemicídio - refletem na produção estética uma definição de arte e de um fazer artístico universal, que tem como referência o ocidente. Tornando qualquer outra experiência estética que difere de uma lógica ocidental/ocidentalizada como anomalia, “um desvio do sujeito universal, um resíduo da verdadeira *àgora* política, uma minoria” (SEGATO, 2022, p. 84). A estética decolonial, da qual emerge esta pesquisa, desobedece às regras de uma investigação em artes visuais e arte/educação que institui como padrão desejável de humanidade o Ser branco, burguês, cristão. Ou seja, o “Eu hegemônico” e suas produções de saberes que excluem como sujeitos de conhecimentos todas/os aqueles/as que não integram a lógica da ciscolonialidade do saber, do sentir, do pensar e ser (CARNEIRO, 2023; GOMÈZ; MIGNOLO, 2012; VERGUEIRO, 2015). Na perspectiva que perseguimos, enquanto pesquisadores/as em arte/educação, nos interessa as experiências estéticas dissidentes. O que tem nos revelado a experiência da estética decolonial é, que ela, convoca outros sentidos que dinamizam as percepções e a experiência humana na sua relação com o mundo. São acionadas cosmopercepções (OYEWÙMÍ, 2021), como bem podemos observar nas obras de artistas como Bruno Soares, Denilson Baniwa, Éder Oliveira, Laíza Ferreira, Seria Caranguejo, Jonas Modesto, Moka e tantos/as outros/as.

REFERÊNCIAS

CARNEIRO, Sueli. **Dispositivo de racialidade:** A construção do outro como não ser como fundamento do ser. Rio de Janeiro: Zahar, 2023.

GÓMEZ, Pedro Pablo; MIGNOLO, Walter. **Estéticas decoloniais**. Bogotá: Editorial Universidade Distrital Francisco José de Caldas, 2012.

OYÈRÓNKÉ, Oyewùní. **A invenção das mulheres**: construindo um sentido africano para os discursos ocidentais de gênero. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021.

SEGATO, Rita. **Cenas de um pensamento incômodo**: gênero, cárcere e cultura em uma visada decolonial. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2022.

VERGUEIRO, Viviane. **Por inflexões decoloniais de corpos e identidades de gênero inconformes**: uma análise autoetnográfica da cisgeneridade como normativa. 2015. Dissertação (Mestrado em Cultura e Sociedade) – Programa de Pós-graduação em Cultura e Sociedade, UFBA, Salvador, 2015. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/bitstream/ri/19685/1/VERGUEIRO%20Viviane%20-%20Por%20inflexoes%20decoloniais%20de%20corpos%20e%20identidades%20de%20genero%20inconformes.pdf>. Acesso em: 10 jun. 2023.

A cidade de Osório-RS sob as lentes da Cidade Educadora e da Cidade Aberta

Vinícius Silveira Borba

A Cidade é o principal palco das vivências humanas, são objetos de estudos de diversas áreas da ciência, incentivando o exercício de olhares cada vez mais múltiplos em busca de soluções de problemas globais em um âmbito local. Neste sentido, a disciplina de Cidades Audiovisuais, Inteligente e Sustentáveis, vivenciada por meio do Programa de Pós-graduação em Educação da Unisinos trouxe a possibilidade de analisar a cidade de Osório/RS sob as lentes de dois conceitos: o de Cidade Educadora e o conceito de Cidade Aberta. A análise foi realizada durante visitas possibilitadas a partir do projeto “Ver Osório: Rotas que Contam Histórias”, iniciativa do grupo de pesquisa Audiovisualidades e Tecnocultura: Comunicação, Memória e Design, ligado ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Unisinos, em parceria com a Prefeitura de Osório (Unisinos, 2021). A ação foi uma atividade compartilhada pela graduação e pós-graduação, além de ter a participação de moradores de Osório, município localizado no litoral do Rio Grande do Sul, que serviu de estudo de caso. Assim, este trabalho tem como objetivo relatar as situações percebidas ao longo das três visitas técnicas realizadas na cidade de Osório-RS, durante o mês de outubro de 2021, proporcionadas pela disciplina de Cidades Audiovisuais, Inteligentes e Sustentáveis da Unisinos, sob a ótica dos princípios descritos na Carta das Cidades Educadoras e sob a ótica dos preceitos do conceito de Cidade Aberta. Para além da conclusão de que a cidade de Osório é uma cidade educadora e aberta, com possibilidades de obter a excelência nestes quesitos, fica a lição de a união entre educação e urbanismo não é uma via de mão única onde a educação faz suas exigências para adequação do espaço dentro de seus muros, mas também a cidade pode educar por si só, transmitir valores humanos, valorizar a diversidade e evitar conflitos.

REFERÊNCIAS

ASOCIACIÓN Internacional de Ciudades Educadoras. Carta de Ciudades Educadoras. [S.l.: s.n.], 2004. Disponível em: <https://www.edcities.org/pt/>. Acesso em: 10 jun. 2023.

BENEVOLO, Leonardo. **Diseño de la ciudad – 5: El arte y la ciudad contemporánea**. Barcelona: Gustavo Gili, 1982.

SENNETT, Richard. **Construir e Habitar: Ética para uma cidade aberta**. Rio de Janeiro: Editora Record, 2018.

DE BETTIO, Paola. Disciplina “Cidades Audiovisuais, Inteligentes e Sustentáveis” estreia no segundo semestre. **Notícias Unisinos**, São Leopoldo, 2021. Disponível em: <https://www.unisinos.br/noticias/disciplina-cidades-audiovisuais-inteligentes-e-sustentaveis-estrea-no-segundo-semester/>. Acesso em: 10 jun. 2023.

Gravitações poéticas: *percursos de criação na formação inicial em Artes Visuais*

Vivian Coelho de Abreu

Fábio Wosniak

Este ensaio é resultado das investigações realizadas durante a elaboração do trabalho de conclusão de curso na Licenciatura em Artes Visuais da Universidade Federal do Amapá/UNIFAP. Esta pesquisa objetivou refletir acerca da prática artística de Tunga no contexto do ensino de arte contemporâneo e na formação inicial em Artes Visuais. A pergunta que tangenciou essa investigação foi: Como se apropriar dos processos criativos e das narrativas ficcionais de Tunga para pensar/repertoriar estudantes da Licenciatura em Artes Visuais? Assim como Tunga se apropriou de alguns conceitos da biologia, para pensar seus trabalhos, trouxemos essas noções para construir um percurso formativo. A partir das fases que simulam a nutrição, criamos a metáfora que “alimentaria” os processos de criação/pesquisa dos/as participantes: Epigênese; Fagia; Digestão; e Expulsão, as considerações sobre o processo e articulações com outros artistas. Esta pesquisa seguiu a linha qualitativa, situada no campo das Artes Visuais e da Arte/Educação. Onde foi possível refletir sobre como elaborar percursos investigativos-poéticos a partir dos conteúdos específicos das Artes Visuais – cor, materiais, forma, linhas - que ressoaram da análise da prática artística de Tunga e suas obras, tendo como referência metodológica a bricolagem. Ainda, como parte da metodologia, foi elaborado um minicurso com proposições estético-artísticas para acadêmicos/as da Licenciatura em Artes Visuais da UNIFAP. Como resultado deste processo e para a análise dos dados, foi produzido um ensaio visual. Com essas imagens foi possível problematizar sobre a articulação entre arte contemporânea, formação inicial docente e ensino de arte. No percurso do minicurso, enunciaram-se outras problematizações: investigações sobre materiais, repertorização dos/as professores/as, tempo/espaço de criação. Para concluir, entendemos que se torna cada vez mais emergentes proposições de formação inicial e continuada na perspectiva dos processos artísticos contemporâneos, que pensam e problematizam nossos contextos, existências e reivindicam maneiras de existir mais democráticas e humanas.

REFERÊNCIAS

DUARTE, Paulo Sergio. A Poética de Tunga. In: BASBAUM, Ricardo. **Arte contemporânea brasileira**. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2001. p. 124-128.

FERNANDES, Daniela. Tunga. **Revista Trip**, 16 de novembro de 2010. Disponível em: <https://revistatrip.uol.com.br/trip/tunga>. Acesso em: 23 mar. 2023.

KINCHELOE, Joe L.; BERRY, Kathleen S. **Pesquisa em educação**: conceituando a bricolagem. Artmed, 2007.

LAMPERT, Catherine. **Tunga**. Cosac Naify, 2019.

TUNGA - Antônio José de Barros Carvalho e Mello Mourão. **Guiadasartes**, 2015. Disponível em: <https://www.guiadasartes.com.br/tunga-antonio-jose-de-barros-carvalho-e-mello-mourao/resumo>>. Acesso em: 23 mar. 2023.

TUNGA. **Barroco de lírios**. São Paulo: Cosac Naify, 1997.

